

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Fernanda Cristina Dias

Winnicott e a identidade feminina: uma análise histórico-crítica

São Paulo
2021

FERNANDA CRISTINA DIAS

Winnicott e a identidade feminina: uma análise histórico-crítica

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientador: Professor Livre-Docente Dr. Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

São Paulo
2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Dias, Fernanda Cristina

Winnicott e a identidade feminina: uma análise histórico-crítica / Fernanda
Cristina Dias; orientador Leopoldo Fulgencio. -- São Paulo, 2021.
157 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo,
2021.

1. sexualidade feminina. 2. identidade feminina. 3. teoria do desenvolvimento
emocional. 4. Winnicott, Donald Woods.. I. Fulgencio, Leopoldo , orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Fernanda Cristina Dias

Título: Winnicott e a identidade feminina: uma análise histórico-crítica

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Psicologia

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Ao Marcelo, que desperta o que há de melhor em
mim.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento.

Ao professor Dr. Leopoldo Fulgencio por ter me orientado com dedicação e cuidado e pelo valioso apoio nos momentos de dificuldades. Agradeço também por sua postura ética e profissional.

Aos colegas do grupo de pesquisa, Marcia Bozon, Sylvia Labrunetti, Thiago Marques, Ludymilla Zacarias, Georgiano Pereira, Marília Velano, Fernanda Fernandes, Mariana Pajaro e Marcos Fontoni, pela troca contínua.

À Isabel Castello Branco pelo cuidado e pela presença tranquila e constante, me fornecendo a experiência de um ambiente suficientemente bom. Agradeço também por me ajudar a ser mulher.

À Maria Cecília Schiller pelo profissionalismo e escuta atenta aos meus casos clínicos e por me oferecer um ambiente rico e profundo de conhecimento.

Às minhas pacientes e aos meus pacientes, por me confiarem suas histórias e me proporcionarem a oportunidade de me tornar psicanalista.

Ao meu pai, Nilton Antônio Dias (*in memoriam*) e, minha mãe, Claudia Zago Dias, por me darem a vida.

À Janaina René Scaff Marques pela oportunidade de acompanhar sua jornada de menina-mulher, de descoberta do mundo e da construção de uma vida para chamar de sua.

À Flora Marques Van Acker pelo cuidado e dedicação ao meu texto.

À Kátia Scaff Marques e ao Ricardo Van Acker, minha cunhada e meu cunhado, pelo carinho e convivência.

Aos amigos da Sociedade Alternativa, pelas risadas e trocas, pelas festas regidas a muita música, boa comida e muita gente estranha reunida! Agradeço também pela construção de um sonho em conjunto de uma sociedade mais alegre. Em especial, agradeço à Márcia Leme e à Rosangela Anzzelotti pelo carinho e diversão garantida e pelas coreografias e ensaios de *backing vocals*.

E finalmente, não menos importante, ao meu marido e companheiro, Marcelo Scaff Marques, pela riqueza de experiências que vivenciamos juntos e por seu amor implacável, despertando o melhor de mim. Ao seu lado, sou feliz e sou mulher.

EPÍGRAFE

“Ela me conta que (...)

Com alguns homens foi feliz, com outros, foi mulher
Que tem muito ódio no coração, que tem dado muito amor
E espalhado muito prazer e muita dor
Mas ela ao mesmo tempo diz que tudo vai mudar
Porque ela vai ser o que quis, inventando um lugar
Onde a gente e a natureza feliz vivam sempre em comunhão
E a tigresa possa mais do que o leão
As garras da felina me marcaram o coração
Mas as besteiras de menina que ela disse não
E eu corri pro violão num lamento, e a manhã nasceu azul
Como é bom poder tocar um instrumento”
(Caetano Veloso, trecho da canção *Tigresa*)

RESUMO

Dias, F. C. (2021). *Winnicott e a identidade feminina: uma análise histórico-crítica* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nesta dissertação, tem-se o objetivo de analisar a compreensão de Winnicott sobre o processo de constituição da identidade feminina, tendo como referência a sua teoria do desenvolvimento emocional. Para isto, propõe-se, depois de enquadrar qual é o significado e referência do que se coloca como sendo a identidade feminina na psicanálise em geral, centrada na questão do falo e do complexo de Édipo, delimitar a pesquisa na concepção desenvolvimentista de Winnicott e mostrar as diversas maneiras como ele se refere à identidade feminina. Nesse sentido, depois de analisar como se dá o processo de constituição da identidade, será retomada a obra de Winnicott para analisar histórica e criticamente os principais momentos em que ele se refere a este tema-conceito, procurando mostrar que ser mulher não constitui fenômeno redutível à castração nem ao complexo de Édipo. Com este tipo de entendimento espera-se não apenas contribuir para a compreensão deste fenômeno clínico e do desenvolvimento, mas também, considerando a tese da bissexualidade humana, verificar que há processos assim analisados que servem tanto para o gênero feminino como o masculino.

Palavras-chave: sexualidade feminina; identidade feminina; teoria do desenvolvimento emocional; Winnicott, Donald Woods.

ABSTRACT

Dias, F. C. (2021). *Winnicott and the female identity: a historical and critical analysis* (Master's Dissertation). Institute of Psychology, University of Sao Paulo, Sao Paulo.

This dissertation has the objective to analyze Winnicott's understanding of the process of constitution of female identity, taking his theory of emotional development as a reference. For this, it is proposed, after framing what is the meaning and reference of what is posed as being the female identity in psychoanalysis in general, focused on the issue of the phallus and the Oedipus complex, to delimit the research in the developmental conception of Winnicott and show how different ways he refers to female identity. In this sense, after analyzing how the identity constitution process takes place, Winnicott's work will be resumed to analyze historically and critically the main moments in which he makes reference to this theme-concept, trying to show that being a woman is not a phenomenon. reducible to castration or to the Oedipus complex. With this type of understanding, it is expected not only to contribute to the understanding of this clinical phenomenon and development, but also, considering the thesis of human bisexuality, to verify that there are processes thus resulting that serve both the female and the male gender.

Key-words: female sexuality; female identity; theory of emotional development; Winnicott, Donald Woods.

Introdução	12
Objetivo	17
Justificativa	18
Método	18
Desenvolvimento	19
Capítulo 1. O problema da sexualidade feminina na teoria freudiana: uma questão em aberto	22
1 Aspectos históricos e sociológicos sobre a questão da mulher: o período vitoriano, o puritanismo e a sexualidade	22
<i>1.1 A mulher no período vitoriano: o controle do pathos e a criação da mulher doméstica, o poderoso sexo frágil</i>	24
2 Quadro geral sobre o feminino e a mulher em Freud	29
<i>2.1 Três ensaios sobre a teoria da sexualidade</i>	29
<i>2.2 A dissolução do complexo de Édipo</i>	34
<i>2.3 Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos</i>	35
<i>2.4 Sexualidade feminina</i>	37
<i>2.5 Feminilidade. Conferência 23. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos.</i>	41
3 Considerações finais	43
Capítulo 2. Quadro geral sobre o feminino e a mulher nos pós-freudianos: de continente inexplorado à ocupação de um terreno fértil para novos desenvolvimentos	45
1 Apresentação dos eixos de análise	45
<i>1.1 Discussões em torno dos pressupostos de Freud: escola de Viena</i>	47
<i>1.2 Discussões em torno dos pressupostos de Abraham: escola de Londres</i>	49
2 Considerações finais	59
Capítulo 3. Aspectos gerais do pensamento de Winnicott: do apartidarismo do Middle Group à defesa do lar comum	61

1 A teoria do desenvolvimento emocional: formulações criativas no Segundo Reich da psicanálise	61
1.1 A importância do ambiente na teoria de Winnicott	66
<u>1.1.1 A mãe suficientemente boa: questões sociológicas e psicológicas por trás da mãe comum inglesa do século XX</u>	66
<u>1.1.1.1 Aspectos sociológicos: a contribuição da mãe para a sociedade</u>	68
<u>1.1.1.2 Aspectos psicológicos: a preocupação materna primária</u>	72
2 Considerações finais	73
Capítulo 4. As noções de identidade e sexualidade feminina na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott	75
1 A visão geral da obra a partir dos principais comentadores	75
2 O processo de construção da identidade: o perfume característico do bulbo que desabrocha	77
2.1 Fase da Dependência Absoluta (da origem até aproximadamente o quarto mês)	78
<u>2.1.1 Vida Intrauterina: a experiência de continuidade de ser não relacional (“sou”)</u>	78
<u>2.1.2 Após o nascimento: modelo de relação subjetiva (“sou”, experiência identitária)</u>	79
2.2 Fase da Dependência Relativa (do quarto mês até aproximadamente 18 meses): modelo de relação transicional (“sou com” e “sou diferente de”)	81
2.3 Fase da Independência Relativa Infantil: modo de relação interpessoal na Fase Edípica e na Latência (“Eu sou” e “Eu sou X”)	83
2.4 Fase da Independência Relativa Adulta: modo de relação interpessoal na Adolescência e na Vida Adulta (“Eu sou” e “Eu sou X”)	85
3 O elemento feminino puro e o elemento masculino puro: a base identitária para a integração posterior da sexualidade	86
4 O estabelecimento da sexualidade feminina	93
4.1 Retorno às etapas pré-genitais de alimentação e excreção: o início da elaboração imaginativa da vagina	95

<i>4.2 As experiências da etapa pré-genital fálica: a inveja do pênis e a existência do macho dentro da menina</i>	96
<i>4.3 O complexo de Édipo feminino e a preparação para a genitalidade</i>	98
<i>4.4 A vivência da genitalidade feminina</i>	101
5 Considerações finais	103
Capítulo 5. Análise histórico-crítica das referências de Winnicott à identidade feminina	106
1 Análise histórico-crítica	109
<i>1.1 Período 1(1930-1939): tornando-se psicanalista</i>	110
<i>1.2 Período 2 (1940-1949): olhando para a mãe</i>	110
<i>1.3 Período 3 (1950-1959): a mãe do lar comum e a identificação com o feminino</i>	111
<i>1.4 Período 4 (A partir de 1960): a identidade como base para a vida instintual</i>	117
2 Análises complementares: será que é tudo sobre a minha mãe?	126
3 Considerações finais	129
Capítulo 6. Interpretação da construção da identidade feminina para Winnicott: perspectivas e lacunas deixadas pelo autor	131
1 Apresentação geral da noção de identidade feminina	132
2 Primeiro degrau: Winnicott, encara a maternidade e vê a mãe-ambiente	134
3 Segundo degrau: o lar comum é o lugar do ambiente	135
4 Terceiro degrau: desconstruindo a mãe, encontramos um ambiente real	136
6 O topo da escada de Winnicott: o analista que cuida	142
7 Subindo mais um degrau, com nossa própria escada: Winnicott no século XXI	143
8 Considerações finais	146
Referências	149

Introdução

Um dos livros de Winnicott¹ tem como título *Tudo começa em casa*, mas bem poderia ser “Tudo começa com A MULHER²”, dada a centralidade da mãe, da questão da dependência e do elemento feminino puro³ na sua obra e no seu pensamento sobre o desenvolvimento emocional. Assim, ele afirma:

... é realmente muito difícil que um homem ou uma mulher aceitem de verdade o fato da dependência absoluta e depois, relativa, naquilo que ela se aplica ao homem e à mulher já adultos. Por tal razão há um fenômeno separado que denominamos MULHER, que domina todo o cenário e afeta todo o nosso raciocínio. MULHER é a mãe não-reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e de toda mulher. [itálicos nossos] (Winnicott, 1986g, p.150)

A citação acima anuncia o papel central colocado na mulher-mãe na tese winnicottiana e sua condição de peça-chave no ato inaugural do estar-no-mundo de todos os indivíduos, homens e mulheres. A condição do não reconhecimento da dependência inicial à cuidadora ou ao cuidador principal (geralmente a mãe) mostra a negação do feminino como aspecto estruturante e primordial, abrindo um campo de indagações sobre a MULHER, esse “fenômeno separado” e causador de tantas inquietações, segundo o autor.

Conforme o que é descrito na Bíblia Sagrada⁴, o medo da mulher está presente na sociedade ocidental a partir do mito de Adão e Eva. A criação da mulher por Deus é a partir do homem, e sua função primordial é servir de apaziguadora do tédio masculino. Nessa anedota religiosa, há uma inversão da gênese da espécie humana, sendo o homem o elemento do qual deriva a mulher. Em seguida, como retaliação por ter sido enganada pela serpente, à Eva foi dada a seguinte sentença: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”

¹ Como referência à obra de Winnicott, as citações são feitas a partir da “Lista completa das publicações de D. W. Winnicott” organizada por Kund Hjulmand (1999), considerando o ano da primeira publicação de cada artigo ou livro, bem como uma letra que designa a ordem em que foi publicado naquele ano.

² Privilegiamos a grafia específica do autor sobre a questão da dependência aos cuidados iniciais, referindo-se à MULHER, que possui significado distinto da ideia de mulher, uma pessoa adulta do sexo feminino. O Capítulo 5 deste trabalho abordará essas diferenças de maneira detalhada.

³ A palavra “puro” neste contexto assume um sentido específico e não deve ser confundida com uma essência feminina. O capítulo 4 deste trabalho abordará com detalhes esta questão.

⁴ A BÍBLIA. Gênesis (pp. 3-40). Tradução de João Ferreira Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica, 1993. Velho Testamento.

(Gênesis: 3: 16). Nesse sentido, a transferência de “poder” para a procriação é com base no pecado e não na exaltação das capacidades intrínsecas ao feminino. Porém, visto de outro modo, não seria a criação de Eva a constatação da fragilidade de Adão e de sua condição de dependência, incapaz de seguir seu caminho sozinho e gerar, a partir de sua carne, outros descendentes?

As palavras bíblicas, proferidas repetidamente por mais de dois mil anos, ainda assombram homens e mulheres, que se encontram em dívida com Eva, sendo a mulher o mal necessário para a criação da espécie humana. Mesmo para ateus e aqueles mais céticos, a existência da mulher denuncia o papel inaugural da mãe, ainda que haja tentativas sucessivas de retirar sua importância ou de restringi-la ao desejo do marido.

Roudinesco e Plon (1998), a soberania da estrutura patriarcal em detrimento de uma possível estrutura matriarcal é um dos mitos da cultura moderna, definindo o matriarcado ora como representante do caos e da desordem, ora como o paraíso natural, sendo que ambas condições deveriam ser suplantadas.

A escuta clínica tem me permitido adentrar nesse campo da dependência ou nas questões ligadas à MULHER (como representante da relação inicial de dependência à cuidadora ou cuidador principal) em diversas situações.

A clínica psicanalítica pensada no modelo pulsional tal qual descrito por Freud poderia levar a caminhos distintos aos de Winnicott, que pôde se atentar à questão da dependência, iluminando os impasses em ser confrontado e em confrontar o objeto (objetivamente percebido), no processo de estabelecimento da identidade.

No contexto psicanalítico em geral, fala-se, sobretudo, em sexualidade feminina, feminino e feminilidade, em que a hegemonia do falo e do complexo de Édipo são elementos norteadores. Segundo Roudinesco e Plon (1998), inicialmente Freud interessou-se pelas mulheres pela via da psicopatologia, tendo na histeria a elucidação de um traço feminino à mercê do saber médico. A partir de 1905, com o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud repensou a questão da sexualidade sem o objetivo de descrever a diferença sexual a partir da anatomia e nem tampouco de delimitar o papel social da mulher. No entanto, ao pensar nas distintas resoluções do complexo de Édipo para meninos e meninas, formula o papel central do falocismo na menina (que quer ser um menino), e, ao mesmo tempo, define um monismo sexual em torno do apego à mãe, objeto de desejo de todos os indivíduos. Nesse mesmo texto, menciona haver “uma obscuridade impenetrável” em torno da sexualidade feminina.

Ao longo do desenvolvimento de suas teorias, Freud foi encontrando resistências, principalmente por parte de Melanie Klein (1927) e Josine Müller (1925), que o criticavam por negar que mulheres poderiam ter o sentimento de possuir uma vagina, e, posteriormente, de Karen Horney (1925, 1932 e 1933), que afirmava a diferenciação anatômica como determinante para a constituição de cada sexo, refutando as ideias freudianas de sexo único.

No entanto, em textos tardios (1931b e 1933a) sobre a sexualidade feminina, Freud reconheceu que talvez as psicanalistas mulheres pudessem compreender melhor a sexualidade feminina e que para isso seria necessário também compreender as fases pré-edípicas de apego à mãe.

Para Grigg, Hecq e Smith (1999), as discussões acerca da sexualidade feminina dividiram-se entre dois eixos, a partir de um artigo decisivo publicado por Abraham (1922), analisando a sexualidade feminina por meio das relações de objeto e das relações edípicas arcaicas da menina-bebê. Conservando os pressupostos freudianos, estavam de um lado Helene Deutsch, Jeanne Lampl De Groot, Ruth Mack Brunswick e Marie Bonaparte; e, do lado de Abraham, duas de suas discípulas, Klein e Horney, além de Ernest Jones.

A respeito das contribuições da psicanálise sobre o que tem sido discutido em torno da identidade de gênero, Person e Ovesey (1999) avaliam formulações psicanalíticas que historicamente deram origem ao tema: os conceitos originais de Freud e uma primeira versão colocada mais claramente por Honey e Jones (pp. 121-122).

Horney e Jones se voltam ao pressuposto de existir uma feminilidade inata que precederia a fase fálica e o complexo de Édipo, mas que estaria ligada a uma determinada constituição instintual de modo que a menina "desejava o pênis libidinalmente e não narcisicamente" (Person e Ovesey, 1999, p. 128). Dessa forma, a menina teria uma espécie de "consciência da vagina" ligada a aspectos biológicos, bem como uma escolha heterossexual inata. Suas contribuições, ainda que tentassem livrar a constituição da mulher do peso de ser um homem castrado, se voltavam demasiadamente à biologia, ao passo que, em Freud, tanto a mulher quanto o homem se formavam culturalmente, ainda que Freud fizesse uma alusão à existência da masculinidade como um estado natural de homens e mulheres.

Neste trabalho, na direção de considerar o feminino como primordial, mostraremos como o pressuposto winnicottiano, construído a partir do amálgama mãe-bebê e da sua importância para a constituição subjetiva de homens e mulheres, fornece uma tese da bissexualidade a partir da constituição da identidade, apoiada na existência de elementos femininos e masculinos puros na relação do bebê com a mãe-ambiente e a mãe-objeto, respectivamente.

Em relação aos pressupostos gerais da psicanálise formulados por Freud e Klein, Winnicott contribui com o entendimento pormenorizado da relação de dependência à mãe e às características reais do vínculo estabelecido entre o amálgama ambiente-bebê, antes que seja possível o estabelecimento de uma relação triangular nos moldes edípicos, a partir de três pessoas inteiras se relacionando.

Para comentadores da obra de Winnicott tais como Caldwell e Robinson (2019), o autor é, junto a Melanie Klein e Anna Freud, uma figura de destaque na segunda geração de psicanalistas, seguidos por Sigmund Freud, Sandor Ferenczi e Karl Abraham, dada sua contribuição para diversos campos de pesquisa e a extensão de seus descobrimentos, iluminando ciências humanas e sociais. Adicionalmente, apontam que seu estilo próprio o conduziu a desenvolvimentos teóricos e clínicos a respeito da subjetividade humana, fundamentados na dialética entre o âmbito interior e exterior, entre o eu e o outro, impressos nas relações interpessoais. As autoras apresentam a obra de Winnicott trazendo elementos biográficos, contextualizando o momento histórico da Psicanálise Britânica em que Winnicott iniciou seus estudos, seus escritos iniciais, suas ideias controversas e, finalmente, apresentando alguns conceitos norteadores da sua obra, como: o ambiente e o desenvolvimento infantil, os objetos transicionais, o psique-soma, seus direcionamentos clínicos e a questão da criatividade.

Já Abram (1997), inicialmente, desenvolveu uma compilação dos 22 principais termos e expressões presentes na linguagem winnicotiana, sem que houvesse um compromisso exaustivo de esgotá-los ou mesmo de agrupá-los cronologicamente ao longo do desenvolvimento emocional. Porém, em um texto de 2008, Abram apresenta a obra de Winnicott cronologicamente, a partir de fases, mas agrupando-as de maneira a apresentar em cada uma as contribuições teóricas e clínicas para a Psicanálise e para a Pediatria, de forma a expandir o uso das ideias de Winnicott além dos limites da Psicanálise.

Dias (2012) apresenta a obra de Winnicott tentando fornecer ao leitor uma compilação de conceitos a partir da linha do desenvolvimento emocional (a autora prefere a expressão teoria do amadurecimento), tendo, contudo, um interesse subjacente de institucionalizar o saber winnicottiano ao defender que as ideias de Winnicott representam uma mudança de paradigma na psicanálise. Sua compreensão sobre a obra é apoiada também no trabalho teórico de Loparic (1995a, 1997a, 1998, 1999b, 2001b, 2005, 2011), que analisa Winnicott à luz das aproximações conceituais com a ontologia de Heidegger.

Fulgencio (2019), ainda que também enxergue as aproximações dos desenvolvimentos de Winnicott a algumas ideias presentes na fenomenologia de Husserl e na analítica

existencial de Heidegger, ocupou-se em apresentar Winnicott histórica e criticamente a partir do que denominou de Psicanálise do Ser. Após apresentar os elementos convergentes entre o existencialismo moderno e o corpo teórico da teoria Winnicottiana, introduz os conceitos a partir da experiência de ser, presente na natureza humana, e os localiza nos distintos estágios que perpassam o desenvolvimento emocional, do ponto de vista teórico e clínico, fornecendo, ao final e de maneira complementar, um sumário com verbetes presentes no vocabulário winnicottiano.

Spelman (2013a, 2013b) também apresenta a obra de Winnicott por meio das fases do desenvolvimento (dependência absoluta, relativa e rumo à independência), após contextualizar brevemente o pensamento de Winnicott no contexto psicanalítico (em relação a Freud e Klein), além de exemplificar suas descobertas em relação à obra por meio de observações de bebês.

Tendo em vista os conceitos gerais da teoria do desenvolvimento em Winnicott, este trabalho se ocupará em fazer a distinção entre a MULHER, a mulher, o elemento feminino puro e a identidade feminina⁵ na obra do autor.

É nesse sentido que retomar as referências de Winnicott às questões da mulher e do feminino tornou-se fundamental para a construção de um quadro geral e elucidativo de suas contribuições sobre o tema, entendendo seu percurso, mudanças de rota conceitual que ocorreram ao longo de sua trajetória e caminhos possíveis para o entendimento de “ser mulher”.

Dessa forma, esses desenvolvimentos tornam possível, do ponto de vista clínico, refletir sobre quais seriam as nuances desse feminino que funda a relação entre os indivíduos, podendo ser resgatado: em mulheres, na situação analítica, por diversas vias, seja por sua própria condição de “ser mulher”, pela dependência a outra mulher (a mãe, a analista, entre outras), pela condição de ser companheira de um homem, mãe de bebês e todos os inúmeros predicados que podem adjetivar a sentença “eu sou uma mulher...”; e em homens que, por exemplo, em condições específicas, deixam sobressair um *quantum* desse mesmo elemento

⁵ Não se pretende fazer uma exegese da aplicação desses conceitos nas distintas teorias psicanalíticas, mas apenas uma contextualização geral sobre os desenvolvimentos introduzidos por Winnicott neste campo. O termo identidade é controverso em psicanálise; tem-se a preferência pelo termo identificação, presente no vocabulário freudiano. No entanto, mesmo a identificação assume diferentes significados na obra de Freud, como sugere Ribeiro (2000), mostrando que sua utilização também não é geral e precisa ser contextualizada (identificação na construção do narcisismo primário? Identificação na psicologia das massas?). Na obra de Winnicott, as palavras identidade, identitário ou identitária são utilizadas pelo próprio autor, bem como por comentadores tais como Dias e Fulgencio, e são peças importantes no corpo semântico-teórico porque se ligam à ideia de construção de uma unidade do sujeito psicológico, a partir das experiências de ser e continuar sendo nas diferentes modalidades de relação com o ambiente.

feminino, capazes de funcionarem até mesmo como parte integrante de “um modelo adaptado” de relação de dependência com características que remontam à relação mãe -bebê, sem que isso abale o papel social de provedor que desempenham, ao contrário, reforçando-o. Dessa maneira, inúmeras questões específicas podem ser levantadas.

Podemos afirmar ainda que cada vez mais este tema (a relação da identidade com o gênero) encontra-se na clínica psicanalítica, produzindo impasses e ambiguidades em analistas que se deparam com essa situação e com inúmeras outras em que as diferentes formas de ser trazem em seu bojo o embate entre o papel social e a necessidade psicológica de depender do outro em algum momento da vida. Nesse contexto, corre-se o risco de se confundir necessidade psicológica com alienação, incorrendo em um trabalho psicanalítico perdido.

Adicionalmente, do ponto de vista social, este trabalho permitirá ampliar as discussões sobre a identidade feminina, contribuindo com elementos adicionais à teoria da sexualidade de Freud e para o entendimento do ódio à mulher que permeia regimes autoritários, como o observado no cenário político atual.

Este trabalho⁶, portanto, poderá ganhar amplitude a partir da qual psicanalistas, sociólogos e outros interessados na obra de Winnicott que queiram aproximar-se do modo como o autor referiu-se à identidade feminina ao longo de sua obra possam consultar uma compilação produzida de forma sistemática e ordenada, contribuindo com a produção científica de temas adjacentes e correlatos.

Objetivo

O objetivo geral deste trabalho é elaborar um quadro-referência da noção de identidade feminina em Winnicott, por meio de uma análise crítica dos principais momentos em que o autor, a partir da sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo, se refere a questões ligadas à mulher, ao feminino e a termos associados a essa temática.

⁶ Uma visão introdutório e geral deste trabalho foi apresentada no formato de e-pôster (vídeo) no 1º Encontro de Pós-Graduação da USP: Elas fazem ciência. Este vídeo foi produzido e dirigido por Dias e Marques (2020).

Justificativa

Considerando que o levantamento, bem como a análise crítica, dos principais momentos em que Winnicott se refere às questões da identidade feminina em sua obra permitirá o entendimento, em linhas gerais, de suas contribuições para as questões referentes à mulher, ao feminino e às bases da identidade, este trabalho fornecerá instrumentos para aprofundamentos teórico-clínicos posteriores em relação à sua própria obra.

Dessa forma, este trabalho apontará para a importância de suas contribuições no aprimoramento dos processos de tratamento que têm como ponto central questões ligadas à identidade feminina e seus desdobramentos, bem como nas atividades profiláticas que, porventura, possam ser realizadas.

Método

Esta é uma pesquisa teórica em que será realizada uma leitura sistemática e crítica da obra de Winnicott com o intuito de obter uma análise conceitual e estrutural das referências do autor às questões da identidade feminina.

Inicialmente, se buscará a compreensão da mulher e do feminino na psicanálise em geral, a partir das obras completas de Freud (1996) e de artigos de psicanalistas originalmente publicados em: *The International Journal of Psycho-Analysis* com contribuições de Ophuijen (1917), Stürcke (1920), Abraham (1922), Deutsch (1924, 1929), Horney (1925, 1932, 1933), Müller (1925), Müller-Braunschweig (1926), Jones (1927, 1935), Klein (1927), Riviere (1927), Lampl de Groot (1928), Fenichel (1931), Bonaparte (1934); *Selected Writings* de Abraham (1924); e o artigo de Deutsch (1932) no primeiro volume do jornal americano *The Psychoanalytic Quarterly*, reunidos todos no livro de Grigg et al. (1999).

Após a análise da contribuição da psicanálise em geral, será apresentada a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, bem como sua concepção sobre o processo de construção da identidade feminina. De maneira introdutória, será apresentada uma compreensão geral da obra de Winnicott, tal como analisada por alguns de seus comentadores: Abram (1997, 2008), Dias (2012), Spelman (2013a, 2013b), Fulgencio (2016, 2020), Caldwell e Robinson (2019).

Posteriormente, as análises de Fulgencio (2020) que apontam para os diferentes modelos de relação estabelecidos ao longo do processo de desenvolvimento emocional serão utilizadas com o intuito de fornecer um panorama geral dos estágios de desenvolvimento para, em

seguida, ser apresentada a noção de identidade e sua relação posterior com a vida instintual, destacando-se a identidade e a sexualidade feminina.

Em relação ao modo como Winnicott aborda o tema-conceito, serão utilizadas as versões digitalizadas e em inglês das principais obras de Winnicott, conforme ano de publicação indicado pelos editores: *The Maturation Process and the Facilitating Environment* (1965), *Through Paediatrics to Psycho-analysis* (1975), *The spontaneous gesture: selected letters* (1987), *Human Nature* (1988), *Home is where we start from* (1990), *The child, the family and the outside world* (1992), *Thinking about children* (1997), *Playing and Reality* (2005), *Deprivation and delinquency* (2011), *Psycho-Analytic Explorations* (2018). Isso nos permitirá compreender o todo em função das partes e as partes em função do todo, como aponta ser necessário no método hermenêutico de leitura.

Adicionalmente, para atender ao entendimento aprofundado do tema-conceito por meio da análise histórico-crítica das referências de Winnicott à identidade feminina, será realizada uma busca transversal por verbetes relacionados ao tema (mulher, feminino, sexualidade feminina, mãe etc.), organizando-os cronologicamente e, posteriormente, de forma crítica.

Desenvolvimento

Esta dissertação será apresentada em seis capítulos, privilegiando uma análise histórico-crítica da psicanálise sobre o tema da mulher e do feminino, partindo de Freud e seus primeiros interlocutores até chegarmos a Winnicott, alcançando não apenas o entendimento de conceitos gerais e constructos teórico-clínicos, mas também a compreensão da realidade histórica e social que culminara em tais desenvolvimentos.

Isso permitirá verificar o papel de Winnicott como agente de transformação na história da psicanálise, bem como reconhecer que algumas descobertas anteriores realizadas por Freud e seus primeiros interlocutores (com destaque à escola de Londres) estão presentes em suas contribuições.

Dessa forma, o primeiro capítulo se dedicará aos principais textos de Freud sobre a teoria da sexualidade, que trataram direta ou indiretamente da questão do feminino e da mulher, permitindo uma análise histórico-crítica desses textos específicos e tendo como pano de fundo a apresentação das características gerais do período vitoriano, com ênfase no puritanismo e no controle da sexualidade.

Apontaremos que o período vitoriano, entre outras características, evidenciou o aprisionamento da mulher na vida privada e sua condição de mantenedora da ordem patriarcal

na figura da mãe. Essas condições, ligadas à posição da mulher na cultura, influenciaram a evolução do pensamento de Freud, inculcando a necessidade de entender o desenvolvimento psicosssexual das mulheres, a partir de sua tese sobre a bissexualidade, posteriormente o complexo de castração e, finalmente, de forma complementar, a relação da menina com a mãe nas fases pré-edípicas.

As discussões em torno do feminino entre Freud e seus primeiros interlocutores sobre o tema serão tratadas no segundo capítulo, que analisará como alguns dos desenvolvimentos teórico-clínicos foram diretamente incorporados por Freud e como algumas outras contribuições (principalmente as de Abraham e outras que derivam de suas formulações) influenciaram trabalhos que marcaram a evolução da psicanálise para além de Freud, como a teoria de Klein, por exemplo, e os desenvolvimentos que marcaram as contribuições dos teóricos das relações de objeto, incluindo Winnicott⁷.

O terceiro capítulo mostrará como se deu a entrada de Winnicott na Sociedade Britânica de Psicanálise, apontando tanto para o cenário político contextualizado pelo período entreguerras e, principalmente, pela Guerra Fria, quanto para a disputa no campo psicanalítico entre Anna Freud e Melanie Klein. Esses aspectos foram determinantes para as formulações teórico-clínicas de Winnicott e levaram ao desenvolvimento de conceitos fundamentais de sua obra, destacando-se a ideia de mãe suficientemente boa e preocupação materna primária.

O quarto capítulo, a partir da apresentação geral da teoria do desenvolvimento emocional proposta por Winnicott e dos modelos de relação estabelecidos desde o início da vida entre bebê e ambiente (Fulgencio, 2020), apresentará como se dá a construção da identidade feminina, por meio dos elementos feminino e masculino puros descritos pelo autor, e, na sequência, o assentamento da sexualidade feminina. Em relação à sexualidade, se evidenciará as influências teóricas nas proposições de Winnicott advindas de: Freud e sua tese da bissexualidade; Klein e o reconhecimento da vagina como fonte de excitação desde as fases pré-genitais do desenvolvimento. Adicionalmente, serão observados os desenvolvimentos próprios do autor, principalmente ao reconhecer que a sexualidade feminina não é redutível ao complexo de Édipo e à inveja do pênis.

⁷ Há uma discussão sobre considerar ou não Winnicott um teórico das relações de objeto, dado que suas contribuições incluem, principalmente, os objetos subjetivos e transicionais, anteriores às relações de objeto propriamente ditas, que pressupõem a distinção entre eu e não-eu pelo bebê. Como esse não é o foco deste trabalho, Winnicott será mantido nesta citação para marcar sua herança, a partir das discussões iniciadas por Abraham, ao dar ênfase às relações primordiais com a mãe no desenvolvimento emocional. Para mais detalhes sobre o tema, consultar o trabalho de Décio Gurfinkel, *Relações de Objeto*, publicado em 2018 pela Editora Blücher.

No quinto capítulo, a partir de uma busca pormenorizada pelas referências que Winnicott faz à mulher e ao feminino, serão apresentados os desenvolvimentos realizados a partir desses termos, apontando para o interesse crescente do autor em destrinchar as relações iniciais do bebê com o ambiente, a partir da ideia de lar comum e da função de maternagem. O foco na relação com a mãe levou Winnicott à base da identidade e à importância de olhar para as relações iniciais não apenas em termos de relações de objetos⁸ (elemento masculino puro), mas também pela ótica do ser (elemento feminino puro), as bases para o estabelecimento da identidade pessoal.

E finalmente, no sexto e último capítulo, mostraremos como a clínica de Winnicott foi afetada pelas formulações relacionadas à transmissão geracional do elemento feminino presente no lar comum, de forma que a identidade feminina, por um lado, se despontaria em estados de imaturidade, mostrando-se como a base identitária e do *self* para homens e mulheres; e, por outro lado, se mostraria também como efeito do percurso singular de atingir a experiência de ser mulher.

⁸ Objetivamente percebido.

Capítulo 1. O problema da sexualidade feminina na teoria freudiana: uma questão em aberto

Este capítulo será apresentado em duas partes: a primeira abordará as características gerais do período vitoriano, com ênfase no puritanismo e na sexualidade; e a segunda se dedicará aos principais textos de Freud sobre a teoria da sexualidade, que trataram direta ou indiretamente da questão do feminino e da mulher, permitindo uma análise histórico-crítica desses textos específicos. O período vitoriano exerceu grande influência sobre os costumes da Europa e do mundo ocidental como um todo, principalmente nos séculos XVIII e XIX, deixando seu lastro até os dias atuais, em relação aos costumes; serviu de pano de fundo para o surgimento da Psicanálise, para o desenvolvimento da teoria da sexualidade e, especificamente, evidenciou o aprisionamento da mulher na vida privada e sua condição de mantenedora da ordem patriarcal na figura da mãe. Esta condição levantada em torno da mulher acompanha a evolução do pensamento de Freud, possibilitando que o autor pudesse realizar descobertas teórico-clínicas, a partir da necessidade de entender o desenvolvimento psicosssexual das mulheres, destacando-se, primeiramente, sua tese sobre a bissexualidade, posteriormente o complexo de castração e, finalmente, de forma complementar, a relação da menina com a mãe nas fases pré-edípicas.

1 Aspectos históricos e sociológicos sobre a questão da mulher: o período vitoriano, o puritanismo e a sexualidade

Segundo Santana e Senko (2016), convencionou-se chamar de período vitoriano aquele que compreende o reinado da Rainha Vitória na Inglaterra (1837-1904) e que teve como aspecto importante sua expansão temporal e geográfica⁹, uma vez que exerceu grande influência sobre os costumes da Europa como um todo e do mundo ocidental, deixando seu lastro até os dias atuais. Perrot et al. (1991) denominam a influência do período vitoriano na Europa dos séculos XVIII e XIX como anglomania, dissipada principalmente pelas classes

⁹Segundo Perrot et al. (1991), “A prioridade concedida à Inglaterra é sem dúvida justificada, principalmente na primeira metade do século XIX. A seguir, a Alemanha, de tanto vigor cultural, e, no começo do século XX, os Estados Unidos passam a exercer uma atração cada vez maior, às vezes numa relação de rivalidade” (p. 18).

dominantes que encontravam neste estilo de vida uma forma de distinção em relação à classe operária.

O período vitoriano, entre outras características, apontou para um controle acentuado sobre o comportamento sexual, principalmente das mulheres, apesar da contradição de ter sido conduzido por uma mulher como chefe de estado. Neste período, os papéis sexuais eram rigidamente definidos e seguiam as bases do puritanismo (Perrot et al., 1991).

O puritanismo¹⁰, em relação aos costumes, foi um período marcado pela ética da constância (Leites, 1987), que teve seu apogeu nos séculos XVII e XVIII e influenciou os séculos posteriores em relação ao modo de ser das sociedades ocidentais. Foi marcado, sobretudo, pela firmeza e sobriedade como resposta à Inglaterra “velha e alegre” dos séculos anteriores. Baseado nos movimentos religiosos que culminaram no protestantismo e no surgimento da burguesia (pós-Revolução Francesa), foi uma resposta ao catolicismo e ao poder da nobreza.

Segundo o que sugere o historiador inglês Edmund Leites (1987), diferentemente dos estoicos, que propunham a felicidade por meio do conhecimento e eliminação dos vícios da alma (emoções), e dos ascetas, que defendiam o autocontrole por meio do afastamento das questões relativas ao corpo, os puritanos entendiam que deveriam ser determinados o lugar e a hora para que os prazeres do corpo fossem atendidos, sendo o casamento a única possibilidade para a realização dos desejos sexuais.

Para que a consciência puritana pudesse vigorar, foi instituído um ideal normativo de autocontrole, caracterizado por cinco aspectos: firmeza de sentimentos aliada a um temperamento oscilante (formas opostas de expressão convivendo diretamente); redução de envolvimento emocional na vida social, mantendo as boas maneiras; restrição das emoções, estando a vida emocional circunscrita ao âmbito privado; pureza ética estabelecida por meio de uma vida cotidiana de retidão moral, em que a mãe era responsável por garantir que as crianças se tornassem adultos livres de erros e falhas; e estabelecimento de um ideal integrativo e harmonioso entre prazer erótico e constância moral e emocional (afeto e amor), instituindo uma ideia de contentamento – estar contente nesse cenário é uma maneira de manter-se livre das excitações, o que passa a ser, então, uma importante forma de repressão.

¹⁰ Analiso neste trabalho apenas o aspecto relacionado aos costumes e à influência do puritanismo na vida cotidiana das sociedades ocidentais, porque é esse elemento que nos permite entender como as teorias da sexualidade de Freud e do desenvolvimento emocional de Winnicott se aproximaram ou se distanciaram das características deste contexto histórico. Sabe-se que esse período forneceu instrumentos para grandes mudanças em âmbito religioso e político que não serão abordadas aqui.

Sobre o tema das virtudes vitorianas, Morais (1999) escreve:

As virtudes vitorianas eram especificamente vinculadas à postura moral, entendendo-se moral vitoriana como o conjunto de respostas, tanto emocionais como intelectuais, a um processo histórico permeado por crises, revoluções e avanços científicos. Eram consideradas virtudes, no século XIX inglês, a disciplina, a retidão (seriedade - *earnestness*), a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros. As virtudes eram também entendidas em suas conotações sexuais de castidade e fidelidade conjugal, o que gerou a concepção popular do Vitorianismo como obsessivamente puritano em suas caracterizações. (p. 28)

Em relação ao suposto autocontrole, Santana e Senko (2016) apontam para o desenvolvimento da expressão literária, que buscou analisar o paradoxo entre luz e sombra, desvendando o que de fato estava encoberto sob o manto da polidez. Nesse período, destacam-se as descobertas de Freud sobre os mistérios da psique humana e a criação da Psicanálise e dos livros: *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde; *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson; “William Wilson”, de Edgar Allan Poe; e *As aventuras de Sherlock Holmes* de Arthur Conan Doyle.

Vê-se, dessa forma, que havia uma séria restrição ao prazer, existindo, de um lado, um embate entre a excitação erótica intensa e apaixonada e, de outro lado, a firmeza e a alegria sóbria conquistadas pela autodisciplina e constância.

1.1 A mulher no período vitoriano: o controle do pathos e a criação da mulher doméstica, o poderoso sexo frágil

Gay (1995) mostra como a Revolução Francesa e o surgimento da sociedade industrial empurrou as mulheres burguesas para a vida doméstica, perdendo postos que tinham sido adquiridos no Iluminismo. Os debates sobre a questão da mulher acerca de seu papel e sua natureza, a partir de uma via mais revolucionária (as sufragistas¹¹, por exemplo), começaram a entrar em choque com o renascimento religioso da burguesia e o culto à domesticidade.

O apelo à vida doméstica está em parte relacionado ao atendimento de um ideal normativo¹² apregoado pelo puritanismo, a partir do estabelecimento de uma hierarquia de

¹¹ As sufragistas foram mulheres responsáveis pela primeira onda feminista, movimento que se iniciou no século XIX no Reino Unido, tendo como ponto central a luta pelo direito ao voto.

¹² Há também um componente econômico importante: permitir que os homens pudessem concentrar seus esforços na produção (vida pública é também equivalente ao mundo dos negócios) e atender, assim, aos interesses da Revolução Industrial e do capitalismo emergente.

gênero com papéis claramente definidos, de forma que as mulheres eram vistas como puras e, por isso, capazes de canalizar o prazer erótico apenas no casamento (vida doméstica), enquanto os homens, por serem viris, poderiam sentir prazer dentro e fora da relação conjugal. Essa delimitação de papéis determinou a fixação das mulheres como detentoras do poder em âmbito privado e os homens transeuntes entre o privado e o público. Ou, como mencionam Perrot et al. (1999) e Gay (1995), a diferenciação entre os papéis sexuais na família estabeleceu a oposição entre o “homem político” e a “mulher doméstica”, havendo, sobretudo, a intenção de marcar a distinção entre os sexos, veementemente reforçada pela diferença biológica e psicológica¹³.

Esse modelo de relação passou a ser a identidade da classe média burguesa e reverberou na configuração das classes operárias, que passaram também a operar moralmente, segundo “as virtudes da boa dona de casa” (Perrot et al., 1991).

As obras literárias tentavam expressar as contradições da sociedade da época e, principalmente, o papel colocado à mulher, como mantenedora da ordem. Dessa maneira, para que a consciência moral puritana fosse mantida, homens e mulheres deveriam ocupar seus papéis com retidão. Do ponto de vista religioso, ao homem e à mulher que seguissem esse ideal normativo seria concedida a salvação. Em termos da moralidade, haveria de ser respeitada uma hierarquia na qual a mulher seguiria o marido, uma vez que ele é a cabeça e, portanto, pode mandar, e ela é o corpo, detentor do pecado. Nesse sentido, o conhecimento é dominado pelo homem e a mulher detém o *pathos*, que deve ser controlado, uma vez que o universo das paixões é oscilante e perigoso.

Essa suposta inferioridade da mulher débil (guiada pelo corpo) em relação ao homem que detém a razão (guiado pela cabeça) foi entendida por Stendhal (1822, citado por Gay, 1995) como uma estupidez masculina, já que a diferença entre os gêneros é vista na infância com um peso diferente:

As pessoas concedem que uma menininha de dez anos é vinte vezes mais esperta do que o pequeno canalha da mesma idade. Por que ela é, aos vinte anos, uma grande idiota, desajeitada, tímida e com medo de aranhas, enquanto o jovem canalha é um homem de tino e inteligência? (Gay, 1995, pp. 293-294)

¹³ Como veremos no próximo capítulo, segundo Gay (1995), Freud abriu um campo importante para o debate sobre a diferença entre homens e mulheres mostrando o oposto, a face da semelhança, a partir de sua tese da bissexualidade, ainda que não tenha de fato solucionado a questão da mulher.

Além de tímidas e desajeitadas, as mulheres eram vistas como frias e sem desejo, como forma de minimizar o impacto de qualquer excitação e manter a constância, e os homens, como animais e detentores dos desejos eróticos, podendo falhar em termos de conduta. Nessa hierarquia de gênero, a mulher era, portanto, mais ética que o homem e, devido à sua pureza, era o sustentáculo da cultura, mantendo o autocontrole em relação aos atos (âmbito externo) e aos sentimentos (âmbito interno). Aos homens, era permitido que o desenvolvimento moral fosse relativo¹⁴, podendo errar e obter a constância com o retorno apaziguador propiciado pela vida privada, encabeçada pela mulher. A mulher de verdade era, assim, aquela que não detinha nenhum interesse sexual (apática).

Segundo Santana e Senko (2016)

Esse quadro de controle social desembocava, não raras vezes, em atos de grande violência. Exemplo disso é a proliferação, até então inédita, de prostíbulos por todas as grandes cidades da Europa. O “mal necessário”, visto como uma forma de proteger as esposas virtuosas dos acessos apaixonados de seus maridos impunha às mulheres “caídas” uma vida de miséria, abandono, violência e exclusão social. Essas mulheres eram confinadas em “casas de tolerância” constantemente fiscalizadas pelas autoridades públicas e visitadas por médicos para tentar evitar que as doenças venéreas não se proliferassem. Da mesma forma, os crimes hediondos, cometidos entre 31 de agosto e 9 de novembro de 1888, pelo célebre assassino serial Jack, o Estripador, atestam o grau de selvageria a que estavam expostas as prostitutas do distrito de White Chapel, reduto de miséria e violência, no mesmo centro do império vitoriano. (p. 192)

Desta forma, do lado oposto às mulheres que se permitiam viver o *pathos* e assim seguiam segregadas do convívio social, havia as mulheres não patológicas, normatizadas e adaptadas às exigências sociais, porém também confinadas em um mundo severamente controlado. Birman (2016) chama isso de cartografia moral, em que há uma espécie de mapa que delinea o papel da mulher em âmbito privado e público, de forma que a governabilidade se dá no lar, entendido como o território da ordem e da civilização, o reduto da mãe; e o público é o *habitat* da mulher desejanse, não civilizada e desviante.

Nesse sentido, o controle das paixões era, também, uma forma de encobrir o caráter sexual da mãe, uma mulher sem sexualidade, que deveria atender ao clichê do sexo frágil

¹⁴ Em relação a esta possibilidade errática permitida aos homens, segundo Hunt (1999), a título de exemplo, em 1792 foi promulgada na França uma lei que permitia o divórcio entre casais, de forma que o marido poderia alegar adultério a qualquer momento e a mulher só poderia fazê-lo caso fosse provado que o marido mantinha sua “concubina” na mesma casa que sua esposa. A mulher adúltera era condenada a uma pena de dois anos de prisão e o homem nessa condição estava isento de qualquer punição.

misterioso (Gay, 1995), uma realidade psicológica que assombra homens e mulheres por terem sido carregados pelo ventre materno: há reações primitivas e infantis em relação à mulher, aquela que amamenta e que ao mesmo tempo é a fonte de perigos mortais¹⁵. Como forma de manter a figura materna intacta, além da existência de prostíbulos, observa-se o papel da criada doméstica, na maioria das vezes uma mulher camponesa, adentrando o lar burguês em uma espécie de *ménage à trois*, consolando o patrão a despeito da suposta falta de interesse sexual de sua mulher (que poderia, na realidade, encobrir o medo de engravidar), ou mesmo sendo responsável pela iniciação sexual dos mais jovens. Conforme aponta Corbain (1991), instala-se uma espécie de fetiche do avental, a serviço da libido burguesa.

Sobre esse aspecto da erotização da mulher e a libertação sexual, vê-se nos escritos do Marquês de Sade uma espécie de “Declaração dos Direitos do Erotismo” (Hunt, 1991), como certa distorção do lema de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, que ainda não alcançava a mulher (pelo contrário, a colocava à mercê dos prazeres masculinos), de forma que

A liberdade consistia no direito de buscar o prazer sem consideração pela lei, pelas convenções, pelos desejos dos outros (e esta liberdade, ilimitada para alguns, significava a escravidão das mulheres escolhidas). Buscavam-se os prazeres da igualdade, e ninguém tinha direito a eles por nascimento; venciam apenas os mais impiedosos e os mais egoístas (quase sempre homens). Haverá exemplo mais claro de fraternidade do que os quatro amigos dos *Cent vingt journées* ou da “Sociedade dos Amigos do Crime” em *Juliette*, cujos regulamentos e rituais parodiam a maçonaria e os milhares de Sociedades dos Amigos da Constituição (mais conhecidos como jacobinos) da década revolucionária? (Hunt, 1991, pp. 47-48)

Apesar dessa insistência em não legitimar a mulher no campo público, uma análise rápida das obras de Sade, conforme sugere Hunt (1991), dá a impressão de o autor ter encontrado uma forma parcial de libertá-las no campo privado, de forma que suas personagens se tornam uma espécie de “prostitutas do lar”. No entanto, permanece nesse papel a mulher que tem como única identidade a disposição para a satisfação dos prazeres masculinos, sem que seus desejos genuínos pudessem ser atendidos de fato – uma relação de presa e predador.

¹⁵ Este aspecto será explorado em profundidade nos capítulos destinados à análise da obra de Winnicott, já que a questão da dependência à mãe na primeira infância foi um tema norteador de suas formulações teórico-clínicas.

Em relação à determinação dos papéis sociais entre homens e mulheres, uma vez estabelecida a dinâmica entre os gêneros, tem-se a formação do núcleo da personalidade que, segundo Leites (1987), é ancorado pela consciência moral e seu ideal normativo. A mulher pura era cobiçada e admirada pelos homens, e os homens luxuriosos e viris eram admirados pelas mulheres. Essa dialética suprimia qualquer alternativa de “escape” para a mulher que estivesse sempre em uma posição fixa e à mercê de um homem que a mantivesse presa à manutenção da moral e “apaziguada” da vida oscilante e errática que a ele fosse permitida. Nesse contexto, a lógica era: “Mulheres femininas, homens masculinos” (Fontane, 1894), ou “Deixem os homens serem masculinos; e então as mulheres serão femininas” (Lienhard, 1901). A subordinação de uma mulher a um homem, assim, é a expressão de sua sofisticação e de seu requinte contido, que deveria ser mantido em detrimento à vida agressiva dos negócios, das atitudes vigorosas ligadas à política e ao direito mundano ao voto, aspectos rudes e causadores de embrutecimento.

De um lado, portanto, havia a concepção fálica do homem viril e do outro, a presença do útero, o órgão organizador da debilidade intelectual feminina, que delimitava o papel da mulher como criadora de filhos, de forma que a inserção na vida pública destruiria a família e a ordem natural.

Em meados do século XIX, o ideal burguês de um marido que atendia às necessidades da família e de uma esposa que se consagrava ao lar estava de tal forma difundido que o recenseamento geral teve ocasião não só de mencionar uma nova categoria, as “mulheres do lar”, como também de afirmar em sua introdução ao relatório de 1951: “Todo inglês deseja profundamente possuir uma casa individual; é um quadro bem definido em torno de sua família e de seu lar – o santuário de suas dores, alegrias e reflexões”. (Hunt, 1999, p. 70)

Para algumas mulheres do século XIX, a saída consciente em relação à disputa de poder com os homens era a manutenção do estatuto de “deusa do lar” (Gay, 1995) pela via da hipocrisia (professar um ideal e violá-lo imediatamente): o feminino atribuído a mulheres, visto como fraqueza pelos homens, a partir de “lágrimas, ataques histéricos e exhibições ostensivas de vulnerabilidade e delíquios”, transformava-se em força, à medida que era utilizado para manipular maridos tirânicos ou como instrumento “técnico” para contornar situações de interesse.

Ainda que mulheres mais inteligentes e criteriosas utilizassem outras armas, a partir da reivindicação pelo voto, pela administração de suas propriedades e pela participação na vida

pública, o paradoxo por trás da poderosa e frágil mulher tocava também, de maneira inconsciente, a dependência oculta em relação às mulheres e, mais especificamente, à mãe. Isto porque, nessa lógica, há o feminino que nasce no lar comum, a partir de mães e esposas recatadas, e irradia-se pelo mundo, influenciando a vida pública dos homens. Ambas, assim, deveriam ser mantidas em casa: a feminista, devoradora de homens; e a frágil poderosa, a mãe de todos.

Dessa forma, dadas as características gerais apontadas em relação ao período vitoriano, o puritanismo e a questão da sexualidade, percebe-se que esse momento histórico estabeleceu uma inércia cultural em relação ao papel desempenhado pela mulher em torno da vida doméstica e que reverbera até os dias atuais, tendo como ponto central o aprisionamento ao casamento, monogâmico e heterossexual, e à maternidade, aspectos que remetem ao controle do *pathos* pela via da sexualidade reprimida, circunscrita no casamento; e à convicção, mesmo inconsciente, da precariedade da natureza humana, que depende inicialmente de forma absoluta da mãe para poder sobreviver.

2 Quadro geral sobre o feminino e a mulher em Freud

Analisar as posições de Freud sobre o feminino e a mulher^{16 17} é sempre uma tarefa complexa, pois há chances de reducionismo, qualificando-o de maneira implacável como aquele que se manteve no continente obscuro e aí permaneceu. No entanto, analisando-o como pensador, vê-se que há avanços e recuos em suas formulações. A seguir, tentaremos abordar estas diferenças.

2.1 *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

O texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905d)*, juntamente com *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900), configura-se como um dos trabalhos norteadores do autor, dada a sua importância para o entendimento da sexualidade e, portanto, do corpo

¹⁶ A obra de Freud será citada mencionando-se apenas o ano de publicação do texto do autor, a partir da classificação proposta por Tyson e Strachey (1956).

¹⁷ A análise a seguir não pretende ser uma exegese da obra freudiana em relação à identidade e à sexualidade feminina. Pretende-se apenas localizar as ideias gerais do autor e seu percurso histórico para que seja possível chegar às contribuições posteriores de Winnicott sobre o tema, autor cujo corpo teórico-clínico será a estrutura fundamental da pesquisa desenvolvida.

teórico nuclear da psicanálise freudiana. Ao longo de 20 anos, após a publicação da primeira edição, o texto foi constantemente modificado por Freud, com destaque para a inclusão em 1915 de seções destinadas às teorias sexuais infantis e sobre a organização pré-genital, bem como da teoria da libido.

Nesse texto, Freud faz distinção, inicialmente, entre: o objeto sexual, ou seja, a quem a pulsão sexual estaria destinada; e o alvo dessa pulsão, que seria a ação pulsional em direção ao objeto, sendo a libido o *quantum* energético que se ligaria à pulsão para o encontro com o objeto sexual.

Para iniciar seu entendimento sobre a sexualidade, Freud deixa claro seu percurso: parte do que chamou de “as aberrações sexuais” para formular sua tese sobre a sexualidade infantil e sobre as transformações na puberdade, que determinariam as diferenças entre homens e mulheres, partindo assim do que considerava patológico para chegar ao entendimento da “normalidade”.

Nesse percurso, Freud demonstra seu conhecimento sobre a amplitude das escolhas de objeto sexual, por homens e mulheres, apontando para o que chamou de pessoas “invertidas” (homens e mulheres que não têm interesse sexual pelo sexo oposto, seja provisoriamente ou de maneira absoluta). Sobre esse aspecto da “inversão”, Freud assinala, além das questões relacionadas à escolha de objeto sexual, as características biológicas que determinam homens e mulheres, mas que, mesmo neste campo, apresentam componentes pertencentes aos dois sexos, na “normalidade” e nos casos de “anomalias”. Nesse momento, Freud admite a existência de uma bissexualidade, tendo como exemplo contundente o hermafroditismo.

Independente das questões anatômicas, e ainda pensando nas inversões, Freud está ciente da possibilidade de esta não ser uma condição necessariamente fixa, de modo que seria possível experimentá-la após uma frustração com o que chamou de escolha de objeto sexual normal ou, por outro lado, poder ser ocasionalmente experimentada e depois abandonada. Porém, prevê casos em que essa condição pode estar presente desde sempre no desenvolvimento da vida sexual, sem nunca ser abandonada.

Freud é claro ao dizer que se torna inútil entender tais casos substituindo o problema psicológico (escolha de objeto sexual) pelo biológico (diferenças anatômicas), atribuindo, por exemplo, a existência de um “cérebro feminino” a um homem cuja escolha de objeto sexual é pelo mesmo sexo, sendo o “hibridismo psíquico” não necessariamente confluyente ao “hibridismo anatômico”. Nesse sentido, inversão e hermafroditismo não seriam condições intrinsecamente relacionadas. Essas indagações iniciais ajudaram Freud a entender que,

inicialmente, a pulsão sexual não está amalgamada por um objeto específico, mostrando-se independente.

A partir desta constatação, Freud entende que ademais do que seria uma via normal de descarga sexual (a união genital por meio do coito que leva à extinção da pulsão), abre-se um campo para as perversões, sejam aquelas que se apresentam como desvios da satisfação sexual além dos genitais (transgressões anatômicas), sejam aquelas que buscam relações intermediárias com o objeto, não atingindo o alvo rapidamente. É neste campo das perversões que Freud pôde explorar as diversas fontes de prazer espalhadas pelo corpo, ampliando a sexualidade além dos genitais ou do que chamou de supervalorização do objeto sexual.

Na introdução desse tema, Freud aponta para a dificuldade de explorá-lo, principalmente em relação à mulher, que, “em parte por causa da *atrofia cultural*, em parte por sua *discrição e insinceridade convencionais*, permanece envolta numa *obscuridade ainda impenetrável*” [itálicos nossos] (Freud, 1905d, p. 92).

Essa afirmação já aponta para o campo do obscurantismo em relação à mulher na teoria freudiana e sua dificuldade de adentrar este campo. Peter Gay (1988), ao falar sobre a relação do criador da Psicanálise com as mulheres, ressalta a dificuldade expressa por ele, em vários momentos da sua obra, em lidar com esse “continente inexplorado” chamado mulher.

Apesar desse estatuto sobre a falta de acesso à sexualidade feminina, Freud aponta nesse texto a liberdade observada no caminho percorrido até atingir-se o objeto sexual, adentrando vias preliminares que exigem novos alvos, que não estão necessariamente ligados aos órgãos sexuais normais, abrindo espaço, assim, para pensar em uma satisfação sexual que não prescinde da dicotomia penetrar e ser penetrado (a) por um pênis (falocentrismo).

Como componente complementar desta dicotomia (penetrar *versus* ser penetrado), Freud, ao analisar os casos de sadismo e masoquismo, constata como sendo características humanas a atividade e a passividade, presentes em homens e mulheres, estando a atividade mais ligada à virilidade masculina e a passividade à atitude contemplativa ligada ao feminino, mas como elementos que dialogam entre si, formando sua tese inicial da bissexualidade.

Adicionalmente, Freud explicita o que entendia por caracteres anímicos femininos: “a timidez, o recato e a necessidade de ensinamentos e assistência” (Freud, 1905d, p. 89), sendo estes aspectos muito importantes no jogo sexual, de forma que, no caso de homens heterossexuais, este elemento é procurado nas mulheres e, para homens invertidos, um dos dois do par deveria apresentar essas características, sendo a mesma lógica aplicada às mulheres invertidas (uma das duas apresentar características masculinas).

No entanto, apesar do interesse de Freud em denominar o que seria normal, ao admitir a importância da existência do par de opostos na construção de relações sexuais, assumindo a dialética entre o masculino e o feminino, sem que isto se dê, necessariamente, entre pessoas de sexo biológico oposto, possibilita o entendimento de que o masculino e o feminino não são sinônimos de homem e mulher, respectivamente.

É nesse texto, também, que Freud retoma a afirmação “os sintomas são a atividade sexual dos doentes” (Freud, 1905d, p. 100), sendo essa sentença de grande importância para situar a questão da histeria (além das outras psicose) no recalçamento de afetos sexuais, negando-se a descarga por meio de uma atividade psíquica passível de consciência,

Após percorrer o caminho das perversões para chegar à sexualidade normal, Freud se atém à sexualidade infantil e às diferenças sexuais entre meninos e meninas. Nesse percurso, já anuncia o falo como o ponto central da diferença sexual, a partir da ideia de que o menino espera que todos sejam como ele, possuidor de um pênis, não podendo apreender a falta como uma possibilidade.

A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica dê razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências. (Freud, 1905d, p. 118)

Neste trecho, Freud anuncia o falocentrismo como determinante, estando as meninas primariamente atraídas pela possibilidade de ter um falo. Mais adiante, ao falar sobre a puberdade, e a conjugação de pulsões parciais em subordinação ao primado da zona genital, Freud aponta para a divergência marcada entre homens e mulheres: “O do homem é o mais consequente e também o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até mesmo uma *espécie de involução*” [itálicos nossos] (Freud, 1905d, p. 126).

Adiante, ao dedicar sua atenção especificamente a este tema das diferenças entre meninos e meninas, Freud aponta:

É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; o *desenvolvimento das inibições da sexualidade* (vergonha, nojo, compaixão etc.) *ocorre nas garotinhas mais cedo* e com menor resistência do que nos meninos; nelas, em geral, a *tendência ao recalçamento sexual parece maior*, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, *elas preferem a*

forma passiva. Mas a atividade auto erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade. Com respeito às *manifestações autoeróticas e masturbatórias da sexualidade*, poder-se-ia formular a tese de que *a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino*. A rigor, se soubéssemos dar aos conceitos de “masculino” e “feminino” um conteúdo mais preciso, seria possível defender a alegação de que *a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina*, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher. [itálicos nossos] (Freud, 1905d, p. 136)

Nesse sentido, a *involução* da mulher estaria no fato de apenas atingir uma posição ativa no autoerotismo? Se assim for, parece que Freud entende que o prazer clitoriano, por exemplo, por não atender o alvo normal (genital) de satisfação por meio do objeto sexual, é mais passível à atividade e, assim, prescinde do pênis, enquanto a satisfação genital normal faz da vagina um órgão necessariamente disposto à passividade.

Nessa mesma direção, o recalçamento sexual mais acentuado em mulheres, segundo propõe Freud, não estaria mais ligado à construção social em torno de seu papel de recato (renúncia do prazer) do que propriamente a uma disposição de se manter passiva?

O deslocamento da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina parece indicar a transferência do prazer sexual livre e fortuito localizado no clitóris para o recalçamento sexual a serviço da procriação, localizado na vagina, em que o pênis se mostra imprescindível. Freud entende que a histeria é a eliminação da masculinidade infantil, ou seja, da forma ativa e saudável de viver livremente a sexualidade que não conseguiu voltar-se para a satisfação pela via da genitalidade.

Sendo assim, o papel de recato e polidez colocado na mulher mostra-se como uma forma de garantir que a atividade sexual seja de dominação masculina e assim, falocêntrica. Nesse sentido, a suposta *involução* na mulher, apontada por Freud, pode ser interpretada sob dois aspectos: o primeiro, pensando-se a involução como um movimento regressivo a partir do desenvolvimento normal; e o segundo, como algo que se volta para dentro.

Em relação ao primeiro aspecto, ao pensar o abandono do clitóris para a primazia da vagina como zona genital dominante, parece ser esta condição de fato um movimento regressivo, mas não por vias naturais, ou seja, não para atender a uma característica intrinsecamente feminina e sim, a serviço de uma evolução barrada em termos de satisfação erótica.

Já o segundo aspecto, que considera o movimento de voltar-se para o interior, quando aplicado à vagina, fixa-se à configuração anatômica deste órgão. Porém, esse movimento para

o interno só pode ser considerado uma falácia evolutiva se o pênis for tomado como referência. Ambos os aspectos parecem indicar para um caminho tortuoso: o feminino é a negação do masculino (atividade) para atender à demanda genital, condição esta determinante para o estabelecimento de um estatuto em torno do pênis: “. . . no tornar-se mulher, faz-se necessário *um novo recalçamento*, que suprime parte da masculinidade infantil e *prepara a mulher para a troca da zona genital dominante*” [itálicos nossos] (Freud, 1905d, p. 144).

2.2 A dissolução do complexo de Édipo

Este texto deriva-se do texto *O Ego e o Id* (1920), em que Freud, após ensaiar possíveis diferenças na resolução do complexo de Édipo para meninos e meninas, pretende apresentar uma explicação mais contundente a respeito do tema, influenciando formulações posteriores, principalmente as contidas no texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925j).

Neste texto, Freud (1924d) elucida o papel central da fase fálica como submersa ao complexo de Édipo, de forma que a constatação anatômica de ter ou não um pênis torna-se norteador para o estabelecimento da fase genital. A partir da posse do falo, Freud propõe que há uma ameaça de castração, para o menino, daquilo que tanto começa a despertar seu interesse (o pênis), sendo reforçada pela constatação de que as meninas, pessoas iguais aos meninos, não o possuem. A perda do pênis ficaria, assim, imaginável.

Em termos de descarga sexual, Freud propõe, inicialmente, que o complexo de Édipo oferece dois tipos de satisfação, uma ativa e outra passiva, ocupando o lugar do pai para ter relações com a mãe, ou ocupando o lugar da mãe para ser amada pelo pai, respectivamente. Porém, com a centralização na questão do pênis, ser castrado por punição, no caso dos meninos, ou ser castrada como pré-condição, no caso das meninas, é o que determina a forma como a trama edípica irá se estabelecer.

Há assim um novo aspecto atribuído às noções de masculino e feminino, adicionando ao binômio ativo versus passivo o monismo ser castrado por punição ou pré-condição. Neste sentido, o complexo de Édipo sempre resulta em perda fálica que instala o conflito entre possuir o falo (aspecto narcísico, porque se volta ao próprio corpo) ou investir libidinalmente nos objetos parentais, que pode ser resolvido pela via da identificação (formação superegoica a partir da interdição do incesto) e pela sublimação (a partir de impulsos de afeição). O superego e a sublimação protegem o falo da castração, deixando-o protegido e amortecido no

período de latência para posteriormente na fase genital poder voltar a ser investido.

Até este momento, Freud dá-se conta que estas formulações servem aos meninos, mas, às meninas, este campo “torna-se muito mais obscuro e cheio de lacunas” (Freud, 1924d, p. 104). Freud questiona as manifestações feministas acerca da igualdade entre homens e mulheres, dizendo reconhecer a existência de diferenças morfológicas importantes, o que colocaria em xeque uma suposta igualdade entre os sexos.

A menina, assim, segundo Freud, como já sabe que nasceu castrada, não precisaria desenvolver um superego que protegeria seu falo, como no menino a partir da interdição do incesto, sendo as leis civilizatórias adquiridas pela via externa (educação, por exemplo) e, assim, pela via da submissão. A possibilidade de ter um bebê, para Freud, confere posteriormente às mulheres uma espécie de compensação por não ter um pênis.

Se no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905d) a discussão era sobre o objeto e o alvo da pulsão sexual a partir da recusa da libido masculina nas mulheres (aspecto ativo) para atingir o alvo normal de satisfação pela via vaginal (aspecto passivo), aqui, a discussão não é somente sobre a organização pulsional, mas sobre a impossibilidade de possuir o órgão masculino, determinante da posição das mulheres na cultura. Em texto anterior (Freud, 1905d), a vagina não era um pênis castrado, mas o órgão feminino que possuía o encaixe para que uma relação genital normal fosse satisfatória. Agora, além de abandonar o clitóris (pênis atrofiado), caberia à menina constatar que não possui pênis algum, passando a invejá-lo.

Neste caminho iniciado pelo abandono do clitóris para a emancipação da vagina, até a angústia de castração, Freud parece ter sido cada vez mais rigoroso com as mulheres, fazendo-as abandonar o prazer para focar na procriação (finalidade preponderante da relação sexual genital) e, na sequência, percorrer narcisicamente um pênis que falta, vivendo a angústia de não ser um homem, para então obter algum tipo de compensação pela maternidade, de forma que o bebê é um substituto do falo.

2.3 Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos

Este texto, apresentado por Anna Freud no Congresso Psicanalítico Internacional de Homburg em 3 de setembro de 1925, em nome de Freud, é considerado uma das primeiras análises mais completas do autor a respeito da subjetividade das mulheres, resgatando pontos apresentados nos textos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905d) e *A dissolução do*

complexo de Édipo (1924d), abrindo um campo de análise que será também trabalhado nos textos *Sexualidade feminina* (1931b) e *Feminilidade. Conferência 23. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1933a).

O elemento novo apontado por Freud (1925j) neste texto, em relação às mulheres, é a constatação de que, diferentemente dos homens, o complexo de Édipo é secundário, pois a constatação da castração é pré-edípica, ao passo que nos homens, a ameaça de castração é consequência do complexo de Édipo, etapa estruturante, neste caso. Pode-se, assim, dizer que na mulher o que é estruturante é o complexo de castração e no homem, o de Édipo, sendo os dois derivados das diferenças anatômicas.

Neste contexto, haveria, assim, uma espécie de ética feminina que operaria diferentemente da masculina. Isso porque, sendo a castração determinante e primordial nas mulheres, o complexo de Édipo não precisaria ser destruído para a instauração da moralidade (a menina já sabe que, por suas condições anatômicas, não pode ter a mãe como objeto de amor). Assim, o complexo de Édipo, nas mulheres, permanece acessível à vida psíquica, estabelecendo traços de caráter determinantes de uma nova ética.

Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres - que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade - todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto. (Freud, 1925j, p. 153)

Mas, antes de apresentar esta nova formulação, Freud retoma a descrição do complexo de Édipo, a partir de aspectos pré-edípicos de interesse aos órgãos genitais, ressaltando a existência do caráter bissexual, inclusive nos meninos, apontando para a importância de entender a atitude feminina e masculina para a resolução do complexo. Em relação às mulheres, Freud é forçado a rever esta dinâmica, principalmente pelo produto final: a inversão do objeto de amor (da mãe para o pai), demonstrando um longo percurso precedente para que o Édipo seja alcançado.

Neste caminho, anterior à resolução do complexo de Édipo, além da constatação de

não possuir um pênis, há o que Freud denomina de ramificação do complexo masculino na menina, implicando, em alguns casos, em dificuldades tanto pela perseguição ao pênis (possuir o que falta) tanto pela convicção psicótica de ser um homem a partir da rejeição da vagina.

Dessa forma, Freud parece conceber que as consequências da inveja do pênis são devastadoras nas mulheres ao serem abaladas narcisicamente pelo registro de não serem como os homens. Este reconhecimento imprimiria um traço marcante de inferioridade bem como desenvolveria um desprezo universal pelas próprias mulheres, que, segundo o autor, em parte, dá-se pela própria condição de inferioridade posta pela mãe, aquela que gerou um ser castrado.

Nesse texto, Freud também retoma a questão da menina em torno do clitóris a partir da masturbação. A formulação proposta pelo autor é de que, pelo fato da menina abandonar o clitóris como zona genital dominante, suas atividades masturbatórias ficaram restritas, sendo esta passagem importante para que a feminilidade estivesse em curso em detrimento do traço masculino, representado pela atividade demandante do clitóris.

Por um lado, podemos pensar que, se Freud estiver correto, o abandono do clitóris (atividade) como fonte de prazer para a passividade em torno da vagina é a raiz de grande parte dos problemas relacionados à subjetividade da mulher (o próprio autor diz não ter dúvidas sobre ser este o elemento norteador). Foi esta passagem que instituiu o feminino como sinônimo de passividade e inferioridade. Ao acompanhar o pensamento freudiano, estamos diante de um grande acontecimento em torno do pênis. De fato, parece haver um componente simbólico neste órgão, mas a suposta proeminência atribuída a ele não seria consequência da supervalorização de um homem e não de uma mulher?

Freud também, nesse texto, retoma a ideia da equação pênis-bebê, colocando na maternidade o potencial desejante da mulher, importante para que possa transferir o seu objeto de amor da mãe para o pai, aquele que pode “dar filhos”, permanecendo com ciúmes da mãe. Neste sentido, aponta para as complicações, no caso de mulheres que não conseguem atingir este estágio, estando fixadas na identificação com o pai, não podendo ocupar um lugar mais feminino. Nesse caso, ser mulher é ser mãe.

2.4 Sexualidade feminina

Após introduzir a importância do complexo de castração na constituição da

sexualidade da mulher, presente nas etapas pré-edípicas, Freud retoma esta formulação neste texto do início dos anos 30 (Freud, 1931b). No entanto, o foco do autor é apresentar a passagem, na mulher, do negativo (castração) para o positivo (resolução do complexo de Édipo), ressaltando não haver um “paralelismo nítido” entre o desenvolvimento do menino e o da menina.

Freud começa a dar-se conta da sua limitação quanto analista homem ao analisar suas pacientes mulheres, ocupando na transferência o papel de pai, não podendo alcançar com maior precisão como se dava a constituição psíquica da mulher. Foram algumas seguidoras contemporâneas do autor¹⁸, psicanalistas mulheres, que puderam contribuir com suas novas formulações, ao ocuparem mais livremente o papel da mãe na transferência com suas pacientes, podendo atingir o que para Freud parecia ser “. . . tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar” (1931b, p. 138).

O próprio Freud pôde encontrar nas contribuições de suas discípulas analistas consonância com algumas observações clínicas que obteve em casos de paranoia em mulheres, por exemplo, em que há a presença de hostilidade na relação da menina com a mãe, principalmente pelo fato da menina ter sido rigidamente educada ao recato corporal, que se transforma projetivamente em um temor de ser morta ou devorada pela mãe. Este mecanismo parece estar apenas presente na relação entre a mãe e a menina, como introjeção da construção social em torno do sentido de “ser mulher”.

Assim, com estas descobertas, Freud retoma a importância da relação de dependência com a mãe como referência para que a menina, posteriormente, possa vincular-se ao pai. Há assim uma distinção importante e, de certa forma, pré-condição, para que o complexo edípico possa ser estabelecido nas meninas. “À luz do exame anterior, concluiremos que sua atitude hostil para com a mãe não é consequência da rivalidade implícita no complexo de Édipo, mas se origina da fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação” (Freud, 1931b, p. 141).

Adicionalmente, nesse texto, Freud retoma a questão da bissexualidade, mas agora ressaltando a importância desta para a constituição da sexualidade da mulher e nem tanto do homem, com base na tese da dupla de prazer masculino-feminino, clitóris-vagina, respectivamente, observada na mulher, em contraste com o homem, que possui uma maneira

¹⁸ As principais interlocutoras de Freud sobre este tema foram Helene Deutsch, Karen Horney, Josine Muller, Melanie Klein, Jeanne Lampl-de Groot, Joan Riviere e Marie Bonaparte. Ernest Jones e Karl Abraham também desenvolveram textos importantes sobre esta temática, que fomentaram discussões acerca da sexualidade feminina.

única de obter prazer pelo pênis (desde sempre, sem necessidade de abandono).

Essa retomada de Freud organiza e esclarece com mais detalhes o processo de abandono do prazer pré-edípico na mulher (clitóris), como única fonte de prazer, para a primazia vaginal, preponderante na fase genital. O autor assume agora que, apesar deste suposto abandono para atingir certa organização erógena (da fase fálica para a genital), não é universal a exclusão do clitóris na cena sexual genital adulta, participando ativamente, em alguns casos, para a obtenção de prazer.

Freud deu-se conta de que não é possível, de fato, assumir o modelo de sexualidade de meninos e replicá-lo a meninas. Mesmo tendo admitido a prevalência do elemento masculino nas fases pré-edípicas, este masculino da mulher não se equipara ao masculino encontrado nos homens, passando a ideia de que haveria duas teses para a bissexualidade: uma para as mulheres e outra para os homens. Este redirecionamento de zona erógena preponderante (do clitóris para a vagina), portanto, do masculino para o feminino, acompanharia a escolha de objeto sexual na menina, da mãe para o pai, ou, em casos de fixação em um “complexo de masculinidade”, poderia levar à homossexualidade feminina.

Nesse sentido, o clitóris para Freud é um impasse no percurso feminino: ele pode aparecer nos jogos sexuais genitais posteriores, mas não pode ser preponderante. Caso contrário, o caminho em direção à genitalidade ficaria difuso.

A partir dessas formulações, pode-se indagar que, do ponto de vista da mulher, a falta feminina estaria mais relacionada ao abandono do clitóris para a primazia da vagina, caso ele não possa ser reintegrado na relação sexual, e não pela constatação de ser castrada em comparação com o pênis. A referência fálica, assim, parece ser o clitóris perdido e que analogamente pode ser transferido ao pênis: “Perdi minha fonte de prazer para ter bebês. Mas, os homens não perdem nada: sentem prazer e fecundam mulheres. Deve ser bom ter pênis”. Portanto, na realidade, o percurso freudiano que ressalta a perda do clitóris para a emancipação da vagina aponta para a castração que deve ser elaborada, que vai na direção do abandono do prazer para a emancipação da procriação. Esta seria, assim, a verdadeira castração sofrida pelas mulheres e motivo de depreciação na cena sexual: a menos valia da mulher no âmbito do prazer.

Esse processo ocorre a partir da relação da menina com a mãe, que interdita a masturbação clitoriana, ao mesmo tempo em que é o objeto de amor da menina. Freud aponta para a relação de ambivalência acentuada entre a menina e a mãe, que permanecerá ativa como a base da subjetivação da mulher, diferentemente do menino, que poderá transferir todos os elementos hostis para o pai, quando estiver pronto para ocupar seu lugar. Essas

suposições, porém, ressalta Freud, eram incipientes em sua época e precisariam ser revisitadas e analisadas ao longo do desenvolvimento da Psicanálise.

Adicionalmente, há um elemento colocado por Freud que é a maneira como a passividade e a atividade verificadas nas meninas estão presentes desde sempre na relação com a mãe: ser cuidada pela mãe em todos os aspectos exigidos pela maternagem seria o caráter passivo, que logo vai buscando o contorno da atividade, quando a bebê não apenas é alimentada pelo seio, mas quando procura sugá-lo intensamente, por exemplo. Posteriormente, o jogo entre a passividade e a atividade passa a integrar a cena lúdica:

Raramente ouvimos falar numa menina que quer lavar ou vestir sua mãe, ou que lhe diga para efetuar suas funções excretórias. Às vezes, é verdade, ela diz: ‘Agora vamos brincar que eu sou a mãe e você é a filha’; geralmente, porém, realiza esses desejos ativos de maneira indireta, em seu brinquedo com a boneca, brinquedo em que representa a mãe, e a boneca, a filha. A predileção que as meninas têm por brincar com bonecas, em contraste com os meninos, é comumente encarada como sinal de uma feminilidade precocemente desperta, e isso não sem razão; não devemos, porém, desprezar o fato de que o que nisso encontra expressão é o lado ativo da feminilidade e que a preferência da menina por bonecas provavelmente constitui prova da exclusividade de sua ligação à mãe, com negligência completa do objeto paterno. (Freud, 1931b, pp.144-145)

Tem-se assim uma nova concepção para a tese da bissexualidade: o jogo entre a passividade e a atividade acompanha a organização das zonas exógenas, desde a fase oral, passando pela anal até a fálica, permanecendo neste aspecto de forma similar em ambos os sexos, com a mãe como objeto preponderante. Ao atingir a fase fálica, porém, ocorre um afastamento da menina em relação à mãe, que, para Freud, é decisivo para que a feminilidade possa surgir, após o abandono da masculinidade (atividade clitoriana).

Com o afastamento da mãe, a masturbação clitoriana não raro cessa também, e, com bastante frequência, quando a menina reprime sua masculinidade prévia, uma parte considerável de suas tendências sexuais em geral fica também permanentemente danificada [*sic*]. A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edípica à mãe, ligação que superou. (Freud, 1931b, p. 147)

Ao final desse artigo, Freud dialoga com seus principais interlocutores e observa-se o quanto, apesar de por algumas vezes afirmar desconhecer o terreno em que se constrói a sexualidade feminina, o autor parece ter se convencido de alguns pontos cruciais neste percurso que apontam, principalmente, para: a importância das etapas pré-edípicas para o

desenvolvimento sexual da menina, tendo como ponto central a ligação de amor e de hostilidade na relação da menina com a mãe; e a presença inicial de um elemento masculino (clitóris) que precisará ser abandonado para o encontro com a feminilidade (primazia vaginal), reforçado pela constatação da castração (inveja do pênis), de importância primária para Freud na constituição da sexualidade da mulher.

2.5 Feminilidade. Conferência 23. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos.

No início desse texto, Freud (1933a) anuncia que as formulações que serão expostas quase não terão acréscimos teóricos, mas se basearam em evidências clínicas que o fizeram desenvolver observações adicionais a respeito do “enigma da natureza da feminilidade”.

O autor apresenta o problema em torno da definição do que é ser homem versus o que é ser mulher, apontando inicialmente que, mesmo os aspectos anátomo-biológicos indicam uma proporção entre elementos masculinos e femininos em todos os indivíduos, não podendo haver nenhuma possibilidade de purismo de gênero.

Dessa forma, o autor retoma a noção de bissexualidade, desconstruindo algumas posições antes colocadas: que atividade é sinônimo de masculinidade e passividade, de feminilidade; que exclusivamente ao feminino cabe o cuidado aos filhos, na função materna (em algumas espécies há divisão desta tarefa entre machos e fêmeas); e que na própria natureza humana, o ato de amamentar envolve uma atitude ativa da mãe em relação ao bebê, que, por sua vez, também se mostra ativo ao sugar o seio materno. É nesse sentido que não se pode mais admitir que ativo e passivo signifiquem masculino e feminino, respectivamente.

Até este momento, tem-se a impressão de que Freud está mais maduro em suas formulações, combatendo alguns mal entendidos da sua época. Na sequência, retoma os pontos já discutidos nos textos anteriores, descrevendo o percurso do desenvolvimento sexual da mulher já descrito.

Porém, ao falar da situação edípica, peculiar no caso das meninas, em que a resolução de ter o pai como objeto de amor é um refresco para a constatação de ser castrada, faz provocações às feministas dizendo estar convicto de que a formação superegoica das mulheres seria comprometida.

Apesar dessa suposta convicção, Freud, nesse texto, afirma que os elementos expostos ajudariam a entender a pré-história da mulher, não podendo fazer apontamentos que

seguissem além da resolução do complexo de Édipo, de forma que o enigma em torno da mulher permaneceria ainda, visto as observações acerca da alternância entre o masculino e o feminino no decorrer do processo de desenvolvimento sexual.

Nesse texto sobre o tema da feminilidade, Freud oscila entre constatar a dificuldade de ser, ele próprio, um homem na busca do entendimento das condições idiossincráticas a que a mulher está submetida pela via de seu desenvolvimento sexual e a reafirmação masculina de que as mulheres: permanecem como um enigma, um problema de difícil solução; apresentam uma formação superegoica falha (possuem a inveja como predominante em sua constituição psíquica, dificultando o senso de justiça); sentem vergonha diante da inferioridade de seus órgãos genitais; têm pouca contribuição para a história da civilização, a não ser por saberem “tecer e trançar”; obtêm na maternidade e na feminilidade “as inestimáveis tarefas sociais a seu cargo”; e são mais débeis em seus interesses sociais que os homens, com menor capacidade de sublimar seus instintos.

Adicionalmente, após essa lista sobre traços de caráter observados comumente em mulheres, Freud sugere que o trabalho analítico com esse segmento parece ser inócuo em termos de desenvolvimentos gerais, apenas útil na eliminação de sintomas, dada a rigidez feminina. É como se constatasse que a menina, após tantas renúncias e abandonos, precisaria fixar-se em algumas posições para que a complexidade de seu desenvolvimento sexual não viesse à tona.

No final do texto, Freud conclui:

Isto é tudo o que tinha a dizer-lhes a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável. Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes. (Freud, 1933a, p. 90)

Assim, ao final deste longo percurso, de 1905 até 1933 (vinte e oito anos de estudos, formulações e reformulações), há de se reconhecer a sinceridade de Freud em relação ao pouco desenvolvimento das questões ligadas à sexualidade da mulher em sua obra e à sua clássica pergunta “O que quer uma mulher?”, ato defensivo sob o manto de um clichê moderno em torno da mulher como continente inexplorado, e que, ao mesmo tempo, denuncia sua impotência diante do assunto.

Depois de todas as explicações intrincadas em busca da primazia genital para tornar a mulher prioritariamente feminina em seu desenvolvimento psicosexual, Freud nos convida a buscar outras fontes de explicação.

3 Considerações finais

Os textos freudianos nos convocam a pensar como Freud, a partir de formulações gerais, tratou das influências do puritanismo em sua teoria da sexualidade e como elucidou a questão específica sobre a sexualidade das mulheres.

As formulações de Freud em relação às históricas e à psicanálise em geral, surgem em um período o qual se tentava suplantar a qualquer custo as questões ligadas à sexualidade. Ao expandir o conceito, Freud percebeu que a sexualidade era uma dimensão fundamental das pessoas e colocou à frente o que deveria ser devidamente reprimido. A elaboração da ideia de inconsciente e sua primazia em relação à consciência propõe a existência de uma governança sexual obscura. Porém, é uma formulação geral (mesmo partindo da histeria), com nenhum destaque especificamente à questão da sexualidade feminina, peça-central para entender a etiologia da histeria e sua relação com a ordem repressiva do puritanismo aplicada às mulheres.

Depois dos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905d), Freud vai dedicar-se com mais atenção à questão da sexualidade feminina nos textos sobre o complexo de Édipo (Freud, 1924d, 1925j), e na década de 30 (Freud, 1931b, 1933a), com textos específicos sobre o tema. Desta forma, Freud manteve a tese da bissexualidade como interpretação das sexualidades masculina e feminina, fazendo reformulações e complementos a partir do surgimento da problemática da feminilidade nos anos 30, após publicações específicas realizadas por suas principais interlocutoras.

Ao pensar a clínica psicanalítica como uma fonte de efervescência na compreensão da natureza humana, Freud desenvolveu uma teoria capaz de explicar as consequências patológicas decorrentes das demandas reprimidas pelo puritanismo, mas reforçou o retorno à vida doméstica pelas mulheres em torno da figura da mãe¹⁹, atendendo ao ideal da mulher do lar. Assim, o percurso freudiano o desviou dos desejos de algumas mulheres (não

¹⁹ Em nota de rodapé, Gay (1995) comenta sobre o “amálgama de burguês conservador e cientista revolucionário” presente em Freud, citando uma carta endereçada à sua noiva e futura esposa, Martha Bernays, que mencionava a ideia de que toda mulher podia ser dominada por um homem porque por trás de uma mulher de verdade havia uma senhora que pousava de escrava (pp. 328).

necessariamente de todas), ainda que os elementos fundantes da psicanálise estivessem colocados a partir de um conflito sobre a sexualidade feminina²⁰.

²⁰ Uma compreensão mais aprofundada sobre a relação de Freud com as mulheres pode ser encontrada em: Gay, P. (1989). A mulher, o continente negro. *Freud: uma vida para o nosso tempo* (pp. 454-474). São Paulo: Companhia das Letras.

Capítulo 2. Quadro geral sobre o feminino e a mulher nos pós-freudianos: de continente inexplorado à ocupação de um terreno fértil para novos desenvolvimentos

Este capítulo mostrará os principais textos das primeiras gerações de psicanalistas que dialogaram com Freud sobre o tema do feminino e da mulher, ora aproximando-se com ideias complementares, ora distanciando-se, acrescentando formulações que colocariam em discussão os pressupostos freudianos. Verifica-se, ao se analisar as contribuições de psicanalistas das primeiras gerações, que muito do que propuseram como desenvolvimentos teórico-clínicos foram diretamente incorporados por Freud e algumas outras contribuições (principalmente as de Abraham e outras que derivam de suas formulações) influenciaram trabalhos que marcaram a evolução da psicanálise para além de Freud, como a teoria de Klein, por exemplo, e os desenvolvimentos que marcaram as contribuições dos teóricos das relações de objeto, incluindo Winnicott.

1 Apresentação dos eixos de análise

A análise a seguir se baseará nas publicações das primeiras gerações de psicanalistas, discípulos de Freud, sobre o tema do feminino e da mulher (Dias & Fulgencio, 2020)²¹. A maior parte dos textos foi publicada originalmente no *The International Journal of Psycho-Analysis*, com duas exceções: o texto de Karl Abraham, *Origins and Growth of Object-love*, que faz parte de seus *Selected Writings*, e o texto *On Female Homosexuality* de Helene Deutsch, que foi publicado no *The Psychoanalytic Quarterly*.

Grigg et al. (1999) sugerem que as discussões acerca da sexualidade feminina dividiram-se entre dois grupos: um em torno de Karl Abraham e de duas de suas discípulas, Melanie Klein e Karen Horney (além de Ernest Jones), com a temática das relações edípicas arcaicas da menina-bebê em relação à mãe; e outro em torno dos pressupostos freudianos, destacando-se Helene Deutsch, Jeanne Lampl-de Groot e Marie Bonaparte²².

²¹ Publicação derivada deste capítulo, realizada pela *Percurso*.

²² O entendimento de que as controvérsias iniciais da psicanálise sobre o feminino levaram ao surgimento de duas escolas distintas, a de Viena e da Londres, será útil no desenvolvimento desta pesquisa porque evidencia as raízes históricas, bem como a dispersão geográfica, das principais ideias em debate. O objetivo principal é identificar como as sementes plantadas nesse período culminaram no desenvolvimento da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, sem nenhuma pretensão de fazer uma exegese sobre o tema no período em questão, o que seria de extrema complexidade e desnecessário para o objetivo desta pesquisa.

Adicionalmente, os desenvolvimentos teórico-clínicos apresentados pelos dois grupos de psicanalistas a serem analisados parecem ter girado em torno de três eixos: “a natureza da sexualidade feminina; a suposição de que a feminilidade é definida pela libido, que é primeiramente masculina e fálica; e a relação mãe-bebê”²³ [tradução nossa] (Grigg et al., 1999, p. 12), tendo como ponto central as principais indagações relacionadas à inveja do pênis²⁴.

Dessa forma, após analisar todos os textos, acredita-se que a proposta de agrupamento de Grigg et al. (1999) entre seguidores de Abraham e Freud, tendo em vista a ênfase na relação mãe-bebê ou na feminilidade que advém da libido masculina, respectivamente, seja pertinente e orientadora.

Como sugere Jones (1935), pode-se dizer que essa formação em dois grupos teve um caráter norteador nos desenvolvimentos posteriores da Psicanálise, de forma a acirrar as diferenças conceituais entre os mesmos, sendo posteriormente nomeados como a escola de Viena (a partir de Freud) e a escola de Londres (a partir de Abraham). Dessa forma, a análise crítica seguirá essa proposta. Dentro de cada grupo, as formulações serão apresentadas destacando-se as principais contribuições de cada autor, de acordo com os eixos de análise.

Nesse contexto, parece que as produções da primeira geração de analistas em torno do tema foram vastas na década de 20, quando Freud publicou os textos *Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos* e *A dissolução do complexo de Édipo*, e lançaram a problemática do falo no processo de desenvolvimento psicosssexual, ajudando o autor nas formulações posteriores, tendo que reconsiderar seu pensamento a respeito do complexo de Édipo nas meninas e introduzindo a importância das etapas pré-genitais, conforme ele mesmo constata nos textos *Sexualidade feminina* e *Feminilidade. Conferência 23. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*.

Essas discussões controversas ocorreram no percurso do trecho Viena - Londres²⁵, passando por Berlin, *The Hage* (sede do governo holandês e também nome de uma cidade da Holanda, também conhecida como Haag,) e Paris, determinando a efervescência das

²³“the nature of female sexuality; the presupposition that femininity is defined by a libido which is male and primarily phallic; and the mother-child relationship”.

²⁴ Worthington (2011) argumenta que os textos dos anos 20 e 30 representam, em certa medida, uma discussão sobre a (homo)ssexualidade feminina, dada a importância atribuída ao que era dito “masculino” no desenvolvimento psicosssexual, de forma que, no processo de diferenciação sexual, todo “traço masculino” observado em uma mulher é colocado na chave da homossexualidade (sublimada ou declarada).

²⁵ As discussões sobre o desenvolvimento psicosssexual da mulher marcaram um importante momento da diáspora psicanalítica que, no período entreguerras, fez florescer em Londres novos desenvolvimentos teórico-clínicos em torno das relações primordiais entre mãe e bebê, bem como aqueles que se dedicaram a entender as relações de objeto.

formulações psicanalíticas da Europa dos anos 20 e 30, antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, mas já ancoradas nas consequências da Primeira.

1.1 Discussões em torno dos pressupostos de Freud: escola de Viena

As contribuições desse grupo giraram em torno dos pressupostos freudianos que comungavam a ideia de que a feminilidade advém da libido (masculina e fâlica), preocupando-se em enfatizar ou destrinchar as consequências psicosexuais dos complexos de castração e de masculinidade, bem como do abandono do clitóris para a primazia genital, sendo estes os marcos organizadores da constituição subjetiva da mulher. Os destaques em termos de contribuições teórico-clínicas ficaram com Helene Deutsch, Jeanne Lampl Lampl-de Groot e Marie Bonaparte (Grigg et al., 1999).

Primeiramente, Deutsch (1924) se ocupou, por exemplo, em mostrar como se dá a passagem para o feminino, em termos de desenvolvimento genital, tendo a função de reprodução como expoente. Nesse percurso, a autora aponta para a constatação de que na teoria freudiana ser mulher significa ser mãe. Posteriormente, a autora se ateuve na influência do masoquismo na vida mental das mulheres (Deutsch, 1929), encontrando neste traço a raiz da feminilidade e o entendimento da homossexualidade feminina (Deutsch, 1932).

O processo que vai desde o clitóris (masculinidade) até o encontro com a fase vaginal (feminilidade) é marcado pelo abandono de um órgão para a descoberta de outro, no próprio corpo da menina, e remonta à relação inicial com o seio materno, de forma que o aspecto psíquico da relação sexual se apoia “. . . na repetição e no domínio do trauma de uma forma simbólica de castração; incorporar o pênis repete o trauma do desmame”²⁶ [tradução nossa] (Grigg, et al., 1999, p. 93).

Nesse sentido, sendo a vagina o receptáculo maternal, ela funciona analogamente como uma espécie de “ego em miniatura” de forma que, “. . . como o objeto de uma libido materna, o companheiro se torna a criança; e na relação sexual o pênis assume o lugar do seio, e a vagina o papel passivo de sucção pela boca”²⁷ [tradução nossa] (p. 93).

Na lógica de Deutsch (1924), ter uma vagina é um certo ajuste confortável para o

²⁶ “. . . in the repetition and mastery of the trauma of a symbolic form of castration; incorporating the penis repeats the trauma of weaning”.

²⁷ “. . . as the object of maternal libido, the partner becomes the child; and in coitus the penis takes on the role of the breast, and the vagina the passive role of sucking mouth”.

imaginário feminino, na medida em que toda mulher pode gerar filhos e ser alimentada por um homem, assim como fora por sua mãe. Por outro lado, o clitóris ainda conserva seu caráter masculino, que “. . . renuncia sua função masculina a favor do pênis que se aproxima do corpo que não o tem”²⁸ [tradução nossa] (p. 97).

Deutsch (1924), apesar de enfatizar a relação inicial com a mãe, retomando-a na fase genital como protótipo, não aborda a relação ambivalente presente com os pais, desde o início do desenvolvimento psicosssexual, assim como o fizeram Abraham (1924), Klein (1927) e Jones (1927)²⁹, atrelando o feminino à passividade e ao masoquismo.

Especificamente em relação à questão do masoquismo, Bonaparte (1934) também reforça a importância desse elemento como constituinte do desenvolvimento psicosssexual das mulheres, estando presas ao sofrimento ligado às experiências sexuais, seja pela perda da virgindade ou pela reprodução.

No entanto, nesse aspecto, a autora vai além de Freud e Deutsch, reforçando o masoquismo como, inclusive, fonte de prazer erótico para as mulheres. Para a autora, há duas vias para o desenvolvimento da sexualidade feminina: a aceitação dos aspectos masoquistas da relação sexual ou a dissociação do prazer erótico das funções reprodutoras, a partir da aceitação da posição de passividade. Apesar de um posicionamento conservador que envolve naturalmente a mulher ao masoquismo e à passividade, a autora aponta também para a maior aderência à bissexualidade, devido à disposição anatômica – a cloaca feminina, ou seja, a região reto-vaginal, aliada ao falo atrofiado (clitóris), confere à mulher uma “natureza dupla” (Bonaparte, 1934, p. 271).

Tanto Deutsch quanto Bonaparte sugerem, assim, que tornar-se mulher só é possível se a função maternal da vagina for alcançada, a partir da renúncia à reivindicação clitoriana, que não permitiria essa rede de identificações e o estabelecimento dos mecanismos de introjeção/ incorporação e expulsão, vivenciados no ato sexual e na possibilidade de ter bebês. A partir dessa dinâmica, a homossexualidade feminina, assim, estaria atrelada a uma exacerbada inveja do pênis como consequência do excesso de proibição vindo da mãe, em relação à excitação clitoriana.

Lampl-de Groot (1928), assim como outros autores, também enfatiza a relação primordial de apego à mãe pela menina como um evento importante e anterior ao complexo de castração no processo de construção da feminilidade na mulher.

²⁸ “. . . renounces its male function in favour of the penis that approaches the body from without”.

²⁹ As contribuições de Karl Abraham, Melanie Klein e Ernest Jones serão abordadas no item *Discussões em torno dos pressupostos de Abraham: escola de Londres*, deste capítulo.

A autora também traz a dinâmica edípica para os estágios iniciais de desenvolvimento, assim como o fez Klein³⁰, sendo a mãe o objeto de amor e o pai, o rival. Para Lampl-de Groot (1928) esse aspecto é determinante para o complexo de castração; quando a menina se mantém fixa na dinâmica negativa³¹, nas etapas posteriores, não poderá voltar-se ao pai como objeto de amor. A fixação no complexo de Édipo negativo é, segundo a autora, o fator determinante para alguns conflitos encontrados em mulheres, como a negação da sexualidade ou a frigidez.

Adicionalmente, outras contribuições se fizeram presentes, mas apenas enfatizando aspectos já incorporados nos pressupostos freudianos: Ophuijsen (1917)³², por exemplo, se ocupou em diferenciar o complexo de masculinidade do complexo de castração; Stärcke (1920), por sua vez, questiona se haveria uma distinção entre o complexo de castração e de masculinidade, tema este que será retomado por Riviere (1929), e encontra no desmame o protótipo da castração, por ser a primeira experiência real da infância em termos de ruptura; Müller (1925) aponta que a ênfase na estimulação clitoriana, na fase genital, é sempre em decorrência da inveja do pênis e da repressão pulsional em torno da vagina, estando a sexualidade da mulher que segue por esta via, de certa forma, infantilizada; Müller-Braunschweig (1926), na direção de enfatizar a passividade, presente na primazia genital em torno da vagina, sobre a formação superegoica das mulheres, aponta que, inconscientemente, as mulheres incorporam o desejo de serem dominadas por um homem na cena sexual, sendo esta posição passiva estendida ao caráter; e, finalmente, Fenichel (1931), que também aponta para a importância dos aspectos pré-edípicos para a constituição da feminilidade, analisando o complexo de Édipo e de castração sob a ótica das relações de objeto.

1.2 Discussões em torno dos pressupostos de Abraham: escola de Londres

O primeiro texto de Abraham sobre o tema se atém ao complexo de castração e aos impactos dessa problemática na constituição da sexualidade feminina: “Muitas mulheres sofrem temporariamente ou permanentemente, na infância ou na idade adulta, do fato de

³⁰ Para mais detalhes sobre a contribuição de Klein, consultar item 1.2 deste capítulo.

³¹ Negativo porque a mãe é o objeto de amor, nas etapas anteriores ao complexo de Édipo. A resolução da trama edípica, no entanto, torna-se “positiva” quando há a inversão do objeto de amor, de forma que a mãe é substituída pelo pai.

³² Esse texto foi publicado em inglês apenas em 1924 e talvez por isso tenha sido subestimado em relação à sua importância para a construção do pensamento freudiano em torno da sexualidade feminina.

terem nascido mulheres”³³ [tradução nossa] (Abraham, 1922, p. 52). Essa afirmação já projeta a extensão das questões ligadas à mulher, com um horizonte complexo e de sofrimento certo (em menor ou maior ordem), com certa predestinação para a patologia.

Para o autor, a Psicanálise, a partir de seus casos clínicos, pôde constatar até então que uma das manifestações mais contundentes é de que toda mulher encobre o desejo de ter nascido homem, manifestações estas que podem variar desde a normalidade até as diversas nuances da psicopatologia. Independentemente das consequências dessas manifestações, para Abraham, elas surgem a partir da constatação da “pobreza” de seus órgãos genitais em relação aos meninos, como uma espécie de ferida, que atinge seu narcisismo. Esse abalo narcísico levaria ao sentimento de inveja do pênis, se manifestando comumente como hostilidade e desejo de vingança em relação aos homens.

Antes de entrar nas questões específicas ligadas ao desenvolvimento psicosssexual, é importante mencionar que esse texto introdutório de Abraham faz jus a um aspecto importante sobre a transmissão do saber psicanalítico, que se torna preponderante na questão em torno da sexualidade da mulher: a maneira como as questões estavam sendo construídas e transmitidas sobre o tema pareciam reforçar uma lógica masculina não apenas como um modelo falocêntrico de desenvolvimento psicosssexual, mas como um problema pessoal para os homens da Psicanálise.

Nessa direção, Horney (1925), assim como Jones (1927), preocupou-se em mostrar a diferença na teorização psicanalítica sobre o complexo de masculinidade nas mulheres quando realizada por analistas homens e mulheres e, apoiada nas ideias do filósofo Georg Simmel³⁴ sobre a construção da civilização em torno dos ideais masculinos, Horney aponta para o viés também na construção do saber psicanalítico, que é predominantemente masculino³⁵.

Horney (1925) é categórica ao dizer que: "O cenário analítico atual sobre o desenvolvimento feminino (ainda que este cenário seja correto ou não) em nenhum caso difere, na largura de um fio de cabelo, das ideias típicas que um menino tem sobre uma menina" [tradução nossa] (p. 110)³⁶.

³³ “Many women suffer temporarily or permanently, in childhood or in adult age, from the fact that they have been born female”.

³⁴ Georg Simmel foi um sociólogo alemão, considerado um dos pais da Sociologia por suas influências no estágio inicial de desenvolvimento desta disciplina, tendo sido influenciado pelas ideias de Max Weber, Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Wilhelm Dilthey e Henri Bergson.

³⁵ Além de Freud, as primeiras contribuições sobre o tema foram realizadas por Ophuijsen, Starcke e Abraham.

³⁶ “The present analytical picture of feminine development (whether that picture be correct or not) differs in no case by a hair’s breath from the typical ideas which the boy has of the girl”.

Na mesma direção, segue Jones (1927):

Existe uma suspeita saudável de que os analistas homens foram levados a adotar uma visão indevidamente falocêntrica dos problemas em questão, e, assim, a importância aos órgãos femininos ser, de forma correspondente, subestimada. As mulheres, por sua vez, contribuíram para essa mistificação geral pela atitude secreta em relação aos próprios órgãos genitais e por demonstrar uma preferência quase disfarçada pelo órgão masculino³⁷ [tradução nossa] (p. 134).

O texto de Horney (1925) tem uma importância histórica e política na Psicanálise, pelo fato de uma psicanalista mulher explicitamente abordar o tema da parcialidade masculina nas concepções até então elaboradas. O ponto de Horney não é apenas dizer se o modelo de desenvolvimento psicosssexual com base nos homens pode ser replicado às mulheres, mas o quanto as questões socioculturais devem ser levadas em consideração nesse desenvolvimento, principalmente a adaptação das mulheres à dominância masculina, que já está em curso desde a infância.

Na teoria psicanalítica, a inveja do pênis parece se apoiar mais na Biologia e não tanto na Sociologia, inculcando efeitos psicológicos de inferioridade na mulher a partir de um órgão genital. Por outro lado, Horney (1925) questiona: Por que a maternidade e seus aspectos biológicos não são, analogamente, invejados pelos homens, dada a superioridade inquestionável das mulheres em relação à maternidade? Em um texto posterior, a autora (Horney, 1932) também se indaga sobre o medo de mulher encontrado nos homens, que é profundamente assentado quando comparado ao medo do pai. O medo da mulher é o medo da mãe, enquanto que o medo do pai se apresenta como algo tangível a ser vencido e que se volta como elemento de gratificação e reforço da masculinidade. Para Horney, medo de mulher é uma ansiedade narcísica.

Em texto posterior, Horney (1933) se aprofunda na questão da suposta inferioridade da vagina em relação pênis nas fases pré-edípicas e verifica, a partir de alguns casos clínicos, que a vagina desempenha papel importante em termos de estimulação sexual, refutando a hipótese freudiana em torno da inveja do pênis, mesmo antes da constituição da genitalidade. A autora se refere à negação da vagina como possível fonte de ansiedade nas mulheres, opondo-se à tese de que a vagina é descoberta apenas após o abandono do clitóris.

³⁷ “There is a healthy suspicion growing that men analysts have been led to adopt an unduly phallogocentric view of the problems in question, the importance of the female organs being correspondingly underestimated. Women have on their side contributed to the general mystification by their secretive attitude towards their own genitals and by displaying a hardly disguised preference for interest in the male organ”.

As questões em torno da inveja do pênis, assim, parecem ter um sustentáculo sociocultural importante, segundo a autora, tendo no casamento heterossexual e na maternidade um contorno praticamente institucionalizado de como as mulheres devem lidar com sua inferioridade em relação aos homens ou obter refúgio na masculinidade de seus maridos e no triunfo fálico de serem mães.

Para a autora, segundo Grigg et al. (1999), se a argumentação de Freud em torno da inveja do pênis fosse integralmente observável em todas as mulheres,

... ‘impulsos masculinos’ seriam imperativos na afirmação da feminilidade em cada ponto crítico do desenvolvimento da sexualidade feminina; a homossexualidade seria mais comum entre mulheres; o desejo de ter um filho deveria ser secundário e substitutivo; e a relação de uma mulher com a vida teria de brotar do ressentimento³⁸ [tradução nossa] (p. 253).

Contudo, reconhece, do ponto de vista do desenvolvimento psicosssexual, a importância do complexo de castração, ainda que traga elementos diferentes para analisá-lo, localizando-o a uma relação particular da menina com o pai, que tem como consequência a identificação com a posição masculina.

Em relação à inveja do pênis, quando se instaura de modo marcante no desenvolvimento psicosssexual da menina, a autora observa dois momentos distintos: o primeiro, relacionado à diferença anatômica que traz aos meninos privilégios em relação ao aparelho urinário e à masturbação; e o segundo, quando as mulheres rejeitam sua função feminina, abdicando-a para encontrar refúgio no desejo inconsciente de ser homem, como uma maneira para lidar com os desejos e fantasias libidinais em relação ao pai.

Finalmente, apesar dessas considerações, a autora reitera a dificuldade que as mulheres sofrem em qualquer possibilidade de sublimação das situações expostas até aqui, dadas as características da sociedade patriarcal e a dificuldade para todas as mulheres atingirem posições sociais e profissionais à altura dos homens, propiciando o que a autora descreve como “the flight from womanhood”³⁹ rumo à masculinidade.

Retomando agora as contribuições de Abraham, em relação a sintomas ligados à construção da feminilidade, o autor aponta para a homossexualidade e a neurose como

³⁸ ... ‘masculine impulses’ would be imperative to an affirmation of femininity at each critical point in the development of female sexuality; homosexuality would be more common among women; the wish to have a child would have to be secondary and substitutive; and a woman’s relation to life would have to spring from resentment”.

³⁹ Aqui poderíamos entender como o voo da feminilidade.

consequências diretas da inveja do pênis e do complexo de castração: a primeira condição, a partir do desejo de ser um homem na relação com uma mulher pela vivência homossexual de fato ou a partir da sublimação, deslocando a homossexualidade para interesses intelectuais e de ordem profissional; a segunda condição se expressaria pelo sentimento de sentir-se realizada (reprimindo o desejo de ser homem - o complexo de masculinidade descrito por Ophuijsen) ou a partir de sentimentos de vingança e hostilidade em relação aos homens.

No entanto, além dos aspectos psicopatológicos ligados à questão de ser mulher, Abraham (1922) aponta que poderia haver, na normalidade, uma reconciliação da mulher com o complexo de castração sublimado a partir da maternidade, sendo o bebê uma gratificação fálica e narcísica. Contudo, sugere que, mesmo nestes casos, a normalidade é uma condição difícil de ser atingida, já que toda mulher terá que elaborar outras manifestações de sua feminilidade, que são menstruar, perder a virgindade e a própria experiência de ter filhos, que reforçam sempre a ideia de ter uma ferida no lugar de ter um pênis. Parece assim não haver saída normal, quando o normal é baseado no masculino. Essa poderia ser uma boa indicação de que, neste caso, o que é dito normal é unilateral e beneficia apenas os homens.

Até este ponto Abraham parece estar alinhado aos pressupostos da escola de Viena. No entanto, para Grigg et al. (1999), é em um texto de publicação posterior que o autor faz sua maior contribuição para o tema da sexualidade feminina. Nesse texto, ao discutir os aspectos pré-genitais da libido e a escolha de objeto, Abraham (1924) faz desenvolvimentos importantes em torno do complexo de castração e acaba por relacionar a inveja do pênis à uma fixação na fase oral, assim como fez Stärcke (1920).

O texto é a segunda parte de um estudo do autor intitulado *A Short Study of the Development of the Libido*, e está mais focado em analisar a relação de cada pessoa com seus objetos de amor, a partir do desenvolvimento psicosssexual, saindo da fase oral até a fase genital.

Um ponto importante levantado por Abraham, a partir da ideia de objeto parcial, é a relação direta entre o pênis e o seio, apontando para casos em que outras partes do corpo, ao longo do desenvolvimento psicosssexual, podem relacionar-se a estes objetos, principalmente quando se analisam os casos de perversão.

No estágio de 'amor parcial com incorporação, como temos observado, o objeto de amor é representado por uma parte dele mesmo. A criança pequena tem uma atitude ambivalente em relação a esta parte

(pênis, seio, fezes etc.); isto é, ela a deseja e a rejeita ao mesmo tempo. [tradução nossa] (Abraham, 1924, p. 88)⁴⁰.

Como resultado dessa análise, Abraham acaba por ampliar o conceito de castração, relacionando-o a diferentes manifestações, e propõe um quadro que relaciona os estágios de organização libidinal e seus respectivos objetos de amor, conforme abaixo:

Tabela 1 – Quadro dos estágios de organização libidinal e objetos de amor

Estágios da Organização Libidinal	Estágios da Relação com os Objetos de Amor	
VI. Estágio Genital Final	Objeto de amor	Pós-Ambivalente
V. Início do Estágio Genital	Objeto de amor com exclusão de genitais	Ambivalente
IV. Estágio Anal-Sádico Posterior	Amor parcial	Ambivalente
III. Estágio Anal-Sádico Anterior	Amor parcial com incorporação	Ambivalente
II. Estágio Oral Posterior (Canibal)	Narcisismo (incorporação total do objeto)	Ambivalente
I. Estágio Oral Anterior (Sucção)	Autoerotismo (sem objeto)	Pré-Ambivalente

Fonte: Abraham (1924), publicado em Grigg et al. (1999, p. 13), com tradução nossa.

As formulações de Abraham (1924) em torno da fase oral, passando por todas as etapas, deslocam o eixo de análise para a relação mãe-bebê e para as relações com os objetos de amor como marcos importantes ao longo do desenvolvimento psicosssexual, ampliando assim o entendimento da feminilidade.

A ampliação proposta por Abraham (19124) foi a abertura necessária para que desenvolvimentos posteriores e decisivos em torno das relações iniciais entre mãe e bebê pudessem ser enfatizados na teoria desenvolvida por Klein.

Em diálogo com as ideias de Abraham, as contribuições de Klein (1927) assumem grande importância nas discussões sobre a sexualidade feminina. Primeiro, porque se baseiam na análise de crianças (especialmente entre três e seis anos) e não na infância expressa a partir da análise de adultos; e segundo, porque trazem em seu bojo os alicerces da sua teoria em torno do desenvolvimento psicosssexual da primeira infância, em que o complexo de Édipo

⁴⁰ "In the stage of 'partial love with incorporation, as we have seen, the love-objected is represented by one part of itself. The small child has an ambivalent attitude towards that part (penis, breast, excrement, etc.); that is, he desires it and rejects it at the same time".

arcaico⁴¹ ocupa papel fundamental.

A autora se distancia das ideias freudianas (ainda que considere suas formulações apenas complementares às de Freud), se aproximando mais de Deutsch (1924) e Horney (1925), ao enfatizar a identificação primária com a mãe, em ambos os sexos, a partir da incorporação (o que a aproxima de Abraham, também), sendo, nas meninas, a experiência de receptividade e passividade provenientes das fases oral e sádica, que levaria ao pai como objeto. Nesse processo, Klein não descarta, no entanto, a ameaça da castração e os sentimentos de culpa como aspectos importantes atuantes no complexo de Édipo.

Na menina, por outro lado, o objetivo de receptividade é transferido da posição oral para a genital: ela muda sua posição libidinal, mas mantém seu objetivo, que já levou à decepção em relação à mãe. Dessa maneira, a receptividade permanece na menina, para o pênis, que então se volta para o pai como seu objeto de amor. [tradução nossa] (Klein, 1927, p. 147)⁴².

A autora propõe ir além das explicações já apresentadas por Abraham, que considera as ansiedades da fase oral-canibal importantes para o senso de culpa vivido posteriormente na fase anal sádica. Para Klein, todas as experiências pré-genitais que levam ao senso de culpa, seja na fase oral, seja na fase anal, já são produtos da formação do superego, operando antes do complexo de Édipo descrito por Freud.

Entendendo as consequências dessas formulações, especificamente nas meninas, o que Klein aponta é que o conhecimento sobre a vagina, ainda que seja inconsciente inicialmente, já atua em paralelo à fase oral, sendo que os impulsos relacionados às primeiras excitações nesse órgão, aliados aos da oralidade, reforçariam a função de receptividade, determinante para que o pai possa tornar-se objeto de amor futuramente. Este “voltar-se” ao pai é acompanhado de inveja e ódio em relação à mãe, que possui o pênis do pai, sendo fortemente percebido nos primeiros impulsos edípicos, levando à atração pelo sexo oposto.

Isso significa dizer que, para Klein, não é a constatação de ser castrada, mencionada por Freud na fase fálica, que levaria a menina ao pai, mas esta situação já está vigente antes mesmo dessa etapa, sendo o complexo de castração apenas um aspecto que corrobora o que já estava em curso: “Eu considero a privação do seio como a causa mais fundamental para [a

⁴¹ Para mais detalhes em relação ao complexo de Édipo arcaico, ver: Klein, M. (1926) *The Psychological Principles of Early Analysis* In: *Love, Guilt and Reparation and Other Works 1921-1945* (New York: Macmillan, 1975), 128-38.

⁴² “In the girl, on the other hand, the receptive aim is carried over from the oral to the genital position: she changes her libido-position, but retains its aim, which has already led to disappointment in relation to her mother. In this way receptivity for the penis is undimmed in the girl, who then turns to the father as her object-love”.

criança] voltar-se ao pai”⁴³ [tradução nossa] (Klein, 1927, p. 153).

Adicionalmente, para Klein, há um prejuízo incontestável no desenvolvimento psicosssexual das meninas em relação aos meninos, que é a insatisfação como consequência de não poder engravidar do pai, no complexo de Édipo, versus o sentimento de possuir um pênis, no menino, colocando-o em pé de rivalidade com o pai - ou seja, a insatisfação versus o poder. No entanto, para a autora, o que poderia prejudicar o desejo de ser mãe ou a capacidade para ter um orgasmo, futuramente, em uma mulher, não é a insatisfação proveniente da lei do incesto, mas sim o senso de culpa advindo dos ataques feitos ao corpo da mãe, nas etapas anteriores.

Além da constatação decisiva, realizada por Klein, em torno da insatisfação fundante nas meninas, Jones (1927) também se alinha a Abraham (1924) e a Klein (1927), ao verificar a importância da fase oral e das relações ambivalentes com os pais, a partir de sua experiência clínica atendendo mulheres homossexuais: a relação com a mãe traz componentes de uma fixação na fase oral; e, com o pai, há uma fixação que se expressa, de forma temporária ou permanente, de maneira consciente.

Uma das objeções de Jones (1927) em relação à noção de castração, mencionando as ideias defendidas por Abraham, é de que não haveria motivo para relacioná-la apenas às mulheres, uma vez que os homens também são acometidos pela castração - há medo e desejo relacionados ao pênis tanto em mulheres quanto em homens.

Adicionalmente, o autor enfatiza o problema em atribuir à castração a repressão da sexualidade, porque, tanto em homens quanto em mulheres, ela ocupa um lugar parcial e secundário de ameaça ao gozo - homens podem encontrar certo erotismo em se sentirem castrados, da mesma forma que as mulheres. Para Jones (1927), a perda do interesse sexual, aphanisis, seria o verdadeiro alicerce das neuroses, e não a castração: nos homens, a ameaça de perder o prazer sexual estaria ligada à masturbação; e, nas mulheres, à culpa por ter desejado ter uma experiência de gratificação sexual. Nesse sentido, a mulher mostra-se sempre mais dependente da gratificação do outro para sentir prazer, e o homem, nem tanto.

Na concepção de Jones, as explicações biológicas das diferenças psicológicas no comportamento e atitudes de homens e mulheres estão atreladas à dependência das mulheres da aprovação do parceiro, que nos homens se dá a partir de uma figura de autoridade masculina, que, além dos fatores sociais relacionados, enaltece a moralidade, uma concepção dos homens e não das mulheres. Dessa forma, assim como já mencionou Deutsch, a formação

⁴³ “I regard the deprivation of the breast as the most fundamental cause of the turning to the father”.

superegoica na mulher advém também do pai, como no menino.

É nesse sentido também que, para Jones (1927), a fase fálica é secundária e o complexo de Édipo tem a mesma resolução para meninos e meninas, já que ambos renunciam o objeto de amor ou seu próprio sexo em virtude da ameaça de castração - a privação leva à frustração, em ambos os casos.

A partir da ideia de proteger-se da privação, Jones (1927) formula outras relações entre a fase oral e o complexo de Édipo - além da substituição do seio pelo clitóris na menina e pelo pênis no menino, respectivamente. Mas, nas meninas, observa-se que as experiências da fase oral conduzem à duas etapas distintas: a primeira, com intenso erotismo oral (correspondência com o prazer clitoriano, posteriormente) e desinteresse por meninos; e a segunda, com características sádicas, que, passando pela fase anal, atua a partir de fantasias de castração (morder), na esperança de conseguir reconhecimento de atributos masculinos. E é aí que reside a principal diferença entre os sexos, segundo o autor, e as bases para a bissexualidade na mulher. O mesmo é observado por Riviere (1929), que vê na fase oral-sádica a base da relação com o pai, antes da etapa edípica, sendo que, nessa fase, tem-se a presença do sadismo como aspecto preponderante. Essa seria a base do que Riviere chamou de “feminilidade genuína”, advinda do encontro fantasioso com o pai precoce - sugar o mamilo, receber o leite, por exemplo, são protótipos para a experiência futura de receber o pênis e o sêmen, denotando a sobreposição da oralidade em relação à genitalidade.

Dessa forma, tanto para Jones (1927) quanto para Riviere (1929), não seria o clitóris o correspondente ao elemento masculino no desenvolvimento psicosssexual das mulheres, mas sim o sadismo oral aliado às experiências da fase anal. “Este estágio boca-ânus-vagina, portanto, representa uma identificação com a mãe”⁴⁴ [tradução nossa] (p. 138). Nesse aspecto, dialoga também com Deutsch (1924), Horney (1925) e Klein (1927) ao constatar que a inveja do pênis na formação das neuroses não é a principal fonte dos conflitos, na maior parte dos casos.

Para Jones (1927) e Riviere (1929), as principais causas de conflitos em mulheres em torno do pênis se dão a partir do complexo de Édipo (e não antes dele), de forma que a menina sempre tem que escolher entre sacrificar sua ligação erótica com o pai ou sua feminilidade, a partir da sua identificação anal com a mãe; e nos dois casos há troca de objeto ou do desejo ligado ao objeto. No primeiro caso, tanto o pai quanto a vagina devem ser renunciados para que os aspectos femininos possam retornar na vida adulta, a partir da relação

⁴⁴ “This mouth-anus-vagina stage, therefore, represents an identification with the mother”.

sexual ou da maternidade. Já no segundo caso, se a ligação com o pai é mantida, a relação com o objeto é convertida em identificação, culminando no complexo de masculinidade, que, segundo Riviere (1929), seria a “feminilidade mascarada”.

Finalmente, pode-se dizer que, de maneira geral, a interdição do incesto sempre coloca em questão a renúncia ao objeto ou ao próprio sexo, tanto em meninas quanto em meninos, sendo a feminilidade definida a partir das experiências decorrentes das fases oral e anal, até atingir a primazia genital pela vagina, amortecendo a ênfase dada à fase fálica, com destaque para o complexo de castração (propulsor do Édipo) ou a resolução do próprio complexo de Édipo. O que irá determinar se uma mulher é homossexual ou heterossexual, segundo Riviere (1929), será o grau de sadismo e ansiedade envolvido na castração, podendo ainda haver tipos intermediários: “um tipo particular de mulher intelectual’, que, como um dos tipos intermediários de Jones, é principalmente heterossexual em termos de desenvolvimento, mas também mostra características marcantes do outro sexo”⁴⁵ [tradução nossa] (Grigg et al., 1999, p. 172).

Para Jones (1927), “A mulher heterossexual tem mais medo da mãe do que a mulher homossexual, cujo medo gira em torno do pai. A punição temida no último caso é o desmame, no nível oral (deserção), atingindo o nível anal (ataque retal)”⁴⁶ [tradução nossa] (p. 145), ressaltando, assim, a relação ambivalente da menina com a mãe para o estabelecimento da feminilidade.

Portanto, de maneira geral, as contribuições de Abraham e seus seguidores sobre o desenvolvimento psicosssexual ampliaram não apenas as discussões sobre as mulheres, mas, acima de tudo, sobre a importância das relações primordiais com a mãe. Parece que, ao equalizar e sobrepor os desenvolvimentos das fases oral, anal e fálica, os analistas da escola de Londres atenuaram o falocentrismo (sem excluí-lo).

Nesse cenário, Melanie Klein, especificamente, ao antecipar a situação edípica para as etapas iniciais, o faz para instrumentalizar as descobertas em torno das primeiras relações de amor e ódio do bebê com a mãe e, posteriormente, com o pai. Isso não apenas tira a ênfase do falocentrismo (ainda que o considere importante), mas ressalta a dinâmica complexa que já está em curso desde muito precocemente na constituição da natureza humana em geral e, em particular, na construção do devir de ser mulher.

⁴⁵ “a particular type of intellectual woman’, who, as one’s of Jone’s intermediate types, is principally heterossexual in development but also displays strong features of the other sex”.

⁴⁶ The heterosexual woman dreads the mother more than the homosexual woman does, whose dread centers around the father. The punishment feared in the latter case is withdrawal (desertion) on the oral level, beating on the anal one (rectal assault).

Ainda que possa haver objeções em relação à sofisticação dessa formulação (complexo de Édipo arcaico), que imprime a possibilidade de relações triangulares desde o início, parece que a principal contribuição dos analistas da escola de Londres sobre a identidade feminina é o aspecto fundante da relação com a mãe nessa dinâmica, determinante para a possibilidade futura de a mulher viver a maternidade ou ter relações sexuais satisfatórias na vida adulta.

2 Considerações finais

Os desenvolvimentos dos pós-freudianos analisados neste trabalho, em torno da inveja do pênis e do complexo de castração nas mulheres, passando pelo complexo de masculinidade e outras manifestações, retratam, sobretudo, a condição descrita da mulher oriunda do período vitoriano, ainda herdeira de fronteiras bem demarcadas em torno do papel social que ocupava na sociedade puritana.

Os homens eram constantemente colocados na vida pública como expoentes, e assim eram registros vívidos de sua superioridade no imaginário feminino, passado de mãe para filha e, depois, de pai para filha e vividos entre marido e mulher. E com a Psicanálise não foi diferente. Os textos analisados mostram os impasses da transmissão do saber psicanalítico em torno das questões da mulher e do feminino, a partir de um campo de investigação prioritariamente masculino e adulto, com pouco acesso ainda à clínica infantil e com dificuldade para dar voz às mulheres que se lançavam ao estudo da Psicanálise.

Porém, apesar dos impasses observados, como analisado por Jones (1935), as discussões em torno da sexualidade e, principalmente, da mulher, fomentaram desenvolvimentos a respeito da “. . . gênese do superego e sua relação com o complexo de Édipo, a técnica de análise de crianças e o conceito de pulsão de morte⁴⁷” [tradução nossa] (p. 276), que marcaram diferenças significativas nas escolas de Viena e de Londres e puderam contribuir para o próprio desenvolvimento do campo psicanalítico.

O percurso que fizemos até aqui nos mostra que a complexidade instaurada em torno do desenvolvimento psicosexual da menina até tornar-se mulher, acompanhada pelas diferentes modalidades de relações com os objetos de amor, para a obtenção de prazer sexual na vida adulta, ainda não atingiu o patamar de continente conhecido e largamente explorado.

⁴⁷ “. . . genesis of the super-ego and its relation to the Oedipus complex, the technique of child analysis and the conception of a death instinct.”

Nesse sentido, ao analisar as discussões dos anos 20 e 30, percebe-se que a fertilidade intelectual observada se deu, em grande parte, por semear ideias que visavam entender, além da genitalidade e de uma relação sexual satisfatória, qual o caminho percorrido para que uma menina pudesse se tornar mulher, sem que necessariamente tivesse que perseguir um caminho determinado pelo masculino (ou tendo o homem como referência). Esse percurso abriu espaço, concomitantemente, para formulações em torno da relação inicial mãe-bebê, decisivas para as próximas gerações de analistas, como os que transitaram na Sociedade Britânica nos tempos de guerra e pós-guerra.

Mais uma vez, assim como Freud em relação às histéricas, as indagações a respeito do *continente obscuro e inexplorado* funcionaram como elemento propulsor do desenvolvimento teórico daqueles que seriam as herdeiras e os herdeiros diretos de Freud, que já se lançavam na busca por explicações mais profundas sobre um continente que deveria ser habitado. O sentido de habitar aqui está atrelado à ocupação de um terreno que se mostra fértil, mas que precisa ser cuidado para se transformar em residência, permanecendo presente e vivo, assim como o colo da mãe.

Capítulo 3. Aspectos gerais do pensamento de Winnicott: do apartidarismo do Middle Group à defesa do lar comum

“A mão que balança o berço é a mão que governa o mundo”⁴⁸

William Ross Wallace (1865)

“Todos sabem que o lar do homem inglês é o castelo da sua mulher”⁴⁹

Winnicott (1945f, p. 120)

Este capítulo mostrará como se deu a entrada de Winnicott na Sociedade Britânica de Psicanálise, seja por suas convicções pessoais em relação à postura e à abordagem dos psicanalistas que estavam em cena na instituição, seja pelo cenário político contextualizado pelo período entreguerras e, principalmente, pela Guerra Fria. Constatou-se que esses dois aspectos políticos – disputa no campo psicanalítico entre Anna Freud e Melanie Klein e no campo geopolítico entre o capitalismo e o comunismo - foram determinantes para as formulações teórico-clínicas de Winnicott e culminaram no desenvolvimento de conceitos fundamentais de sua obra, destacando-se a ideia de mãe suficientemente boa e preocupação materna primária.

1 A teoria do desenvolvimento emocional: formulações criativas no Segundo Reich⁵⁰⁵¹ da psicanálise

⁴⁸ Tradução de trecho do poema *The Hand that Rocks the Cradle*: “For the hand that rocks the cradle/ Is the hand that rules the world”.

⁴⁹ Tradução de: “Everyone knows that the Englishman's home is his wife's castle”.

⁵⁰ Termo alemão que significa império. As expressões Primeiro e Segundo Reichs foram utilizadas para diferenciar dois períodos imperiais distintos na história da Alemanha; o primeiro de 962 a 1806 e o segundo, de 1871 a 1918. Já o Terceiro Reich foi uma expressão adotada por Hitler como forma de enaltecer a dominação que pretendia atingir, a partir da eclosão da Segunda Guerra, ainda que a Alemanha já estivesse sob o regime republicano. Ao adotar esta titulação, Terceiro Reich, Hitler reitera o caráter nacionalista e imperialista que estava subjacente às suas intenções políticas. No contexto deste trabalho, está sendo utilizada a expressão de maneira metafórica para evidenciar a disputa de caráter político que foi potencializada na Sociedade Britânica após a morte de Freud (analogamente, o que poderíamos considerar O Primeiro Reich) e a nova disputa travada em torno do poder psicanalítico, o Segundo Reich. Esse termo foi escolhido propositalmente para destacar a influência do período entreguerras no campo psicanalítico, que se pôs em disputa política, a partir da diáspora psicanalítica provocada pela perseguição nazista sofrida principalmente por Freud e por psicanalistas vindos de Viena, cidade de que Melanie Klein e Anna Freud são originalmente oriundas, ainda que Melanie Klein, antes de chegar em Londres, tenha iniciado seus estudos em Berlim com Karl Abraham, o que certamente determinou suas diferenças teóricas em relação a Anna Freud.

Ao analisar as discussões do círculo psicanalítico dos anos 20 e 30⁵² sobre a questão da mulher e do feminino, realizadas pelos analistas da primeira geração pós-Freud, percebe-se o quão férteis se tornaram, semeando novas formulações em analistas das próximas gerações, como aqueles e aquelas que transitaram na Sociedade Britânica nos tempos pós-guerra.

Sendo Klein uma importante interlocutora de Winnicott, e tendo sido discípula e analisanda de Abraham, um dos precursores das discussões sobre a importância das relações pré-edípicas, além de analisanda de Ferenczi, o *enfant terrible* da psicanálise, por sua ousadia em enfrentar o *establishment* freudiano, a ênfase dada na relação arcaica do bebê com a mãe, na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, é também herança dessa genealogia, geradora de novos frutos em relação ao feminino e à mulher.

Porém, o reconhecimento da filiação psicanalítica da qual Winnicott⁵³ fez parte é principalmente para apresentar que, neste caso específico, a relação de apreço pela filiação não está atrelada ao retorno do filho pródigo, como fizeram alguns analistas mais fiéis ao legado de Klein⁵⁴, mas na constatação de que, ao avançar em direção a novas teorias, é sempre possível voltar às raízes, não porque se arrependeu de ter explorado as riquezas deixadas pelos pais, mas porque se alimentou vorazmente delas para, concomitantemente, manter-se e romper com a tradição⁵⁵.

Segundo Moraes (2008), para Winnicott,

⁵¹ O desenvolvimento da psicanálise pós-Freud na Europa não se deu apenas em Londres, mas também atingiu a França com o desenvolvimento da escola francesa, grupo liderado por Jacques Lacan. Como o intuito deste trabalho é traçar uma linha histórica para alcançar as formulações de Winnicott, a disputa pelo poder político ocorrida na França não será elucidada. Psicanalistas contemporâneos, ingleses e franceses, se ocuparam em traçar rotas de aproximação entre estas duas escolas, destacando-se Christopher Bollas e André Green, respectivamente.

⁵² Esse momento histórico da Psicanálise, em relação às discussões sobre o feminino e sobre a sexualidade da mulher, foi analisado no Capítulo 2 deste trabalho, a partir da compilação de artigos apresentados no livro *Female Sexuality* (Grigg et al., 1999).

⁵³ Além de Winnicott, Klein também supervisionou Milner, Bowlby e Khan, e foi analista de Segal, Meltzer, Bion, Rickman e Scott. (Moraes, 2008).

⁵⁴ Joan Riviere, Hanna Segal e Paula Heimann são alguns exemplos de psicanalistas que defendiam fervorosamente o pensamento kleiniano. Ver, cartas 20, 25, 43, 57, 58 (Winnicott, 1987b).

⁵⁵ Alusão à Parábola do Filho Pródigo, apresentada na Bíblia, que deu origem à expressão popular: “O bom filho a casa torna.” Essa parábola trata da questão em torno do arrependimento de um filho em relação ao pai e, assim, a Deus, que sempre terá as portas abertas de sua casa, mesmo quando o filho supostamente o trair. Resgatei essa parábola para elucidar a questão da filiação psicanalítica de Winnicott, como forma de mostrar seu reconhecimento por Melanie Klein e a influência de suas formulações em sua teoria, expresso em diversas passagens de sua obra, bem como, na contramão desse pensamento, sua aversão a pensamentos dogmáticos, que caracterizou algumas relações da autora com seus discípulos. Manter-se e romper também faz alusão à etapa descrita por Winnicott como EU SOU, momento em que o bebê rompe subjetivamente com a mãe para ser a partir dele mesmo, como consequência da dialética EU vs. NÃO-EU, mas que só é possível porque inicialmente houve uma relação de dependência absoluta.

. . . não há possibilidade de se criar no vazio. E, portanto, é impossível ser livre e criativo sem a tradição. [Winnicott] Assumia que o sentido geral da contribuição de Freud havia sido preparar o mundo para o pensamento psicológico e reconhecia a importância de todos os desdobramentos teóricos posteriores, estando certo de que pessoalmente contribuía para o desenvolvimento da teoria e clínica psicanalítica. Acreditava que o exercício da reflexão, a introdução de novas formas de pensar, o uso de outra linguagem e até mesmo a discordância de aspectos teóricos centrais são importantes passos tanto para a confirmação do que se sabe como para o surgimento de um pensamento original. (pp. 81-82)

É nesse contexto paradoxal de ruptura e continuidade que a teoria do desenvolvimento emocional de Donald W. Winnicott foi tecida, lançando conceitos novos, principalmente a respeito das etapas pré-edípicas, em diálogo com outras formulações da época, como as propostas por Michel Balint, Ronald Fairbairn e Harry Guntrip, principais integrantes do Grupo do Meio (*Middle Group*) ou Grupo Independente (*Independent Group*), “. . . que contava também com Sylvia Payne, Ella Sharpe e Marjorie Brierley. Todos eles passaram a ser indistintamente conhecidos como teóricos das relações de objeto” (Moraes, 2008, p. 80).

A situação da Sociedade Britânica nos períodos durante e pós-guerra, com a disputa política entre Melanie Klein e Anna Freud pela herança do pai (Sigmund Freud), parece ter trazido um colorido dogmático aos avanços da psicanálise, obrigando Donald W. Winnicott e outros pensadores livres a formarem o Grupo do Meio.

As disputas no campo psicanalítico se mostraram tão acirradas quanto as por dominação política no cenário mundial, caracterizadas por constantes bombardeios e divisões territoriais entre o *reich* londrino e o vienense, de forma que, constantemente, o Grupo do Meio se colocava entre a polarização, buscando um “acordo de cavalheiros”, ainda que a disputa estivesse sendo travada por duas mulheres, Melanie Klein e Anna Freud, respectivamente. Segundo Appignanesi e Forrester (2010), as controvérsias entre os dois grupos são um exemplo contundente de que mulheres nem sempre são pacificadoras e acolhedoras, como queriam provar os vitorianos, mas podiam tornar-se tão “combativas e maliciosas quanto qualquer contenda entre homens” (p. 41).

Anna Freud e Melanie Klein herdaram de seus antecessores, além de influências teórico-clínicas, os embates em curso entre as escolas de Viena e Londres, que acompanharam, inclusive, questões familiares difíceis para ambas. Caldwell e Robinson (2019) apontam para a história de sofrimento que traziam para o cenário de disputa na Sociedade Britânica de Psicanálise: Anna Freud, de um lado, chega a Londres com seu pai como consequência da perseguição nazista e é na Inglaterra que ele, anos depois, acaba morrendo; Melanie Klein, após a perda de Karl Abraham em Berlim, migra para Londres a

convite de Ernest Jones, e vivencia problemas de relacionamento pessoal e profissional com sua filha, além da morte de seu filho em 1934. Eram tempos de ruptura e perda do pai biológico e simbólico.

O livro *O gesto espontâneo*, de Winnicott (1987b), reúne uma série de correspondências do autor que apresentam o caráter combativo da disputa política entre as herdeiras da psicanálise britânica⁵⁶. Reeves (2019) relembra o quanto Winnicott se esforçou para se manter distante dos conflitos, admitindo sua indiferença, com a seguinte declaração:

Eu fiquei completamente perdido na longa controvérsia que ocorreu durante a guerra e que arruinou todos os nossos encontros científicos, quando as pessoas começaram a brigar pelos direitos da sra. Klein. Isso tinha que ser feito, mas me deixou completamente indiferente; eu não sabia nada sobre isso e me mantive completamente fora. [tradução nossa] (Winnicott, CW 8:1:2, citado por Reeves, 2019, p. 46)⁵⁷

Segundo Reeves (2019), as disputas teóricas provocaram uma série de descontentamentos nas primeiras gerações de psicanalistas britânicos, incluindo Winnicott, que inicialmente estava mais ligado a Klein em virtude das supervisões clínicas – de 1934 a 1940 (Caldwel & Robinson, 2019) -, ainda que não tenha se indisposto com o grupo de Anna Freud ou com ela mesma. As controvérsias políticas, o avanço das discussões clínicas e as descobertas crescentes de Winnicott em relação à primeira infância incutiram um distanciamento gradual em relação à Klein, aquela que

. . . tinha sido a maior influência em seu pensamento psicanalítico por quase uma década, um talismã em mapear as complexidades emocionais da experiência da primeira infância no momento em que tais complexidades foram amplamente ignoradas tanto por psicanalistas tradicionais quanto por pediatras e psicólogos infantis da época. . . [tradução nossa] (Reeves, 2019, p. 52)⁵⁸.

Dentre as complexidades apontadas por Klein, foi a descrição das duas dinâmicas relacionais, posição esquizo-paranóide e posição depressiva, sua principal contribuição em

⁵⁶ Para este tema específico analisar as cartas 20, 25, 43, 57, 58 (Winnicott, 1987b).

⁵⁷ I got completely lost in the long controversy that went on during the war and ruined all our scientific meetings, when people were fighting for the rights of Mrs. Klein. It had to be done, but it left me completely cold; and I didn't know anything about it and I kept out of the way entirely.

⁵⁸ . . . [she] had been the major influence on his psychoanalytic thinking for almost a decade, a talisman in charting emotional complexities of early infant experience at a time when such complexities were largely ignored as much by traditional psychoanalysis as by the conventional pediatrics and child psychology of the day . . .

termos conceituais⁵⁹, sendo particularmente esta última um importante ponto de partida para que Winnicott se debruçasse na ideia de um desenvolvimento emocional que levasse à unidade do sujeito psicológico, condição construída a partir da relação com o cuidador inicial, levando à capacidade do bebê tolerar e integrar sentimentos de amor e ódio.

Apesar da influência exercida por Klein, segundo Caldwell e Robinson (2019), Winnicott transitou de uma relação de gratidão nos anos iniciais de supervisão, mencionando com frequência as contribuições de Klein em seus primeiros textos publicados, a um distanciamento que o levava a “uma vontade de intuir e especular [que] era uma de suas fortalezas, mas acompanhada de um conhecimento consistente sobre as bases empíricas do trabalho experimental científico-social” (p. 6). Isso o posicionava além do intrapsíquico.

Segundo Fulgencio (2016),

Winnicott dirá que a descoberta que Melanie Klein fez, descrevendo a posição depressiva, equivale à de Freud, quando este descreveu o complexo de Édipo como um conjunto de acontecimentos infantis que organizam a vida psíquica e amorosa do ser humano. (p. 19)

No entanto, foi durante sua prática clínica que Winnicott, ao tentar aplicar os desenvolvimentos teórico-clínicos de Freud e Klein, pôde comprovar que algumas das afirmações desses autores não estavam de acordo com o que ele próprio observava, surgindo a necessidade de revisar, reformular ou mesmo criar desenvolvimentos atuais para a psicanálise.

Em relação às formulações do Grupo do Meio, segundo Moraes (2008), Winnicott, Balint, Fairbairn e Guntrip compactuavam de um ponto em comum sobre a importância da relação mãe-bebê como base para o processo de desenvolvimento emocional, indo além da teoria da libido proposta por Freud, mas apenas Winnicott discordava da “. . . ideia kleiniana de que, desde o início, o bebê é dotado de um psiquismo e capaz de se relacionar com um objeto, ou seja, é capaz de identificar a mãe como um objeto externo e se relacionar com ela por meio de mecanismos mentais” (p. 92).

Dada a compreensão particular de Winnicott sobre as relações iniciais mãe-bebê, mesmo entre seus colegas do Grupo do Meio, há uma discussão no meio psicanalítico em

⁵⁹ Melanie Klein é, sem dúvida, uma das grandes autoras da psicanálise e analisar seu complexo trabalho não caberia nesta pesquisa, que se dedica a apenas apontá-la como uma personagem histórica importante, base para desenvolvimentos teórico-clínicos posteriores no campo psicanalítico. Para uma análise mais aprofundada da obra da autora, consultar o trabalho dos comentadores Segal (1975, 1983), Cintra e Figueiredo (2003, 2008), Cintra e Ribeiro (2019) e Ribeiro (2011).

relação à existência de um possível novo paradigma na psicanálise, a partir de suas formulações, mas que não será considerada nesta análise. Não se pretende avaliar o valor paradigmático de sua obra, mas apenas localizá-lo na história da psicanálise, apontando suas principais contribuições, até chegarmos a uma compreensão da identidade feminina, evitando que a perpetuação de qualquer disputa de poder no campo institucional possa ser novamente levantada.

1.1 A importância do ambiente na teoria de Winnicott

Na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, o que é apresentado como particularidade é a importância das *experiências iniciais* experimentadas pelo bebê *amalgamado a uma pessoa real*, condição fundamental para que o desenvolvimento aconteça. O conjunto mãe e o seu entorno é o protótipo do ambiente, peça essencial para que as engrenagens do desenvolvimento entrem em curso.

Partindo desse pressuposto, de que uma pessoa real está em *experiência* com o bebê como suporte ambiental para que ocorra o processo de desenvolvimento emocional, devemos esclarecer alguns conceitos norteadores para entender o que deve ser apresentado como ambiente para o bebê: a *mãe suficientemente boa* e a *preocupação materna primária*.

1.1.1 A mãe suficientemente boa: questões sociológicas e psicológicas por trás da mãe comum inglesa do século XX

O foco na maternagem tem sido visto como o cartão de visitas da teoria winnicottiana, entendido algumas vezes como a elucidação da relação idílica entre a mãe e o seu bebê. No entanto, Winnicott, sempre ressaltou a complexidade da primeira infância e as características reais e acessíveis do ambiente de cuidados que se encontra no lar comum, representado na maioria das vezes pela mãe biológica e seu entorno, pessoas dotadas de imperfeições, mas que na maior parte do tempo sabem cuidar do bebê.

Winnicott encontrava-se com as mães de sua teoria principalmente nos hospitais em que realizava atendimentos médicos, ou seja, na saúde pública e coletiva, e menos em seu consultório particular. Essa informação aponta para um contexto social que merece ser compreendido, caso contrário, não alcançamos o real sentido do ambiente presente no lar

comum.

Em 1934, Winnicott foi qualificado como analista. Ele manteve sua posição como médico em saúde pública até aposentar-se em 1961, mas ele era particularmente comprometido com os aspectos psicológicos do seu trabalho, especialmente com mães e crianças. Ele completou sua formação como analista infantil em 1935, e em 1936, começou sua segunda análise, com Joan Riviere. Ele ofereceu um trabalho analítico intenso e intervenções psicanalíticas de curta duração para crianças e adultos⁶⁰. Em 1939⁶¹, começou a escrever transmissões de rádio para mães. [tradução nossa] (Caldwell & Robinson, 2019, p. 2)

A expressão “mãe suficientemente boa” é a tradução do inglês de *good enough mother*. O termo em português não atinge o sentido que a expressão *enough* pode trazer em inglês, que elucida, acima de tudo, o básico que atende, aquilo que uma mãe (ou uma pessoa que assume os cuidados iniciais) naturalmente pode fazer pelo bebê, que é garantir que suas necessidades sejam atendidas - sob o ponto de vista do bebê e não dela mesma⁶². Porém, como dito anteriormente, Winnicott teceu sua teoria com base na mãe britânica comum de sua época, que, ao ser comparada à mãe atual, principalmente com a mãe do lar comum de países emergentes como o Brasil, deve sofrer algumas alterações, já que existe uma miríade de mães no Brasil, marcadamente diferenciadas pela profunda desigualdade social. Nessa composição sociológica complexa observada no Brasil, há um grupo expressivo de mulheres que se encontra em vulnerabilidade social, não recebe ou pouco recebe apoio de seu companheiro e é constantemente maltratada pela vida em sociedade, muitas vezes assumindo o papel de mãe e pai de seus filhos, simultaneamente. Elas representam uma boa parcela da população de mulheres.

A dupla função exercida pelas mulheres, de grande representatividade na base da construção da saúde da sociedade brasileira⁶³, é o que representa os cuidados do lar comum,

⁶⁰ Em relação à sua atuação como psicanalista infantil na saúde pública, Winnicott (1942a, 1956a) fala sobre os mil casos por ano que chegavam ao Departamento Infantil do Instituto de Psicanálise em Londres e a necessidade de aplicar uma abordagem de curta duração para lidar com a demanda. Porém, é em 1950 que Winnicott, em nota de rodapé, menciona ter atendido ao longo de sua carreira 20 mil casos (Winnicott, 1950a, pp. 195).

⁶¹ Segundo compilação organizada pela BBC, as transmissões de Winnicott começaram em 1943, sempre direcionadas à mãe comum britânica da época. Mais informações em: <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/b01s7v7b>

⁶² Para Winnicott (1987b), dizer suficientemente boa ao invés de boa ajuda é desviar o leitor do sentimentalismo e da idealização.

⁶³ Em um estudo do ano de 2006, realizado pelo IPEA e UNIFEM, chegou-se à conclusão que: “As mulheres responsáveis por famílias com filhos constituem, em geral, arranjos familiares do tipo ‘mulher com filhos’. Nesse sentido, tendem a ser as únicas responsáveis pelo domicílio, sendo a única fonte de renda, o que torna estas famílias mais vulneráveis e estas mulheres certamente estarão sobrecarregadas com os afazeres domésticos

aqueles que muitas vezes não alcançam o advérbio *suficientemente*, que poderiam torná-los *bons* para um bebê. Pode-se dizer que, nos casos de falta de estrutura familiar, a falha nem sempre (ou quase nunca) é da mãe, mas da falta de um terceiro que não fornece alicerce para que a maternagem se estabeleça. A lei patriarcal diz que “Por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”. Neste caso, pode-se dizer que “Por trás de uma mãe que falha, há alguém que falhou também”.

Ainda que não se pretenda fazer uma análise aprofundada das diferenças entre as mães britânicas em relação aos tipos de mães brasileiras, torna-se importante fazer uma distinção geral entre as características sociológicas e psicológicas da mãe descrita por Winnicott, para que, posteriormente, se possa extrair do seu pensamento o que de fato é possível extrapolar para todas as realidades (além da mãe biológica) e o que mereceria alguma adaptação.

Inclusive, essa diferenciação é necessária para entender também os problemas semânticos da teoria de Winnicott, que levam à ideia inicial da maternagem idílica ou de um excesso de mãe e de maternagem em sua teoria, de forma que sempre se espera que os cuidados venham de uma mulher. Essa questão semântica, assim como Freud em relação ao falocentrismo, que em alguns momentos atribuiu ao pênis o papel do falo, aponta também para um contexto histórico que o levava a isso. A seguir, pretende-se entender o que está por trás desta constatação.

1.1.1.1 Aspectos sociológicos: a contribuição da mãe para a sociedade

Enquanto Freud e seus primeiros interlocutores e interlocutoras apresentaram suas principais produções teóricas durante a Primeira Guerra Mundial e no período entreguerras

e a busca da manutenção econômica da família. São as que arcam sozinhas com os cuidados dos filhos e ao mesmo tempo são as que buscam nas atividades remuneradas as condições de vida. Assim, enquanto em 1993, 18,8% das famílias eram do tipo mulher com/sem filhos ou unipessoal feminina - o que pressupõe uma chefia feminina - em 2004, esse valor saltou para 23,0%, segundo o Gráfico 4” (IPEA, UNIFEM, 2006, p. 9). Nessa mesma direção, em um estudo publicado pelo IBGE em 2018, as diferenças de gênero e, sobretudo, entre população branca *versus* preta e parda no Brasil mostram que, por exemplo, a taxa de fecundidade entre mulheres de 15 a 19 anos, analisadas entre as regiões do Brasil, é de 85,1% na região norte e 45,4% na região sudeste. Ainda, o percentual de mulheres brancas com ensino superior é de 23,5 % *versus* 10,4% de mulheres pretas e pardas, percentuais maiores que os apresentados pela população masculina (20,7% e 7%, respectivamente). Em relação à dedicação aos cuidados domésticos (incluindo o cuidado a outras pessoas), as mulheres pretas e pardas dedicam em média 18,6 horas semanais para esta função e as brancas, 17,7 horas; enquanto que homens pretos e pardos dedicam 10,6 horas e homens brancos, 10,4 horas. A partir das duas análises, é clara a diferença de gênero na sociedade brasileira aliada à situação particular da mulher preta e parda, que precocemente torna-se mãe, não pode concluir seus estudos e, assim, submete-se ao subemprego que se acumula ao trabalho doméstico. Sem dúvida, esta é uma ponta frágil da sociedade brasileira e deve ser considerada no entendimento da mãe comum.

(anos 20 e 30), com êxodo e dispersão geográfica, a maior parte do trabalho de Winnicott se desenvolveu no período da Guerra Fria (1947 a 1991), momento de retorno ao lar, de reconstrução dos muros desfeitos e reorganização de disputas que deveriam ser travadas em outras bases, de maneira indireta. O mundo seguia dividido, entre o capitalismo e o comunismo, representado pelo muro de Berlim.

Mesmo antes de se tornar psicanalista, Winnicott teve atuação como médico residente na Primeira Guerra Mundial, o que o colocou face a face com a questão da destruição, da morte e da perda. Em 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, Winnicott começa a escrever suas primeiras transmissões de rádio para falar com as mães e, em 1941, inicia seu trabalho como consultor em Oxfordshire, abrigo para crianças evacuadas, juntamente com a assistente social Clare Briton, que se tornaria sua segunda esposa e importante parceira na construção de uma visão social para a psicanálise (Kanter, 2000).

Segundo Kanter (2000), a parceria entre Winnicott e Clare iniciada em Oxfordshire foi decisiva para que juntos, na complementariedade de habilidades, pudessem lidar com a situação dramática relacionada à evacuação de crianças em motivo de guerra, de modo que Winnicott pôde incluir a visão do trabalho social em sua prática como psicanalista e Claire, igualmente, pôde incluir a psicanálise em seu trabalho social.

Porém, para além da parceria que incutia um olhar social, produzindo adaptações na técnica psicanalítica ou na construção de conceitos como, por exemplo, a tendência antissocial e os objetos e fenômenos transicionais (Kanter, 2000), o período referente à Guerra Fria mostrou o interesse de Winnicott em reforçar a importância do lar comum britânico para o estabelecimento do tecido social e do regime democrático, bem como em explicitar, por exemplo, a importância da manutenção do muro de Berlim, que funcionaria como a possibilidade de coexistência de universos distintos, o capitalismo e o comunismo, provenientes de um arranjo maduro de trégua, após um longo período de disputa entre o bem e o mal, vivido na Primeira e na Segunda Guerra Mundial. Essa trégua seria a possibilidade momentânea de perseguir a paz e a criatividade lúdica, a partir da relação com o meio cultural, e funcionaria como uma fronteira entre partes conflituosas do todo e não como uma cisão radical, o que seria devastador, assim como a cisão da personalidade. É a ideia de tolerar e não negar o antagonismo de si (Winnicott, 1986c).

Em textos anteriores, o autor já havia abordado o tema da agressividade (amor primitivo) e a capacidade de tolerar o poder da cobiça e da agressão individual dentro do próprio *self* para viver de forma socialmente civilizada, bem como a necessidade de colocar

estes aspectos na relação com o mundo, como na guerra, por exemplo (Winnicott, 1986l, 1945g, 1950a).

O texto *Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”* (Winnicott, 1950a) é a tese geral que relaciona o indivíduo saudável à construção da democracia, de forma que a visão desenvolvimentista de Winnicott coloca nas mãos dos lares comuns a possibilidade de criar o que chamou de fator “democrático inato”:

O bom lar comum é algo que desafia a investigação estatística. Não tem valor de notícia, não é espetacular, e não produz homens e mulheres cujos nomes são conhecidos publicamente. Meu pressuposto, baseado em *20 mil histórias* de casos pessoalmente colhidas durante 25 anos, é que na comunidade em que trabalho o bom lar comum é o mais comum (grifos nossos, p. 195).

É nesse texto também que Winnicott (1950a) fala pela primeira vez sobre o medo da mulher, representado pelo medo da dependência à mãe, e relaciona este temor aos mais diversos tipos de sintomas, desde antissociais estritos a antissociais ocultos, passando por pessoas quase paranoicas a pessoas maduras, que, na concepção do autor, são aquelas capazes de tolerar posições contrárias. Questões específicas sobre as diferenças sexuais e o papel da mulher também são expressas no texto *Este feminismo* (Winnicott, 1986g).

Posteriormente, as ideias desenvolvimentistas gerais apresentadas no texto de (Winnicott, 1950a) derivaram outros subsequentes (Winnicott, 1984e, 1986j, 1986l), que as relacionaram com o valor da monarquia, a liberdade, os objetivos da guerra etc.

Em paralelo, nota-se que, desde 1943 até suas últimas transmissões, a comunicação de Winnicott volta-se às mães que tinham o papel de garantir que os lares não fossem completamente desfeitos - com o alistamento de homens para o *front* durante as guerras mundiais, o papel da mãe como pilar fortaleceu-se e as diferenças entre mulheres e homens acirraram-se novamente - e, após a guerra, sua atenção volta-se àquelas que sustentariam a base do tecido social, que precisaria ser reconstituído.

Worthington (2011) também ressalta o caráter político dos desenvolvimentos psicanalíticos pós-guerra na Inglaterra, que, ao colocar a análise de crianças como seu fundamento: “foi capaz de se desenvolver em um ambiente cultural em que havia uma distância clara e distinta entre adultos e crianças, particularmente nas classes média e alta”; e, ainda, propiciou “a reconstrução política da família e o retorno aos papéis tradicionais das mulheres”, que “atendia às necessidades da economia da Grã-Bretanha no pós-guerra” (p. 135).

Segundo arquivos da BBC, antes da guerra, Winnicott era um pediatra desconhecido do cenário inglês e, após a guerra e a inauguração das transmissões (que ao todo foram 50, entre 1943 e 1960), tornou-se um psicanalista influente (ainda que de maneira anônima), tentando navegar em caminho contrário à propagação de manuais de maternagem, comuns na época.

Para Alexander e Taylor (2012), a visão social de Winnicott é a base da sua teoria. Primeiro, porque aponta para a relação de dois corpos como sendo a estrutura da subjetividade, de forma que o espaço entre eles é a base da vida criativa e cultural; depois, porque acreditava na eficácia das instituições criadas pela sociedade civil, como os hospitais, os abrigos, as escolas, que poderiam possuir no quadro de funcionários pessoas que se dedicavam ao cuidado, e com alguma tolerância em relação a questões ligadas à saúde mental⁶⁴; e, finalmente, a principal instituição apontada por Winnicott é a família, de forma que um de seus livros recebeu o título *Tudo começa em casa*⁶⁵.

Mas os fundamentos do “elemento democrático” na sociedade, Winnicott acreditava estarem assentados nas famílias, nas mães e seus bebês, sobre a proteção dos pais com sua “potência genital” nos “lares bons comuns”; este “ambiente facilitador” era o canteiro da democracia. [tradução nossa] (Alexander & Taylor, 2012, p. 151)⁶⁶

Assim, no imaginário social era a mãe comum britânica do período da Guerra Fria que emergia como a base segura contra a aproximação do inimigo comunista e que “equilibrava a insegurança muito real do Estado-nação da Guerra Fria contra as novas formas de segurança psicológica promovida e prometida às crianças como futuros sujeitos-cidadãos”. Portanto, “no contexto da Guerra Fria, as psicologias infantis eram tudo menos apolíticas” (Laubender, 2019, p. 77).

⁶⁴ Sobre este tema, verificar o artigo de Dias (2018) “Objeto subjetivo e a clínica das psicoses”. A autora, ao tratar do tema das psicoses, aponta para a importância das instituições no tratamento, funcionando como um *setting* estendido, o protótipo do ambiente proposto por Winnicott.

⁶⁵ Mas, não foi apenas Winnicott que se preocupou com a relação estruturante obtida no canteiro do lar comum. Segundo Laubender (2019), Bowlby, ao construir a teoria do apego e focalizar a segurança transmitida pela relação com a mãe como a base da saúde mental, também dialoga com os interesses políticos instituídos pela Guerra Fria. Isso porque seu livro mais importante, *Cuidados maternos e saúde mental*, foi uma encomenda da Organização Mundial de Saúde em resposta às necessidades sócio-políticas instituídas na Inglaterra pós-guerra. A ideia antes de tudo era proteger os filhos de uma nação. “Por meio das teorias de apego de Bowlby sobre a infância, a 'segurança' mudou a fase central como uma importante virtude psicológica do pós-guerra” (Laubender, 2019, p. 77).

⁶⁶ But the foundations of the “democratic element” in society, Winnicott believed, lay in families, in mothers and infants, under the protection of fathers with their “genital potency” in “ordinary good homes”; this “facilitating environment” was the seedbed of democracy.

1.1.1.2 Aspectos psicológicos: a preocupação materna primária

Se, por um lado, ao lar comum caberia garantir a saúde social, isso só seria possível sob determinadas condições psicológicas da cuidadora ou do cuidador. Essas condições são o que Winnicott (1983a) elenca como sendo a preocupação materna primária, um estado psicológico acentuado em que, por um processo de identificação com o bebê, a mãe (na maior parte dos casos) é capaz de, a partir dos cuidados físicos, auxiliar o bebê a elaborar imaginativamente as experiências. Porém, é uma espécie de auxílio que o bebê não sente que vem de fora, porque sequer há ainda a noção de fora ou dentro, mas, acima de tudo, fornece as primeiras experiências de ser. A mãe empresta sua capacidade de elaboração e o faz para o bebê, mas ele sente que ele mesmo está fazendo. Este é um recurso que, posteriormente, após a conquista da unidade de sujeito psicológico, desde as primeiras experiências de ser até a morte, todos fazem na relação com o mundo – é a base da experiência pessoal e da paleta de cores que cada um usa para colorir a representação que faz das experiências⁶⁷.

Essa contribuição apresenta certa sofisticação na formulação da composição do que seria a boa mãe, pois, ao trazer aspectos psicológicos para a cena de cuidados, carrega a importância dos aspectos psíquicos e subjetivos que se apresentam com certa independência do percurso biológico.

Winnicott tece esse conceito porque verifica em sua experiência, sobretudo como pediatra, que a gravidez não é garantia de bons cuidados. Nesse sentido, enaltece o cuidado ambiental em detrimento à maternidade, ainda que os equívocos semânticos permaneçam presentes: preocupação materna primária (não poderia ser preocupação parental primária? Ou ainda, preocupação primária do cuidador?); mãe suficientemente boa (não poderiam ser cuidados suficientemente bons?). Esse aspecto deve ser levado em conta para que não se corra o risco de perder-se na ideia fixa da mulher no papel de mãe, reforçando seu lugar na cena privada; mas, torna-se importante extrair desse conceito o sentido de ambiente, que pode ser aplicado tanto a homens quanto a mulheres que cuidam do bebê juntamente ao seu entorno.

O conceito de ambiente em Winnicott traz um aspecto teórico-clínico de aplicação atual que é útil aos dilemas vigentes sobre a confusão ainda presente com relação aos papéis estabelecidos de mãe e pai, como função da mulher e do homem. Essa confusão é herdeira da

⁶⁷ No Capítulo 4 deste trabalho, o processo de desenvolvimento proposto por Winnicott, bem como suas etapas, serão detalhados, fornecendo maior compreensão para a noção de elaboração imaginativa, por exemplo.

inércia cultural vitoriana, mas atualmente aponta para novas configurações parentais que tentam se distanciar ao máximo do estatuto da diferença sexual rigidamente marcada.

A ideia da preocupação materna primária localiza os cuidados ambientais no campo da experiência entre o bebê e o cuidador e atenua o peso biológico da gravidez. Se o biológico garantisse toda a cena inaugural de encontro entre mãe e bebê não seria necessário desenvolver este conceito. Falaríamos apenas de gravidez. Ou mesmo, a depressão pós-parto não seria uma realidade. Trazer à tona os aspectos angustiantes e ambivalentes presentes nos cuidados iniciais dirigidos ao bebê é um dos aspectos deste conceito. Outro aspecto é a ampliação da ideia de cuidado materno para a noção de ambiente, que inclui não apenas o expediente da cuidadora ou cuidador principal, mas também o seu entorno.

No campo da psicanálise, a ideia de cuidados ambientais nos moldes winnicottianos traz contribuições ao modelo freudiano de satisfação instintual, ou mesmo ao modelo kleiniano das relações objetais primitivas e da dinâmica das posições esquizo-paranoide e depressiva.

2 Considerações finais

A entrada de Winnicott na Sociedade de Psicanálise Britânica, bem como sua marca pessoal nesse campo, foi marcada por pressões políticas, sejam do cenário mundial (Primeira e Segunda Guerras Mundiais e Guerra Fria), sejam do cenário psicanalítico (seu apartidarismo ou indiferença em relação às disputas entre Anna Freud e Melanie Klein, ou entre o grupo de Viena e o de Londres).

Conforme observado, o foco dado à mãe e a conceituações que marcam sua importância na saúde individual atendiam também a uma agenda política de reforço das bases da Guerra Fria a partir da segurança transmitida pelo lar comum, que foi incorporada à visão social de Winnicott sobre as bases da democracia, do senso de liberdade, do valor da monarquia e mesmo da importância do muro de Berlim.

Ao relacionar a saúde individual à construção do tecido social e de uma sociedade saudável (ou democrática), pôde cotejar o alcance de suas ideias em um sentido institucional amplo: da primeira instituição, o lar comum, à instituição maior, a vida em sociedade.

Nesse contexto, a ideia de ambiente e de expressões correlatas que reforçam a função do cuidador ou cuidadora principal como a base para a saúde é o contraponto do problema semântico ligado às ideias de mãe suficientemente boa e de preocupação materna primária,

quando reforçam a posição fixa da mulher na condição de mãe para que os cuidados básicos aconteçam.

Capítulo 4. As noções de identidade e sexualidade feminina na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott

“Dois faz um, então um faz dois”

(Reeves, 2019, p. 45)

Neste capítulo, a partir da apresentação geral da teoria do desenvolvimento emocional proposta por Winnicott e dos modelos de relação estabelecidos desde o início da vida entre bebê e ambiente, será apresentado como se dá a construção da identidade feminina, por meio dos elementos feminino e masculino puros descritos por Winnicott, e, na sequência, o assentamento da sexualidade feminina. Em relação à sexualidade, se evidenciarão as influências teóricas nas proposições de Winnicott advindas de: Freud e de sua tese da bissexualidade; Klein e do reconhecimento da vagina como fonte de excitação desde as fases pré-genitais do desenvolvimento. Adicionalmente, serão observados os desenvolvimentos próprios do autor, principalmente ao reconhecer que a sexualidade feminina não é redutível ao complexo de Édipo e à inveja do pênis.

1 A visão geral da obra a partir dos principais comentadores

Para Caldwell e Robinson (2019), Winnicott é, junto a Melanie Klein e Anna Freud, uma figura de destaque na segunda geração de psicanalistas, seguidos por Sigmund Freud, Sandor Ferenczi e Karl Abraham, dada sua contribuição para diversos campos de pesquisa e a extensão de seus descobrimentos, iluminando ciências humanas e sociais.

Adicionalmente, apontam que seu estilo próprio o conduziu a desenvolvimentos teóricos e clínicos a respeito da subjetividade humana, fundamentados na dialética entre o âmbito interior e o exterior, entre o eu e o outro, impressos nas relações interpessoais.

As autoras apresentam a obra de Winnicott trazendo elementos biográficos, contextualizando o momento histórico da Psicanálise Britânica em que Winnicott iniciou seus estudos, seus escritos iniciais, suas ideias controversas e, finalmente, apresentando alguns conceitos norteadores da sua obra, como: o ambiente e o desenvolvimento infantil, os objetos transicionais, o psique-soma, seus direcionamentos clínicos e a questão da criatividade.

Abram (1996) desenvolveu uma compilação dos 22 principais termos e expressões presentes na linguagem winnicottiana, sem que haja um compromisso exaustivo de esgotá-los

ou mesmo de agrupá-los cronologicamente ao longo do desenvolvimento emocional. Porém, posteriormente, Abram (2008) apresenta a obra de Winnicott cronologicamente, a partir de fases, mas agrupando-as de maneira a apresentar, em cada uma, as contribuições teóricas e clínicas para a Psicanálise e para a Pediatria, de forma a expandir o uso das ideias de Winnicott além dos limites da Psicanálise.

Spelman (2013a, 2013b) também apresenta a obra de Winnicott por meio das fases do desenvolvimento (dependência absoluta, relativa e rumo à independência), após contextualizar brevemente o pensamento de Winnicott no contexto psicanalítico (em relação a Freud e Klein), além de exemplificar suas descobertas em relação à obra por meio de observações de bebês.

Dias (2012) apresenta a obra de Winnicott tentando fornecer ao leitor uma compilação de conceitos a partir da linha do desenvolvimento emocional (a autora prefere a expressão teoria do amadurecimento), tendo, contudo, um interesse subjacente de institucionalizar o saber winnicottiano ao defender que as ideias de Winnicott representam uma mudança de paradigma na Psicanálise. Sua compreensão sobre a obra é apoiada também no trabalho teórico de Loparic (1995a, 1997a, 1998, 1999b, 2001b, 2005, 2011), que analisa Winnicott à luz das aproximações conceituais com a ontologia de Heidegger.

Fulgencio (2016, 2019), ainda que também enxergue as aproximações dos desenvolvimentos de Winnicott a algumas ideias presentes na fenomenologia de Husserl e na analítica existencial de Heidegger, se ocupou de apresentar Winnicott histórica e criticamente a partir do que denominou de Psicanálise do Ser.

Após apresentar os elementos convergentes entre o existencialismo moderno e o corpo teórico da teoria winnicottiana, introduz os conceitos a partir da experiência de ser, presente na natureza humana, e os localiza nos distintos estágios que perpassam o desenvolvimento emocional, do ponto de vista teórico e clínico, fornecendo, ao final e de maneira complementar, um sumário com verbetes presentes no vocabulário winnicottiano.

2 O processo de construção da identidade: o perfume característico do bulbo que desabrocha⁶⁸

Analisar os elementos que compõem a base da identidade⁶⁹ é verificar as bases de um jardim que precisa ser cuidado para que frutos possam emergir. Assim como nos lembrou Carlos Drummond de Andrade de que: "Onde não há jardim, as flores nascem de um secreto investimento em formas improváveis", Winnicott também fez sua versão poética, ao nos lembrar de como um jacinto pode se desenvolver ao ser plantado em um vaso:

Tentando encontrar uma analogia, vi um bulbo de jacinto a ser plantado em uma tigela. Pensei: há um odor maravilhoso trancado naquele bulbo, embora soubesse, naturalmente, não existir um lugar no bulbo em que o odor se ache trancado. A dissecação do bulbo não proporcionaria, a quem a fizesse, a experiência de uma fragrância de jacinto, se o lugar apropriado estivesse por ser alcançado. Apesar disso, existe no bulbo um potencial que acabará se tornando um perfume característico, quando a flor se abrir. Isto não passa de uma analogia, mas poderia transmitir um retrato do que estou tentando enunciar. (Winnicott, 1989vk, p. 127)

A ideia de um bulbo de jacinto que precisa desabrochar no seu tempo é a tônica do desenvolvimento emocional primitivo e do sentimento de sentir-se real por recursos próprios. A capacidade de esperar pelo perfume se concentra, inicialmente, no expediente da pessoa que cuida do bebê, que não poderia solucionar essa questão olfativa antecipando a ordem dos fenômenos. Paulatinamente, o perfume característico do jacinto vai sendo impresso nas relações com o mundo, em que a construção da identidade é o próprio movimento de desabrochar, propiciando uma experiência olfativa singular.

Para entender esse processo na obra de Winnicott, serão adotados os livros de Fulgencio (2020, 2016). Nesses trabalhos, entre outros temas, o autor se ocupou de entender todas as modalidades de relação ou os modos de ser, presentes ao longo da vida, mesmo desde o período gestacional, até a idade adulta. No entendimento do autor, essas modalidades de relação permeiam o desenvolvimento emocional de todos os indivíduos, contribuindo para a experiência de *ser e continuar sendo*.

⁶⁸ A intenção é apenas apresentar a linha do desenvolvimento emocional com foco na constituição da identidade de maneira panorâmica, para que, nos próximos capítulos, seja possível localizar a identidade feminina nessa perspectiva. Não há a intenção de obter um entendimento profundo de cada estágio.

⁶⁹ A noção de identidade na obra de Winnicott também foi analisada nos capítulos 5 e 6 deste trabalho.

2.1 Fase da Dependência Absoluta⁷⁰ (da origem até aproximadamente o quarto mês)

Para efeitos didáticos, esta fase será compreendida diferenciando-se os eventos anteriores e posteriores ao nascimento.

2.1.1 Vida Intrauterina: a experiência de continuidade de ser não relacional (“sou”)

Segundo o que propõe Winnicott sobre a concepção da vida e das primeiras relações humanas, já no contexto intrauterino há uma série de experiências vividas pelo bebê em que a possibilidade de ser já é possível. Esse ser incipiente é com a-mãe-biológica - nesse momento, dentro do útero, o bebê e sua mãe biológica pertencem a um mesmo contorno somático e psíquico em que, por meio do cordão umbilical e de outras ligações vivenciais, tem-se a união de dois corpos que formam um único composto. Nesse princípio arcaico, Winnicott propõe que o soma e a psique sejam uma única entidade, estando entrelaçados e fundidos, fornecendo as primeiras experiências de ser (Dias, 2015).

Esses momentos de ser criam certa estocagem de experiências advindas de memórias corporais. Essas experiências podem ser entendidas como eventos que ocorrem no interior do útero, provenientes de certos impulsos vindos do próprio bebê, ao chutar espontaneamente a parede intrauterina, ou mesmo sensações experimentadas por ações advindas do ambiente, como um estado de ansiedade da mãe, por exemplo. Dessa forma, no momento do nascimento, já existe um ser humano em potencial no útero.

Quando o nascimento é uma experiência satisfatória, o bebê pode experimentar sua primeira grande conquista que é participar do seu próprio ato inaugural no mundo e suportar a primeira tarefa que lhe é imposta, que é a da respiração. Isso porque, segundo Winnicott, “do ponto de vista do bebê, foi seu próprio impulso que produziu as mudanças e a progressão física, em geral começando pela cabeça, em direção a uma nova e desconhecida posição” (Winnicott, 1988, p. 166).

Pode-se pensar que, em contrapartida, um nascimento não satisfatório poderia ser aquele que ocorre fora do tempo existencial do bebê, ou seja, prematuramente ou tardiamente, podendo também ser decorrente de quaisquer outras ocorrências que interrompam o fluxo natural da vida intrauterina em curso, que já possui características próprias.

⁷⁰ Para um entendimento aprofundado sobre os efeitos psicopatológicos de falhas nesta etapa do desenvolvimento, consultar Dias (2018).

2.1.2 Após o nascimento: modelo de relação subjetiva (“sou”, experiência identitária)

Com a irrupção do nascimento, a fundição arcaica mãe-bebê é rompida de forma que existem agora dois corpos, o da mãe e do bebê, separados perceptivelmente aos olhos do observador. O bebê, que antes tinha todo o seu funcionamento somático e psíquico apoiado e fundido ao da mãe, terá que integrar esses dois sistemas, que não são mais suportados literalmente pelo organismo vivo da mãe e terão que encontrar uma maneira particular de continuar vivendo.

Há nesse momento uma série de elementos em jogo. Winnicott aponta para quatro vertentes que alicerçam o desenvolvimento emocional e que serão os fundamentos motores da natureza humana: a experiência de continuar a ser, que é o aspecto ontológico⁷¹; a tendência inata à integração, que é a base da formação do ego; o impulso amoroso primitivo, ou seja, ações da motricidade que impulsionam a experiência e imprimem vitalidade à existência; e a elaboração imaginativa dos acontecimentos existenciais, que fundará a vivência psicossomática.

Essas vertentes se apoiam no modo de se relacionar estabelecido entre o bebê e o ambiente, impactando diretamente a maneira como esses fundamentos influenciam o desenvolvimento emocional.

Inicialmente, após o nascimento, Winnicott observou que o bebê tem a necessidade de depender integralmente de uma cuidadora ou cuidador (por isso, dependência absoluta). Nesse estágio, ambiente e bebê formam um amálgama de forma que os cuidados iniciais denominados de suficientemente bons são o ambiente primordial e determinante para a continuidade de ser do bebê.

Pode ser muito útil postular que o meio ambiente satisfatório começa com um alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança. Geralmente a mãe é capaz de provê-lo, por causa do estado especial em que ela se encontra, o qual denominei “preocupação materna primária”. Apesar de existirem outros nomes para esse estado, estou descrevendo-o em meus próprios termos. (Winnicott, 1986b, p.18)

⁷¹ Aqui o foco não é discutir os aspectos ontológicos abordados pela Filosofia, que nos obrigaria a tratar a questão do ser de maneira ampla, mas elucidar de maneira particular a experiência de ser, conforme tese central defendida por Fulgencio (2020).

Por meio da preocupação materna primária, o ambiente suficientemente bom fornece os cuidados que o bebê necessita e se funde às suas necessidades de tal forma que, para o bebê, toda experiência é vivida como se fosse dele mesmo, apesar de não haver ainda, nesse momento, a percepção clara do que seja ele e do que seja sua mãe. Winnicott aponta para a existência de um paradoxo em que, aos olhos de um observador, existe um bebê, mas do ponto de vista do bebê, ele não existe, pois dependerá ainda por alguns meses desse modo de relação subjetiva com sua mãe para poder conquistar a possibilidade de reunir-se em uma unidade de sujeito psicológico.

A cuidadora ou cuidador que se identifica com o seu bebê e fornece o que ele necessita permite que ele tenha a experiência de sentir que se alimenta de si mesmo, ou seja, que o seio que se apresenta no momento da fome ou o colo que permanece até que o sono chegue sejam produzidos por ele mesmo, em uma espécie de experiência alucinatória que Winnicott chamará de ilusão de onipotência.

Mães que não puderam se identificar com seus bebês, e que de alguma maneira falharam inicialmente nessa tarefa, não puderam introduzir a possibilidade de ser e continuar sendo como alicerce do *self*, acarretando no bebê complicações existenciais primitivas em que a vida não é vivida a partir de si mesmo, mas a partir de pressões externas⁷².

Quando há a possibilidade de viver uma série de experiências alucinatórias de criação dos objetos que fornecem o que o bebê necessita, as experiências de ser se intensificam e, a cada ocorrência, tem-se o reconhecimento de existir um *self* verdadeiro, ou seja, uma inscrição pessoal, um traço particular que caracteriza a forma como cada bebê, por meio das relações subjetivas com sua mãe, tem vivido sua existência.

Segundo Masud Khan, Winnicott, ao elucidar as diferenças entre as necessidades do ego e as necessidades instintuais, delimita o cenário em que o bebê apreende as pressões que devem ser sentidas como vindas dele mesmo, nessa fase de dependência absoluta, de forma que não há maturidade ainda para direcioná-las para um objeto da pulsão, percebido objetivamente.

Deve-se enfatizar que, ao referir-me ao atendimento das necessidades do bebê, não estou me referindo à satisfação dos instintos. Na área que estou examinando, os instintos ainda não estão claramente definidos como internos ao bebê. Os instintos podem ser tão externos quanto o estrondo de um trovão

⁷² Ainda neste capítulo a questão da falha ambiental (e não materna) será abordada com mais detalhes. A ideia de que a mãe é a única responsável pelos cuidados de uma criança é um protótipo que vem sendo muito discutido, dadas as condições sociais atuais que acarretam em arranjos parentais que fogem da lógica tradicional conservadora, presa ainda em ideias vitorianas, conforme explicitado no capítulo 1 deste trabalho.

ou um golpe. O ego do bebê está ganhando força e, em consequência, está chegando a um estado em que as demandas do id serão sentidas como parte de si mesmo, e não como ambientais. Quando esse desenvolvimento ocorre, a satisfação do id se torna um fortalecedor muito importante do ego ou do Verdadeiro *Self*; mas as excitações do id podem ser traumáticas quando o ego ainda não é capaz de incluí-las e ainda não é capaz de conter os riscos envolvidos e as frustrações experimentadas até o ponto em que a satisfação do id se torna um fato. (Winnicott, 1965m citado por Khan, 1975)⁷³

Lejarraga (2015) nos lembra ainda que as experiências de mutualidade entre o cuidador principal e o bebê e a sexualidade infantil não são simétricas e apontar para a importância das experiências do ego antes das do id não é ameaçar a sexualidade, mas sim enriquecê-la.

2.2 Fase da Dependência Relativa (do quarto mês até aproximadamente 18 meses): modelo de relação transicional (“sou com” e “sou diferente de”)

Em contrapartida, à medida que o bebê e sua mãe já estão mais adaptados ao ritmo próprio da relação, a mãe começa a distanciar-se paulatinamente, de modo que o bebê pode já sustentar suas ausências momentâneas por meio de recursos mentais e lidar com a *desilusão*. Pode, assim, associar percepções do ambiente a ocorrências iminentes, identificando cheiros, ruídos, luminosidade e o que cada nuance dessas variáveis acarretam na relação que estabelece com sua mãe, dando um caráter de previsibilidade que será a base da relação de confiança que estão estabelecendo. Dessa forma, o bebê também pode gradualmente ir adaptando-se à sua mãe, sem perder a experiência de ser ele mesmo. Porém, quando se submete em demasia às adaptações graduais, desenvolve um falso *self*.

Para Winnicott, uma das funções do falso *self* é proteger o verdadeiro *self* e fazê-lo começar a existir nas relações com o mundo. À medida que o bebê começa a se individualizar como pessoa, separando-se de sua mãe de maneira gradual, o falso *self* auxilia neste processo de mediação EU versus NÃO-EU, garantindo certa adaptação do bebê ao que é externo, sem perder totalmente sua individualidade ou capacidade de ser ele mesmo e de sentir-se real.

⁷³ It must be emphasized that in referring to the meeting of infant needs I am not referring to the satisfaction of instincts. In the area that I am examining the instincts are not yet clearly defined as internal to the infant. The instincts can be as much external as can a clap of thunder or a hit. The infant's ego is building up strength and in consequence is getting towards a state in which id-demands will be felt as part of the self, and not as environmental. When this development occurs, then id-satisfaction becomes a very important strengthener of the ego, or of the True Self; but id-excitements can be traumatic when the ego is not yet able to include them, and not yet able to contain the risks involved and the frustrations experienced up to the point when id-satisfaction becomes a fact.

Quando essa transição não ocorre de maneira satisfatória, há a formação de um falso *self* patológico que age de maneira defensiva e submetida ao ambiente, atuando de maneira cindida e não integrada ao *self* total, o próprio eu. Nesses casos, o falso *self* sustenta uma vivência precária do existir, utilizando-se dos recursos mentais como única forma de captar o que vem do ambiente; ou seja, a única possibilidade de existir é encobrindo uma não existência.

Todas as experiências vividas pelo bebê são integradas, tanto aquelas advindas de estados tranquilos quanto de estados excitados, de forma que o ego do bebê possa se fortalecer a cada nova experiência.

O impulso amoroso primitivo, que, inicialmente, dá o contorno da motricidade e de todos os impulsos corporais do bebê em relação à mãe, começa a paulatinamente ampliar a qualidade das experiências de ser em relação ao mundo, indicando a forma como a vitalidade estará presente nas relações interpessoais.

Todos os acontecimentos existenciais precisam ser elaborados pelo bebê para que as vivências possam ter um sentido psicossomático. Dessa forma, quando o tempo e o espaço corpóreos são atendidos, o primeiro, instigado pelas necessidades instintuais, e o segundo, pelos braços da mãe que sustentam o bebê e que incutem em certa medida uma borda para a experiência do existir, a continuidade do ser só é possível se existir uma *elaboração imaginativa* do que está sendo sentido pelo corpo. Isso porque, apesar do corpo ser instigado pelas necessidades instintuais (fome, sede, dor etc.), a satisfação dos instintos não é a totalidade da experiência.

Estando todas as engrenagens funcionando com o elemento feminino puro primordial em curso, e todos os fundamentos motores que engendram a existência seguindo seu ritmo próprio, o bebê passa a depender menos de sua mãe, atingindo o estágio de dependência relativa.

Nesse estágio, por meio do início da utilização dos recursos mentais, já é possível para o bebê suportar de forma não traumática o não atendimento absoluto de suas necessidades, passando a estabelecer um modo de relação não mais inteiramente subjetivo, mas *transicional*, que, apesar de ainda apoiar-se na relação com a mãe, é uma relação de “sou com” entre o subjetivo e o objetivo. Nesse momento, é comum o bebê eleger um objeto real, do mundo externo, um ursinho, um paninho ou qualquer outro de sua preferência, para depositar esses aspectos transicionais (subjetivos e objetivos) de forma que esse objeto possa representar partes suas e da mãe, sendo a realidade do “sou com”. *O objeto transicional pode ser usado, destruído e amado*, com a qualidade de estar sempre presente.

A mãe não é ainda, portanto, um objeto externo ao bebê, que precisa usar o objeto transicional para exercitar idas e vindas até finalmente suportar sua existência real. Esse jogo propicia a noção de diferenciação, de modo que, além de “ser com”, é possível “ser diferente de”, sendo estabelecida, assim, a capacidade de brincar e as bases da simbolização.

*2.3 Fase da Independência Relativa Infantil: modo de relação interpessoal na Fase Edípica e na Latência (“Eu sou” e “Eu sou X”)*⁷⁴

Após esse período transicional em que elementos do eu são depositados no mundo externo, ao mesmo tempo em que permanecem fundidos a elementos da mãe e vice-versa, a continuidade de ser passa a ampliar-se de forma que o jogo EU versus NÃO-EU é amortecido, até o momento no qual é possível para o bebê viver experiências por meio da unidade do sujeito psicológico. Nesse ponto, é possível dizer EU SOU⁷⁵ e perceber a existência real da mãe como um objeto objetivamente percebido.

A partir desta possibilidade de diferenciar-se do outro, torna-se possível viver por meio de relações de objeto⁷⁶, ou seja, relações interpessoais que consideram uma dialética real entre o EU e o OUTRO e que passam a compor amplas possibilidades de estar-no-mundo, podendo transitar entre relações subjetivas, transicionais e objetivas, estabelecendo agora uma relação de independência relativa (Fulgencio, 2020).

É importante notar que a noção de OUTRO é uma emancipação do NÃO-EU, à medida que personifica e determina que as relações de objeto serão possíveis agora – o outro não é a negação do eu com características difusas, mas possui aspectos próprios que o diferenciam.

O estabelecimento do EU expulsa a mãe para o campo da objetividade do bebê e dá espaço para que o pai apareça. Nesse mesmo momento, a mãe também pode expulsar o pai e

⁷⁴ Nesta sessão, não serão descritas as consequências em termos das diferenças sexuais atingidas na fase fálica, em que o estatuto ter ou não o falo, o elemento simbólico de poder proposto por Freud, leva a angústias ligadas à castração. Ainda que Winnicott tenha incorporado esses elementos em sua descrição do processo de desenvolvimento emocional, esta sessão destina-se ao entendimento da base identitária. Nos capítulos 4 e 5 esses elementos serão descritos e localizados na obra de Winnicott para que se possa compreender de maneira ampla o que está em jogo no conceito de “ser mulher”.

⁷⁵ Entendemos que a sentença EU SOU não indica a aquisição rígida de uma conquista e que ela é um fim em si mesma. EU SOU, na visão de Winnicott seria a primeira noção “mais consciente” de um si-mesmo organizado em um contorno psicossomático. Ao longo do tempo, a sentença EU SOU é complementada e influenciada pelas experiências e pelo acontecer humano, que não aponta para um produto final.

⁷⁶ Entenda-se que a expressão relações de objeto está sendo entendida como as relações com o objeto objetivamente percebido.

reencontrá-lo como seu parceiro, que permanecia de modo suspenso em seu inconsciente nessa posição, para que ela pudesse se ocupar dos cuidados do bebê. Há, portanto, uma fase *dual*, entre bebê e mãe (relação de dois corpos) e, na sequência, entre bebê, mãe e pai, (relação a três corpos).

Na etapa dual, quando a mãe se apresenta como totalmente diferente do bebê, entra em jogo a integração das forças instintuais, agora vividas como aspectos internos, uma vez que há uma unidade de sujeito psicológico. Há também a possibilidade de relacionar-se com aspectos bons e maus dos objetos, bem como suportar a possibilidade de responsabilizar-se por impulsos amorosos e destrutivos de maneira ambivalente. Forma-se, assim, o *ciclo benigno*, uma cadeia de experiências de destruição e reparação (fase do concernimento ou *concern*, segundo Winnicott) que fortalecem as relações de objeto e o sentimento de sentir-se uma pessoa inteira - *whole person* (Fulgencio, 2020).

Na etapa triangular ou edípica, há um incremento nas relações interpessoais, com a possibilidade de projeções, introjeções e identificações. O bebê que antes criava o seio por um processo alucinatório porque tinha a necessidade de se alimentar de algo que vinha de fora dele (mas que ele não sabia), agora já criança, pode perceber objetivamente se é menino ou menina por meio de diferenças anatômicas concretas e sentir o peso dessa diferença em relação às fantasias e aos desejos inconscientes que essas mesmas diferenças representam na vida real, de modo que as relações saem da dinâmica da necessidade para a dinâmica do desejo e “. . . um romance familiar é encenado” (Fulgencio, 2020).

Segundo Fulgencio,

Chegamos, então, ao ponto em que Freud chegou, reconhecendo a sexualidade infantil ao tratar de seus pacientes neuróticos, para os quais a sexualidade e o complexo de Édipo são um dos aspectos centrais da existência. Entretanto, considerando uma diversidade de outros acontecimentos e fatos da existência díspares daquelas consideradas por Freud, Winnicott reescreve a teoria do complexo de Édipo, e da sexualidade em bases diferentes das físico-energéticas usadas pela metapsicologia freudiana. (Fulgencio, 2020, p. 136)

Após a etapa edípica, no final da primeira infância, tem-se o período de latência e atenuação das pressões instintuais, para que, posteriormente, na etapa genital, a potência sexual possa ser retomada. Abre-se espaço para o incremento das relações transicionais, de forma que há maior investimento, por parte da criança, de práticas grupais de esportes, atividades recreativas e artísticas e novas possibilidades de compartilhar o mundo, formando as bases da vida cultural e do brincar.

2.4 Fase da Independência Relativa Adulta: modo de relação interpessoal na Adolescência e na Vida Adulta (“Eu sou” e “Eu sou X”)

Na adolescência, junto com os desenvolvimentos da puberdade (aspectos biológicos), há uma sofisticação das pressões instintuais e motoras com ênfase na potência sexual. Nessa fase, há uma retomada da primeira infância e de seus fundamentos, acompanhada de problemas ou conflitos entre ser e fazer, ou seja, questões apoiadas nos elementos feminino e masculino puros⁷⁷. A força física torna-se uma realidade e dá “a possibilidade de machucar e até mesmo matar o outro, e a potência para copular e gerar” (Fulgencio, 2020, p. 138). Essa caixa de ferramentas a serviço do adolescente faz com que as experiências adquiridas nessa fase indiquem como o adolescente poderá usá-la a seu favor, de forma a criar (e encontrar) um lugar no mundo para si mesmo – o adolescente precisa ser alguém em algum lugar (Fulgencio, 2020).

As experiências tornam-se mais ricas e é possível fazer identificação cruzada, ou seja, um modo de se relacionar empático – eu me coloco no lugar do outro. A identificação cruzada é a base para as relações grupais - segundo Fulgencio (2020), os grupos funcionam como *blocos identitários*. Nesse contexto, na saúde, o indivíduo é capaz de pertencer a grupos cada vez mais amplos, sem perder o senso de si mesmo. A vida social e cultural torna-se o palco para as atuações no mundo (já incrementadas na latência), o interjogo entre o eu e o outro, resgatados das bases da experiência transicional, que acompanha o indivíduo desde a Fase de Dependência Relativa até o final de sua vida.

Na vida adulta, com o acréscimo de sentido em cada fase descrita na linha de desenvolvimento emocional de Winnicott, espera-se que a experiência de ser e continuar sendo tenha possibilitado atribuir valor à vida, aceitando seus conflitos e fracassos, bem como as conquistas.

A vida de um indivíduo não se caracteriza mais por medos, sentimentos conflitantes, dúvidas, frustrações do que por seus aspectos positivos. O essencial é que o homem ou a mulher se sintam vivendo sua própria vida, responsabilizando-se por suas ações ou inações, sentindo-se capazes de atribuírem a si o mérito de um sucesso ou a responsabilidade de um fracasso. Pode-se dizer, em suma, que o indivíduo saiu da dependência para entrar na independência ou autonomia. (Winnicott, 1971f, p. 22)

⁷⁷ Esse tema será tratado de maneira mais detalhada no item 3 deste capítulo.

Há também o reconhecimento do pertencimento ao tecido social, um mundo que já existia antes do indivíduo adulto, que precisa ser aceito; não no sentido de submeter-se, mas na capacidade de contribuir com ele, agir no mundo e lutar por suas próprias convicções, em diálogo com o que já existe nele.

Na velhice e na morte, há uma diminuição do ritmo da vida, em termos de conflitos e atuações, de forma que se pode agora, depois de ser, retomar os aspectos do não-ser, em uma recolocação com a dependência relativa experimentada anteriormente.

Segundo Fulgencio (2020),

Envelhecer é retornar na linha do desenvolvimento dos modos de ser-no-mundo; o indivíduo cresce para reencontrar o seu início no não-ser, regressando, em maior ou menor grau, ao estado de dependência em relação ao ambiente, mas integrando, na saúde, sua personalidade total a sua finitude. Winnicott explicita: “Há muito crescimento que é crescimento para baixo. Se eu tiver uma vida razoavelmente longa, espero encolher e tornar-me suficientemente pequeno para passar pelo estreito buraco chamada de portas da morte”. (Winnicott, 1984g, p. 249, citado por Fulgencio, 2020, p. 146)

3 O elemento feminino puro e o elemento masculino puro: a base⁷⁸ identitária para a integração posterior da sexualidade

Segundo o que foi apresentado até aqui, as diferentes modalidades de relação ou modos de ser no mundo delineiam o processo de desenvolvimento emocional proposto por Fulgencio (2016, 2020), a partir de sua leitura particular sobre a obra de Winnicott.

Nessa jornada, há outros elementos de destaque, que permeiam as relações subjetivas, transicionais e objetais, que foram descritos por Winnicott como *elemento feminino puro* e *elemento masculino puro*⁷⁹.

Esses elementos, descritos dessa forma, foram de constante revisão e adição de desenvolvimentos teórico-clínicos realizados pelo autor entre 1959 e 1969. Sendo a última

⁷⁸ A ideia de “base” não é para determinar uma estrutura rígida e fixamente determinada, mas para evidenciar elementos que são colocados nas relações iniciais de amálgama ambiente-bebê e que permanecem em comunicação ao longo do desenvolvimento, influenciando os modos de ser-estar de cada pessoa no mundo.

⁷⁹ Neste momento do trabalho, será oferecida uma visão ampla sobre o assunto para, no capítulo seguinte, a noção de elemento feminino puro e elemento masculino puro ser analisada de forma histórico-crítica, juntamente com outros verbetes que perpassam a obra de Winnicott, cujo tema central recai sobre o entendimento da identidade feminina.

publicação próxima à morte de Winnicott, pode-se dizer que apresentou desenvolvimentos ainda em construção e de um debate incipiente no campo psicanalítico do qual fazia parte⁸⁰.

Antes de conceituar os elementos feminino puro e masculino puro e localizá-los no corpo teórico desenvolvido pelo autor, é importante mencionar o desconforto que eles podem causar pela semântica utilizada. A utilização da palavra puro como uma qualidade dos elementos, bem como a atribuição ao feminino e ao masculino, podem levar ao entendimento de um “essencialismo” radical e estrutural em relação às diferenças sexuais, de forma a concluirmos que há um purismo inato em ser mulher ou ser homem, indo na contramão de todas as discussões atuais relacionadas à identidade de gênero.

Portanto, para avançarmos no sentido dos conceitos e atenuar seus problemas semânticos, é preciso recorrer a algumas definições para abrir o campo e cotejar possíveis significados de “puro”.

Segundo o que propõe Kant (1781) na crítica da razão pura, o termo “pura” se refere às questões metafísicas que a razão supostamente teria de resolver *a priori*, a partir de si mesma. Mas, para Kant, a razão só pode agir segundo limites bem definidos; assim, se for pura, a razão se perde. Precisa ser guiada pela experiência.

Por uma crítica assim, não entendo uma crítica de livros e de sistemas, mas da faculdade da razão em geral, com respeito a todos os conhecimentos a que pode aspirar, *independentemente de toda a experiência*; portanto, a solução do problema da possibilidade ou impossibilidade de uma metafísica em geral e a determinação tanto das suas fontes como da sua extensão e limites; tudo isso, contudo, a partir de princípios (Kant, 1781, A XI).

Assim, Kant busca demonstrar que os conhecimentos puros só podem ser aplicados ao campo da matemática ou da física, e que os outros campos, como a religião, a ética e a estética, por exemplo, precisam de uma “razão prática” e não pura.

Portanto, tomando como base essa definição, os elementos descritos por Winnicott como sendo feminino puro e masculino puro são os fatores *a priori* que forneceriam a constituição *a posteriori* da identidade. Esses elementos, por eles mesmos, não fazem sentido

⁸⁰ Segundo editores do livro *Explorações Psicanalíticas* (Winnicott, 1989a), Winnicott, em 1966, submeteu um artigo para o Encontro Científico da Sociedade de Psicanálise Britânica intitulado “A Cisão dos Elementos Masculinos e Femininos encontrados clinicamente em Homens e Mulheres: Inferências Teóricas”. Esse artigo foi incluído posteriormente no livro *O Brincar e a Realidade* (1971a), sendo que há trechos desse texto que foram escritos em 1959 e 1963. Há também desenvolvimentos no texto que foram feitos em virtude de comentários de Margaret Mead, Masud Khan, Richard Sterba, Herbert Rosenfeld e Decio Soares de Souza, adicionados e apresentados no Fórum Psicanalítico (1972), embora já escritos em 1968-1969.

se não estiverem apoiados na experiência com um ambiente real. E na teoria de Winnicott funcionariam como princípios:

A base para este comentário adicional foi a separação de toda a ideia de meninos e meninas e de homens e mulheres da ideia de *dois princípios básicos*, aqueles que chamo de elementos masculinos e femininos. Suponho que seja aqui que estou causando confusão, mas não posso me retirar neste estágio da discussão, e prefiro permitir que este estágio intermediário permaneça. O que eu quero fazer é explorar mais. Eu quero esclarecer todas as sofisticções por trás das identificações cruzadas, e até mesmo das expectativas cruzadas (onde um bebê ou criança pode somente contribuir com os pais em termos de sexo diferente do biológico), e eu quero ir onde eu possa me encontrar estabelecido e influenciado ao mesmo tempo. Eu quero chegar de uma nova maneira a um conceito que sem dúvida tem raízes nos escritos de outros analistas.⁸¹ [tradução nossa] [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, p. 191)

Dessa forma, Winnicott está querendo ressaltar que esses elementos se conjugam aos cuidados iniciais e, a partir das experiências do bebê com o ambiente (base empírica), fornecem os princípios para o estabelecimento da identidade. A identidade como uma construção *a posteriori* não pode ser pura porque está impregnada pela experiência e a história pessoal de cada indivíduo. Bem como os termos feminino e masculino também não se relacionam a qualquer definição *a priori* de elementos ligados à feminilidade e à masculinidade. Foram utilizados por Winnicott para designar características da relação com o ambiente, conforme será detalhado a seguir.

Segundo Winnicott,

O estudo do elemento feminino puro destilado e não contaminado nos leva ao SER, e isso forma a única base para a autodescoberta e um senso de existência (e depois para a capacidade de desenvolver um interior, de ser um recipiente, de ter capacidade de usar os mecanismos de projeção e introjeção e de se relacionar com o mundo em termos de introjeção e projeção)⁸². [tradução nossa] (Winnicott, 1971g, p. 111)

⁸¹ The basis for this further comment was the separating out of the whole idea of boys and girls and of men and women from the idea of two basic principles, those which I call male and female elements. I suppose it is here that I cause confusion but I cannot withdraw at this stage of the argument, and I prefer to allow this half-way stage to stay. What I want to do is to explore further. I want to get right behind all the crossed-sex sophistications, cross-identifications, and even cross-expectations (where a baby or child can only contribute to a parent in terms of the other-than-biological sex), and I want to go where I find myself both drawn and driven. I want to reach in a new way a concept that no doubt has roots in the writings of other analysts.

⁸² The study of the pure distilled uncontaminated female element leads us to BEING, and this forms the only basis for self- discovery and a sense of existing (and then on to the capacity to develop an inside, to be a container, to have a capacity to use the mechanisms of projection and introjection and to relate to the world in terms of introjection and projection).

Nas etapas primordiais do desenvolvimento propostas por Winnicott há a prevalência da relação do bebê com a *mãe-ambiente*, aquela que se adapta absolutamente ao seu bebê e é “. . . a pessoa que afasta o imprevisível e que fornece ativamente cuidado em manuseio e na gestão geral” (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI). Esse modo de se relacionar, inicialmente subjetivo, aponta para a inscrição do elemento feminino na constituição de todo indivíduo, sejam mulheres ou homens, postulando a ideia central da dependência inicial de todo ser humano ao ambiente, ao que é inaugural. Winnicott denomina esse elemento de feminino puro.

Ao postular o elemento feminino puro com essa semântica, Winnicott reforça a relação inicial com a mãe e presume-se que é por isso que a palavra *feminino* seja utilizada para qualificar esse aspecto.

Trata-se de uma identificação com o seio que lá está. O seio é ofertado e com ele é apresentada uma possibilidade de ser. O que leva Winnicott a afirmar que a experiência de ser é transmitida pela mãe. A mãe oferta a possibilidade de repousar no horizonte da existência. (Safra, 2009, p. 78)

A oferta da mãe a que Safra se refere liga-se aos aspectos empíricos, advindos da experiência com o ambiente, que se voltam ao *self* como a base para a constituição identitária. Isso porque a experiência de ser é anterior à unidade do sujeito psicológico, e volta a ser reforçada depois que o indivíduo reconhecido pessoalmente em uma unidade se apropria dessa experiência, podendo dizer EU SOU. A inscrição do elemento feminino puro viabiliza a conquista identitária saudável - seja o bebê um menino ou uma menina, sua experiência de ser e continuar sendo é o que mais importa.

A partir do momento que o bebê começa a distinguir uma realidade não-eu e adquire o status de unidade, a mãe não é mais apenas a mãe-ambiente, mas adquire o estatuto de *mãe-objeto*: “. . . a mãe como objeto, ou dona do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades urgentes do bebê” (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI).

Segundo Abram (1996), nesse momento a criança já reconhece que é uma pessoa inteira, que se relaciona com pessoas inteiras também e, assim, pode *fazer* coisas com o objeto que está se relacionando: amá-lo, odiá-lo, usá-lo, destruí-lo etc., sem que ele desapareça do seu mundo, fornecendo instrumentos para que sentimentos ambivalentes sejam assentados.

Ainda que nas etapas iniciais não haja a possibilidade de *uso do objeto total*, já é possível *fazer* coisas com o objeto que está se relacionando. Segundo Winnicott, “. . . o que o

bebê faz no auge da tensão e o uso assim feito do objeto parece-me muito diferente do uso que o bebê faz da mãe como parte do ambiente total” (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI).

Masud Khan (1975) explica a ambivalência na relação com a mãe na experiência total do bebê, antes da situação edípica:

Winnicott vê a capacidade de preocupação emergir antes que a situação triangular edipiana se torne possível para a criança. Ele considera a capacidade de preocupação como "uma questão de saúde" e resultante de cuidados infantis suficientemente bons. Além disso, implica "um ego que começa a ser independente do ego auxiliar da mãe". Nesse ponto, Winnicott introduz uma nova distinção importante na experiência total do bebê com a "mãe-objeto" e com a "mãe-ambiente". (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI)⁸³

Assim, a conquista identitária saudável, viabilizada inicialmente pelo elemento feminino puro, é arrematada pela possibilidade de fazer, ou seja, agir com vitalidade e potência sentidas como próprias, inscritas a partir do elemento masculino puro e na relação com a mãe-objeto. Nesse campo semântico, o *masculino* está associado à capacidade do ambiente de suportar as excitações e tensões vindas do bebê.

Nessa linguagem é a *mãe-ambiente* quem recebe tudo o que se pode chamar de *afeto e coexistência sensual*; é a *mãe-objeto* que se torna o *alvo da experiência excitada* apoiada por um *instinto-tensão* implacável. Minha tese é de que a preocupação surge na vida do bebê como uma experiência da mente altamente sofisticada a partir da união da mãe-objeto com a mãe-ambiente. (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI)⁸⁴

Para Abram (1996) e Jemstedt (2019), o elemento masculino puro liga-se à capacidade de diferenciação que o ego do bebê adquire ao longo do desenvolvimento, enriquecendo a relação entre sujeito e objeto. Para Safra (2009), o masculino puro é, inicialmente, o próprio

⁸³ Winnicott sees the capacity for concern emergent before the Oedipal triangular situation becomes possible for the child. He considers the capacity for concern as "a matter of health", and resultant from good-enough infant-care. It further implies "an ego that begins to be independent of the mother's auxiliary ego". At this point Winnicott introduces an important new distinction in the infant's total experience of "the object-mother" and "the environment-mother".

⁸⁴ In this language it is the environment-mother who receives all that can be called affection and sensuous co-existence; it is the object-mother who becomes the target for excited experience backed by crude instinct-tension. It is my thesis that concern turns up in the baby's life as a highly sophisticated experience in the coming-together in the infant's mind of the object-mother and the environment-mother.

gesto do bebê em direção ao seio, criando a objetividade a partir da subjetividade (apercepção criativa do ser).

Posteriormente, a ambivalência da mãe e, na sequência, do pai, acentua e traz sofisticação aos elementos feminino e masculino puros, uma vez que a entrada do *pai* como elemento terceiro e pessoa inteira é consequência direta da relação dual com a mãe.

Assim, esses elementos são a *base identitária* para que o desenvolvimento da sexualidade seja assentado a partir das diferenças sexuais posteriores, presentes desde a fase fálica freudiana, em que se pode falar de meninos e meninas, do ponto de vista da própria criança⁸⁵.

Segundo Winnicott, a presença confiável da mãe-ambiente “permite que o bebê se torne cada vez mais ousado na vivência dos impulsos do id; em outras palavras, libera a vida instintiva do bebê” (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVII). A culpa seria apenas decorrente de um estado deprimido, porque em situações saudáveis ela não é sentida:

Quando a confiança neste ciclo benigno e na expectativa de oportunidade é estabelecida, o sentimento de culpa em relação aos impulsos do id torna-se ainda mais modificado, e então precisamos de um termo mais positivo, como 'preocupação'. O bebê agora está se tornando capaz de se preocupar, de assumir a responsabilidade por seus próprios impulsos instintivos e pelas funções que lhes pertencem. Isso fornece um dos elementos construtivos fundamentais para brincar e trabalhar. Mas no processo de desenvolvimento, foi a oportunidade de contribuir que permitiu que a preocupação estivesse dentro da capacidade da criança. (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVII)⁸⁶

A *base identitária* fornecida pelos elementos feminino e masculino puros está presente em todas as pessoas saudáveis porque a vida sempre exigirá que seja possível criar o seio e ser ele – elemento feminino puro; para, depois, a partir do elemento masculino, ter o impulso de ir até ele. Assim, o bebê é a partir da inscrição do elemento feminino puro e *faz* a partir da inscrição do elemento masculino puro, com o suporte da mãe-ambiente e da mãe-objeto.

⁸⁵ Na leitura da obra de Winnicott é sempre importante lembrar que se trata de entender o desenvolvimento emocional pela ótica do bebê e da criança e não do observador. Após o parto ou para quem já deseja saber a partir de um tempo de gestação o sexo do bebê, o médico anuncia aos pais: “É menina!”. Essa declaração só atende às expectativas daqueles que esperam pela chegada da bebê-menina. Para ela, ao nascer, essa concepção não existe de maneira objetiva, apesar da presença de impulsos sexuais desde o início.

⁸⁶ When confidence in this benign cycle and in the expectation of opportunity is established, the sense of guilt in relation to the id- drives becomes further modified, and we then need a more positive term, such as 'concern'. The infant is now becoming able to be concerned, to take responsibility for his own instinctual impulses and the functions that belong to them. This provides one of the fundamental constructive elements of play and work. But in the developmental process, it was the opportunity to contribute that enabled concern to be within the child's capacity.

Outro aspecto a ser ressaltado na compreensão do elemento feminino puro e do elemento masculino puro relaciona-se à base do *self* e da possibilidade de viver uma vida que pode ser vivida como própria ao indivíduo. Masud Khan, ao apresentar de maneira geral os conceitos de falso e verdadeiro *self* na obra de Winnicott, relembra uma citação do próprio autor:

Um princípio pode ser enunciado: na área do falso *self* de nossa prática analítica, descobrimos que progredimos mais pelo reconhecimento da inexistência do paciente do que por um longo trabalho continuado com o paciente com base nos mecanismos de defesa do ego. O falso *self* do paciente pode colaborar indefinidamente com o analista na análise das defesas, estando, por assim dizer, do lado do analista no jogo. Este trabalho nada gratificante só é interrompido de forma lucrativa quando o analista pode apontar e especificar a ausência de alguma característica essencial: 'Você não tem boca', 'Você ainda não começou a existir', '*Fisicamente você é um homem, mas você não sabe por experiência nada sobre masculinidade*', e assim por diante. Esses reconhecimentos de fatos importantes, esclarecidos nos momentos certos, abrem o caminho para a comunicação com o Verdadeiro *Self*. Um paciente que teve muitas análises fúteis com base em um falso *self*, cooperando vigorosamente com um analista que pensava que isso era todo o seu *self*, disse-me: 'A única vez que senti esperança foi quando você me disse que eu poderia não ver esperança, e você continuou com a análise'. (Winnicott, 1965m, citado por Khan, 1975, pp. XV e XVI)⁸⁷

O que se quer destacar nessa citação é o que se refere ao caso B., descrito por Winnicott no livro *Holding e Interpretação* (1986a), de um homem cuja experiência de *ser homem* não foi atingida⁸⁸. Nesse sentido, B. operava a partir de um falso *self* patológico, que não pôde integrar os elementos feminino e masculino à sua base identitária. Isso significa dizer que B. atuava ou *fazia como se fosse homem*, mas de fato não havia atingido o estatuto de *ser homem*, ou que o elemento masculino puro se impôs ao feminino puro, conforme descreve Dias (2003):

⁸⁷ A principle might be enunciated, that in the False Self area of our analytic practice we find we make more headway by recognition of the patients non-existence than by a long-continued working with the patient on the basis of ego-defence mechanisms. The patient's False Self can collaborate indefinitely with the analyst in the analysis of defences, being so to speak on the analyst's side in the game. This unrewarding work is only cut short profitably when the analyst can point to and specify an absence of some essential feature: 'You have no mouth', 'You have not started to exist yet,' 'Physically you are a man, but you do not know from experience anything about masculinity', and so on. These recognitions of important fact, made clear at the right moments, pave the way for communication with the True Self. A patient who had had much futile analysis on the basis of a False Self, co-operating vigorously with an analyst who thought this was his whole self, said to me: 'The only time I felt hope was when you told me that you could see no hope, and you continued with the analysis.'

⁸⁸ É o mesmo caso utilizado como base para a conceituação dos termos elemento feminino puro e elemento masculino puro, apresentado em diversos momentos por Winnicott nos textos citados, conforme nota 10 deste capítulo.

. . . é preciso que o bebê se encontre com o seio que ‘é’, isto é, com o seio de uma mãe com capacidade de ser, e não com um seio que ‘faz’. O seio que ‘faz’ é um seio de ‘elemento masculino puro’ e não é satisfatório para a experiência inicial de identidade . . . (p. 210).

No caso B., a imposição do elemento masculino puro sobre o feminino, ou seja, a pressão pelo fazer, veio antes do ser, estando fora da área de onipotência infantil de B., e contribuiu negativamente para a experiência de ser homem do paciente em questão.

Nesse sentido, parece existir uma hierarquia no processo de identidade, em que o elemento feminino puro se coloca como a base para o elemento masculino puro e os dois juntos formam a base identitária a posteriori.

Para Dias (2003), “Esta distinção entre ser e fazer é uma outra maneira de formular a diferença entre objeto subjetivo e objeto objetivamente percebido” (p. 209).

Para Safra (2009), esses elementos se relacionam, respectivamente, à constituição do *self*, ao processo de personalização, no qual esses elementos são elaborados por meio da elaboração imaginativa do corpo e, finalmente, na triangulação correspondente ao Édipo.

Dessa forma, pensando-se no caso de uma mulher, o mesmo se aplica, ou seja, perceber-se fisicamente ou agir como mulher não é suficiente para a experiência de ser mulher. Nesse sentido, o complexo de castração freudiano aplicado à mulher, que poderia apontar para complicações referentes à *falta de um elemento simbólico fálico*, atingindo a vivência de sua sexualidade, desloca-se para uma *falha ligada à experiência de ser mulher*, anterior à noção de falo ou mesmo da integração da sexualidade feminina na unidade do sujeito psicológico.

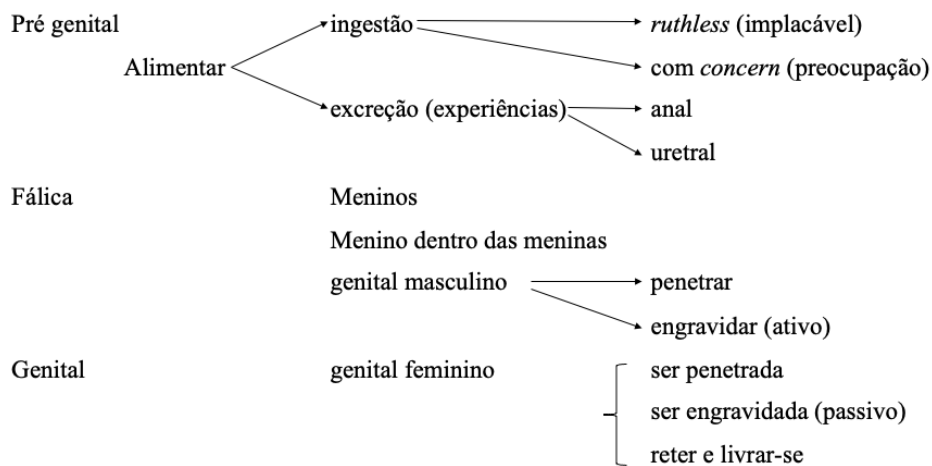
Assim, o elemento feminino puro é aquele não impregnado pelo conceito de mulher; é o feminino ligado ao ser, presente em todos os indivíduos e essencial para a base identitária. Relembrando a citação de parte do poema de Drummond, exposto no início do item 2 deste capítulo: "Onde não há jardim, as flores nascem de um secreto investimento em formas improváveis"; se a *base identitária* não encontrar lugar ou assentamento, os frutos advindos da experiência com o mundo podem ser *negativamente improváveis* e se imporem de forma drástica como uma realidade não-*self*.

4 O estabelecimento da sexualidade feminina

Para Winnicott, as excitações instintuais são parte da vida do bebê desde o início⁸⁹ e deslocam-se ao longo do processo de amadurecimento percorrendo as mais diversas partes do corpo: “[...] a boca, o ânus, o trato urinário, a pele, uma ou mais partes do aparelho genital masculino ou feminino, a mucosa nasal, o aparelho respiratório, a musculatura em geral, ou as axilas e virilhas, suscetíveis a cócegas” (Winnicott, 1988, p. 58).

Conforme o esquema abaixo organizado por Winnicott, verificamos que as excitações pré-genitais estão calcadas nas funções de ingestão (oral) e excreção (anal e uretral); as excitações fálicas estão centradas na presença do falo (genital masculino em evidência), marcando um divisor de águas entre meninos e meninas, dada a constatação anatômica de que apenas os meninos o possuem; e, finalmente, as excitações genitais, em que as fantasias estão fortemente relacionadas aos conceitos: feminino (ser penetrada, ser engravidada, reter e livrar-se); e masculino (penetrar e engravidar), conservando a tese da bissexualidade humana de Freud (1905d), que relaciona o feminino à passividade e o masculino à atividade.

Figura 1 – Quadro do desenvolvimento psicosssexual, segundo Winnicott



Fonte: Winnicott (1988, p. 61)

Nesse esquema, há também o reconhecimento da inveja do pênis como característica da feminilidade: na fase fálica, Winnicott apresenta como possibilidades ser menino e ter o genital masculino (falo) ou ter a ideia de um menino dentro de si, no caso das meninas.

⁸⁹ No item 3 deste capítulo foi possível descrever a base identitária para que o desenvolvimento sexual, que será exposto agora, tenha ancoragem e possa ser integrado às experiências do bebê.

No entanto, observam-se novos desenvolvimentos em relação a Freud: a ingestão está associada à preocupação e aos investimentos implacáveis da instintualidade⁹⁰ e há a indicação de um caminho particular da genitalidade para cada sexo: meninos já prontos em termos genitais na fase fálica e meninas retomando as experiências relacionadas à alimentação (ingestão e excreção) como suporte à elaboração imaginativa da vagina.

Dessa forma, a fase fálica já se configura como uma etapa genital para os meninos e o mesmo não ocorre para as meninas. Quando se fala em retorno às etapas pré-genitais, no caso das meninas, inclui-se a fase fálica e a inveja do pênis como um elemento adicional que se une às experiências de alimentação e excreção em curso desde o início. Para melhor compreensão deste tema, propomos a exposição em quatro etapas: a primeira relacionada às fases pré-genitais de alimentação e excreção, a segunda relacionada à fase pré-genital fálica feminina, a terceira ao complexo de Édipo e a quarta à vivência da genitalidade feminina.

4.1 Retorno às etapas pré-genitais de alimentação e excreção: o início da elaboração imaginativa da vagina

Segundo Winnicott, a elaboração imaginativa da vagina e a inscrição da feminilidade estão diretamente relacionadas ao retorno às fases pré-genitais em relação às funções de alimentação e excreção, bem como às características da relação da menina com a mãe.

Nas meninas, as funções de ingerir e excretar se converterão na capacidade posterior de reter e livrar-se de um bebê por meio do nascimento. A própria ideia de possuir uma vagina (com uma abertura, assim como a boca e o ânus) é de maior apreensão concreta pela menina do que pelo menino, que, apesar de suas experiências pré-genitais orais e anais, não possui essa abertura em seu órgão genital.

⁹⁰ Segundo Roudinesco e Plon (1998), em Freud, há a dualidade pulsional, pulsão de vida e de morte, estando esta última a serviço da destrutividade; em Melanie Klein, há o entendimento de que o dualismo pulsional esteja presente desde a origem, na relação do bebê com o seio, “tanto na vertente do objeto quanto do organismo” (p. 632). Para a autora, o senso de culpa advindo dos ataques feitos ao corpo da mãe são a base do superego. As formulações sobre os ataques destrutivos dirigidos à mãe são o ponto de ligação de Klein a Freud a partir do conceito de pulsão de morte (Klein, 1927). Porém, para Winnicott não seria possível falar de agressividade nesse momento do desenvolvimento emocional em que o que está em jogo é o impulso amoroso primitivo promovido pela vida instintual e não os elementos destrutivos ligados à pulsão de morte. Segundo o autor, “A culpa pelos impulsos amorosos primitivos representa uma conquista do desenvolvimento; ela é grande demais para ser suportada pelo bebê a não ser através de um processo gradual que se segue ao estabelecimento do círculo benigno . . .” (Winnicott, 1988, p. 99). Assim, em Klein, os ataques ao corpo da mãe a partir da agressividade geram culpa; em Winnicott, a vida instintual implacável a partir do o impulso amoroso primitivo e da sobrevivência da mãe gera preocupação.

Winnicott, assim como Melanie Klein (1927), Karen Horney (1933) e Helene Deutsch (1924)⁹¹, reconhece que desde muito cedo a vagina “torna-se ativa e excitável no momento da amamentação e das experiências anais”, sendo que “o funcionamento genital feminino verdadeiro tende a *permanecer oculto* ou até *mesmo secreto*” (p. 64)

A partir da elaboração imaginativa da vagina e da inscrição de sua função ligada à cena sexual e à possibilidade de reter e livrar-se de um bebê, a menina apreende a ideia de que maternidade e feminilidade caminham juntas e ela rapidamente (na saúde) passa a entender sua função de complementaridade (e não falta) em relação ao menino, sua capacidade única de engravidar e ter filhos e sua capacidade para amamentar (equivalente à potência sexual do homem), e tudo isso a partir das experiências iniciais com a mãe.

Nesse sentido, Winnicott está dizendo que, independentemente de uma mulher decidir se tornar mãe ou não, o percurso para o estabelecimento de sua sexualidade, que compreende a elaboração imaginativa das funções orais e anais inicialmente e posteriormente de sua genitalidade, é o caminho a ser percorrido por todas as mulheres saudáveis (inclusive as que decidem que não serão mães).

4.2 As experiências da etapa pré-genital fálica: a inveja do pênis e a existência do macho dentro da menina

Winnicott resume o percurso feminino a partir da fase fálica até a genital da seguinte forma:

Eu tenho um pênis. É claro que vai me crescer um pênis. Eu tive um pênis, estou traumatizada (castigo pela excitação). Posso usar um pênis por procuração, algum macho pode agir por mim. Vou deixar o macho me usar. Desta forma terei um defeito corrigido, mas terei de reconhecer que dependo do macho para estar completa. Desta forma descubro minha genitalidade verdadeira (Winnicott, 1988, p. 63)

Nesse trecho, Winnicott está apontando na direção de Freud, colocando o macho como referência em meninos e meninas e, neste sentido, entende que o estabelecimento da sexualidade feminina é “um caminho mal pavimentado” porque abre para a “oportunidade do desenvolvimento em termos homossexuais” (1988, p. 63).

⁹¹ Faz-se uma ressalva de que, apesar do reconhecimento da vagina, Helene Deutsch esteve mais ligada às ideias da escola de Viena e via na vagina um análogo ao próprio ego da mulher, que sempre assumirá uma posição passiva frente aos homens (será penetrada na relação sexual) para que seja possível atingir a função de ser mãe, o ápice do feminino em sua concepção.

Adicionalmente, menciona a frustração da menina ao presenciar o exibicionismo dos meninos, fazendo com que se sinta inferior – poderá encontrar em seu corpo inteiro uma “correção” para sua inferioridade, bem como poderá encontrar em sua boneca mais um falo do que um bebê. Nesse momento, Winnicott também reforça as ideias já levantadas por Freud (1905d, 1924d) e por alguns pós-freudianos (Ophuijsen, 1917; Stärcke, 1920; Abraham, 1922) em relação às ideias de inferioridade genital presentes na inveja do pênis.

Apesar do alinhamento de Winnicott às ideias freudianas sobre a bissexualidade e a inveja do pênis, o autor relembra que é preciso avançar no que havia sido postulado em relação à mulher ser *sempre* um macho castrado. Para ele, o reconhecimento da inveja do pênis é essencial, mas não o suficiente para explicar como a menina atinge a categoria *mulher*, sendo necessário entender o que ele chamou de “posição depressiva no desenvolvimento emocional”, que diz respeito às fantasias da menina em relação ao próprio corpo e ao corpo da mãe.

Adicionalmente, verifica-se que o autor destaca a identificação e a rivalidade com a mãe, intensificadas no complexo de Édipo feminino. Porém, diferentemente de Klein, que aborda a rivalidade com ênfase aos ataques ao corpo da mãe nas etapas primitivas do desenvolvimento (a partir da posição esquizo-paranóide), Winnicott os localiza no campo das fantasias⁹², em um momento posterior, no estágio de concernimento (o que seria o correlato à posição depressiva de Klein, com algumas modificações), quando o bebê já apresenta a capacidade de lidar com a ambivalência da mãe a partir da instalação do ciclo benigno.

Apenas esclarecendo, em termo gerais, na teoria de Klein, a ideia da ambivalência da mãe difere da proposta por Winnicott: em Klein, a posição depressiva refere-se à possibilidade de estabelecer uma relação ambivalente com um objeto total (a mãe), que pode ser ao mesmo tempo boa e má, diferente da posição esquizo-paranóide, em que há prevalência de relações com objetos parciais – a mãe ou é boa ou é má; em Winnicott, como vimos, a ambivalência se dá inicialmente a partir da relação estabelecida com a mãe-ambiente e com a mãe-objeto, determinando o que Winnicott chamou de ciclo benigno. Assim, para Klein a mãe já é objeto⁹³ desde o início (mesmo que parcial) e para Winnicott a mãe é, antes de tudo, ambiente, para apenas posteriormente tornar-se objeto (objetivamente percebido).

⁹² Segundo a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, a possibilidade de fantasiar faz parte do campo representacional e simbólico, uma conquista no desenvolvimento que não está acessível a um bebê recém-nascido.

⁹³ Objeto parcial que se coloca fora da área de onipotência do bebê, já compreendendo a ideia de mundo interno e mundo externo.

Para Winnicott (1986b), a fixação na ideia da inveja do pênis mostra-se um problema para homens e mulheres, quando se cria a ilusão em massa de que o falo posicionaria sempre os homens acima das mulheres, tornando-os poderosos e as mulheres, inferiores. Na sua concepção, as ideias feministas de sua época (anos 60/70) enfatizam essa condição e não entendem o desenvolvimento genital feminino de maneira mais ampla, com suas especificidades.

4.3 O complexo de Édipo feminino e a preparação para a genitalidade

Sobre a questão edípica, Winnicott dá preferência por chamá-la de relação de três corpos, evidenciando que, para que ocorra, é preciso que existam três pessoas inteiras em relação, não apenas para o observador, mas especialmente para a própria criança - e não entre duas pessoas inteiras e um terceiro objeto parcial internalizado⁹⁴.

Para Winnicott, são relativamente evidentes as diferenças relacionadas às fantasias existentes nas fases fálica e genital. Na primeira, as relações triangulares tornam-se o expoente a partir do exibicionismo do falo por meio da ereção (no menino) e de ter um macho dentro de si (na menina) contribuindo para a fantasia de ser potente e poder penetrar a pessoa amada (a mãe), exercendo função atuante na disputa triangular tendo o pai como rival. Na fase genital, tanto o menino quanto a menina têm que inicialmente lidar com a impossibilidade de concretizar essa fantasia devido à crescente angústia de castração (que é preponderante nos meninos).

Dessa forma, a criança retira-se da cena primária ao descobrir que representa o terceiro elemento em uma relação já previamente estabelecida entre o pai e a mãe. “A cena primária (os pais sexualmente juntos) é a base da estabilidade do indivíduo, por permitir que exista o sonho de tomar o lugar de um dos pais” (Winnicott, 1988, p. 77). Portanto, dar-se conta de que quem chegou por último é ela (a criança) e não o genitor rival seria a resolução satisfatória das relações triangulares, até que, após um período de latência, a potência sexual adormecida é retomada na adolescência com a possibilidade fisiológica (fertilidade) e real de atingir a genitalidade de forma plena.

Nesse sentido, Winnicott diz que “O medo à castração pelo genitor rival torna-se uma alternativa bem vinda para a angústia da impotência” (Winnicott, 1988, p. 62), ou seja, a

⁹⁴ Neste trecho, há rastros de uma crítica em relação à formulação kleiniana de complexo de Édipo arcaico.

impossibilidade do menino de concretizar a cena erótica com a mãe, e da menina, com o pai, é melhor acomodada quando se dão conta que essa impossibilidade é determinada pela presença de um rival que já o fez e não porque seja impotente.

É nesse sentido que Winnicott diz que tanto a menina quanto o menino desenvolvem aspectos homossexuais com o rival da cena primária e dessa forma encontram uma solução menos angustiante para suas fantasias, com a possibilidade de vivê-las por procuração – o pai (ou a mãe) pode concretizar as fantasias sexuais da criança agora, ocupando seu lugar, para que mais tarde a criança possa fazer uso dessa potência internalizada com outros objetos sexuais. Esse aspecto homossexual não é sinônimo de homossexualidade a posteriori na fase genital e sim uma característica referente à capacidade de identificar-se com o genitor rival - existe um fascínio pelo rival por querer ser como ele e ter a mesma possibilidade de estabelecer futuramente uma relação afetivo-sexual satisfatória. A criança, desta forma, percebe que é filho (ou filha), fruto de uma relação entre seu pai e sua mãe, e na saúde tenderá a repetir essa configuração.

No caso das meninas, Winnicott se indaga do valor da denominação Complexo de Electra (em diálogo com Jung) com a seguinte pergunta:

Ele é apresentado para ilustrar a sexualidade feminina que se desenvolve num estilo masculino, com a inveja do pênis e o complexo de castração como termos centrais, ou para descrever aquela que se desenvolve mais diretamente a partir da identificação e da rivalidade com a mãe e da elaboração imaginativa da função do órgão genital especificamente feminino? (Winnicott, 1988, p. 67)

Apesar de algumas convergências com o pensamento de Freud, esse questionamento do autor, bem como os comentários que faz posteriormente no mesmo texto, expressam seu entendimento de que o percurso da sexualidade é específico para cada sexo, havendo um caminho positivamente feminino no complexo de Édipo (mesmo que seja invertido), com suas idiosincrasias.

Assim, as questões com a feminilidade em uma menina podem despontar no Édipo (e não serem causadas por ele necessariamente), em que os conflitos gerados pela triangulação são um termômetro indicando quão bem pavimentado foi o caminho até então. É preciso poder identificar o pênis como algo preponderante e invejá-lo para depois reconhecê-lo como não-feminino e assim retomar o percurso que leva à vagina, reencontrando o caminho em direção à feminilidade.

Nessa passagem, a vivência da sexualidade feminina é possível se a mãe permite que a menina se identifique com ela (com que o que há dentro do corpo dela e que um dia estará dentro do corpo da própria menina), a veja como rival (aquela que suporta suas fantasias e ataques) e, na sequência, entenda que o pai é da mãe, livrando-a para a vivência de sua potência sexual na fase genital.

Porém, se sabemos que o ciclo benigno vivido entre bebê e ambiente é um marco na possibilidade de viver as excitações sexuais como próprias, pode-se supor que a virada entre a inveja do pênis (aspecto negativo em ser mulher) e o reencontro com a vagina (aspecto positivo em ser mulher) devem ser muito prejudicados quando uma menina encontra na cena edípica uma mãe com a qual ainda estabelece relações parciais (em termos kleinianos) ou que não sobrevive aos impulsos da instintualidade e das relações de amor e ódio.

Para ilustrar este tema, serão apresentadas duas vinhetas clínicas de pacientes que apresentam questões neste ponto: serão chamadas de Joana e Jussara, respectivamente.

Joana desde muito cedo foi induzida por seus pais a ser a boa menina: comportada e educada. Já seu irmão, podia tudo: corria livre pela rua, brincava do que queria e não tinha um bom rendimento escolar. Sua mãe, estilista de moda, sempre a repreendia por estar fora do peso - Joana puxou à família do pai, cujos membros sofriam com a obesidade. A questão com o corpo se tornou um martírio para Joana, principalmente na adolescência: fez regimes radicais e se privou de muita coisa para ser aceita pela mãe. Não conseguiu. Na fase de vestibular, prestou para economia e passou (a mesma profissão do pai). Na faculdade, encontrou mais homens que mulheres e passou a admirá-los cada vez mais, ao mesmo tempo em que seu retraimento em relação ao corpo foi aumentando. Queria ser como eles e não desejada por eles. Em análise, chegou à conclusão que passou um bom tempo de sua vida achando que ser homem era bem melhor.

Jussara é uma mulher muito vaidosa e bonita. Por estas características, sempre foi vista pelo pai como a filha preferida. Porém, sua mãe sempre a tratou de maneira distante: não havia demonstrações afetuosas de carinho como abraços ou palavras ternas, mas ficava subentendido que algum cuidado havia. Sua mãe se preocupava com as tarefas e com os aspectos práticos da maternidade: fornecia refeições no horário, levava na escola, repreendia atitudes erradas, fornecia estrutura financeira. Desde criança Jussara sentia que sua presença física despertava reações em sua mãe que perduram até hoje: quando alguém diz que Jussara é bonita, a mãe retruca dizendo que um dia ela vai ficar feia e velha; quando Jussara muda-se para uma casa maior, a mãe a visita e faz comentários de depreciação da casa. A estas atitudes, alternam-se comportamentos amigáveis da mãe, principalmente pelo telefone. Mas,

se o convívio aumenta, sua mãe passa a criticá-la com frequência, principalmente em situações em que Jussara mostra emancipação em relação a ela. Em análise, Jussara se dá conta que tem medo das mulheres e facilidade em lidar com homens, vistos como mais confiáveis. Por vezes, refere-se a si mesma dizendo que precisa domar o leão que existe dentro dela e não a leoa.

Apesar de não ser a pretensão fazer uma análise detalhada sobre os dois casos clínicos, com essas vinhetas, percebe-se que a inveja do pênis pode se tornar um importante obstáculo a ser vencido a depender de inúmeros fatores, destacando-se as relações iniciais com a mãe, que trazem elementos residuais para a inscrição da feminilidade. Joana tenta apagar sua feminilidade (e como consequência a si mesma) ao se adequar ao mundo dos homens e ser como eles, porque não tem o corpo adequado para ser mulher – está fora de forma. Jussara nunca chega à altura das exigências da mãe e a feminilidade a amedronta. Permanece em um vínculo tantalizante⁹⁵ com a mãe. Ambas apresentam aspectos femininos e masculinos cindidos.

Dessa forma, a partir das ideias de Winnicott e das análises apresentadas neste trabalho, pode-se dizer que a sexualidade feminina não é redutível ao complexo de Édipo e à inveja do pênis e, como vimos, já está em curso desde os estágios iniciais de desenvolvimento.

4.4 A vivência da genitalidade feminina

Com a integração das forças instintuais possibilitada pela resolução dos conflitos edípicos, há, na sequência, a fase de latência, em que essas forças ficam adormecidas para serem retomadas na adolescência. Conforme já apresentado anteriormente, na adolescência as forças instintuais, que na fase edípica foram vividas na fantasia de possuir o genitor (pai ou mãe) na cena amorosa, são retomadas em forma de potência sexual, já que agora, com os desenvolvimentos biológicos, é possível de fato ter força física para machucar, matar ou mesmo copular e engravidar.

⁹⁵ Este termo foi cunhado por David E. Zimmerman e se refere às relações que são caracterizadas por domínio, apoderamento e sedução. Nessa estrutura, há uma paralização no desenvolvimento da relação de forma que o dominado parece estar sempre prestes a obter o amor do outro, mas ele sempre o escapa. É com frequência observado nas relações amorosas, mas aplica-se também à relação entre pais e filhos, como o observado em Jussara.

Se antes a criança podia odiar e amar seus pais e ter fantasias a respeito disso tendo-os como referência, agora irá revisitar as vivências familiares para matar simbolicamente seus pais da infância e ocupar o lugar de substituto ou substituta de seu papel na vida adulta. Não será preciso mais viver as fantasias sexuais por procuração, mas pela criação e apropriação de um lugar no mundo que receba a potência sexual em curso.

No caso da menina, as experiências de amor e ódio vividas com a mãe na fase de concernimento serão retomadas e o tornar-se mulher será também a partir da identificação e da rivalidade com a mãe. Nesse momento da vida, ser como a mãe e as outras mulheres é ter a capacidade real de engravidar. Pela relação com elas, acontece a elaboração imaginativa dessas novas funções corporais ligadas à maternidade e, portanto, aspectos ligados à feminilidade e as relações de cuidado são intensificados. Nessa fase, dependendo de como foram as relações iniciais com a mãe, a rivalidade pode ser preponderante e impeditiva para a conquista da feminilidade, inculcando em problemas com a elaboração imaginativa de partes do corpo feminino ou mesmo em persecutoriedade em relação à possibilidade de ser mulher.

Assim, é lançada a ideia da feminilidade que é transmitida pela mãe à menina. Para além das questões corporais mencionadas, nessa passagem geracional, a transmissão da noção de cuidar e ser cuidada é permitida pela existência permanente de um trio de mulheres, conforme propõe Winnicott: a bebê-menina, a mulher-mãe (noiva de véu e grinalda) e a mãe da mãe (uma mulher idosa). Ou seja, a mulher cuida de seu bebê (e das pessoas em geral) da mesma forma como foi cuidada por sua mãe, de modo que a avó e a bebê-menina possam se encontrar na arena constituinte dos cuidados⁹⁶. E o mesmo não ocorreria com os meninos, que não entrariam na linhagem de cuidados e seriam sempre unos.

Por outro lado, Winnicott aponta que a feminilidade é fundamental também nos meninos, sendo balizada por influências hereditárias, ambientais e culturais mais amplas, havendo duas formas de identificação do menino com a mulher: quanto à sua genitalidade e quanto ao seu papel de mãe. A identificação com o papel de mãe, segundo o autor, é mais tolerável e mais aceita socialmente porque está mais ligada à fantasia, enquanto a referente à genitalidade, mais ligada às funções corporais e assim mais problemática. Em nota de rodapé definida como “nota para revisão”, Winnicott menciona o problema do deslocamento, no menino, do erotismo oral para o ânus no que ele chamou de homossexualidade manifesta,

⁹⁶ Apesar desta menção estar presente apenas em nota de rodapé no livro *Natureza Humana*, a transmissão geracional de mãe para filha apontada pelo autor parece reforçar a possibilidade de acesso à feminilidade.

diferente da “homossexualidade normal”, em que esta passagem ocorreria de maneira natural, seguindo depois para as etapas genitais (fálica e genital propriamente dita).

Do ponto de vista da identificação com a mãe, ainda há outros fatores que compõem a trama da feminilidade: a comunicação e a capacidade de identificação cruzada. Esses dois aspectos levam em conta a não invasão, por parte da mãe, do espaço vivencial da menina e a possibilidade da mãe também se identificar com a filha. Isso porque a própria elaboração imaginativa da vagina (órgão interno) e a capacidade de engravidar (guardar um bebê dentro de si) são importantes para a vivência do mundo interno da menina assim como manter sua vida pessoal em segredo, sem sofrer invasões constantes da mãe. Se isso é possível, a adolescente conquista confiança a partir da vivência de sua feminilidade e sente que carrega dentro de si coisas boas que podem ser acessadas sem a sensação de ter sido violada.

Em termos de identificação cruzada, além da identificação com outras mulheres, há a identificação com os meninos, importante para que as questões ligadas à bissexualidade identitária sejam acomodadas. É preciso que a menina possa integrar em sua personalidade os aspectos masculinos a partir da ideia de que os meninos poderão por sua natureza viver por ela esses aspectos, pelo simples fato de serem homens. De outro modo, a adolescente pode usar o homem para que sua feminilidade siga em curso e a relação sexual é um dos meios para isso (não apenas). Quando ela usa os homens ela se livra da possibilidade de tornar-se um deles e não precisa viver os elementos masculinos de maneira cindida.

Dessa forma, as relações amorosas apenas se estabelecem de maneira madura se cada integrante do casal em questão, independente da orientação sexual, puder usar o outro nesse sentido específico, compondo uma dupla-identificação, diferente da disputa de poder (fixação fálica). Essa seria a feminilidade madura, vivida na vida adulta.

5 Considerações finais

A forma como Winnicott descreveu as modalidades de relação com o ambiente ampliou o entendimento da clínica para além de fases psicosexuais, como descreveu Freud, ou mesmo da dinâmica das posições esquizo-paranóide e depressiva, propostas por Klein, fornecendo elementos mais amplos para entender o que poderia ser descrito pela sentença: “Eu sou mulher”.

Nesse cenário, a base identitária pessoal é consequência da integração do elemento feminino puro ao masculino puro, culminando na possibilidade de estabelecer uma relação de

ambivalência com a mãe como pessoal total, a partir da mãe-ambiente e da mãe-objeto. São essas experiências relacionais a base das relações duais (bebê e objeto) e das relações entre três corpos descritas no complexo de Édipo (criança e objetos – três pessoas inteiras).

Na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott não há desmerecimento da sexualidade; ela é tangenciada pelas relações primordiais do bebê com o ambiente e incorporada na dinâmica psíquica, quando a mãe se torna objeto. Nota-se, inclusive, que, ao descrever as etapas pré-genitais e genitais para tratar do tema da sexualidade, Winnicott retoma desenvolvimentos já feitos por Freud, recorrendo à tese da bissexualidade freudiana, em que a posição de atividade está para o masculino assim como a passividade está para o feminino, além de inspirar-se nos desenvolvimentos feitos por seus antecessores da escola de Londres em relação às fases oral e fálica.

Finalmente, a partir do que postulou Winnicott em complemento a desenvolvimentos já em curso na psicanálise, para compreender a complexa trama da identidade feminina é preciso entender todos os tipos de dependência vividos ao longo da vida, que forneceriam a base para o assentamento identitário e para a posterior integração da sexualidade feminina, desenvolvida diretamente a partir da identificação e da rivalidade com a mãe e da elaboração imaginativa da função do órgão genital especificamente feminino, a vagina.

A partir dos escritos de Winnicott e de desenvolvimentos próprios deste trabalho, verifica-se que a inveja do pênis, quando aparece como aspecto norteador da construção do *ser mulher*, está relacionada à impossibilidade de viver uma relação ambivalente com a mãe, que assim expulsa a menina do campo da feminilidade, tornando-o distante e, por vezes, inacessível. A inveja do seio é, assim, anterior à inveja do pênis.

Esse distanciamento pode ser ainda mais determinante na adolescência, momento em que a potência sexual entra em curso e outras questões ligadas ao corpo da mulher são elaboradas, tendo como elemento principal a possibilidade de engravidar.

Nessa difícil trama, a identificação e rivalidade com a mãe ganham novos significados, de forma que a vivência da feminilidade dependerá do quanto a mãe também se identifica com sua filha e permite que seu mundo interno não seja violado, respeitando suas descobertas em relação a si mesma e ao próprio corpo.

Como vimos, nos casos clínicos apresentados não há homossexualidade, mas uma cisão entre os aspectos femininos e masculinos a partir da falta de uma relação de intimidade com a mãe. Esse distanciamento trouxe complicações na elaboração imaginativa das funções corporais ligadas à feminilidade, bem como à visão sobre a posição que a mulher ocupa na cultura, dificultando a identificação cruzada com os homens.

Capítulo 5. Análise histórico-crítica das referências de Winnicott à identidade feminina

O presente capítulo apresentará, a partir das referências que Winnicott faz à mulher e ao feminino, quais são os desenvolvimentos teórico-clínicos que foram realizados a partir destes termos e suas implicações para conceitos derivados, como elemento feminino puro, identidade feminina, *self* feminino e sexualidade feminina. Neste percurso, notou-se o interesse crescente do autor, a partir dos anos 40, em destrinchar as relações iniciais do bebê com o ambiente, a partir da ideia de lar comum e da função de maternagem; por volta dos anos 60, o foco na relação com a mãe levou à base da identidade e à importância de olhar para as relações iniciais não apenas em termos de relações de objetos⁹⁷ (elemento masculino puro), mas também pela ótica do ser (elemento feminino puro), bases para o estabelecimento da identidade pessoal.

Para a realização dessa análise foram utilizadas as versões digitalizadas e em inglês das principais obras de Winnicott, conforme ano de publicação indicado pelos editores:

Tabela 2 - Lista de livros consultados

	Ano de publicação ⁹⁸	Título ⁹⁹
1	1965	<i>The Maturation Process and the Facilitating Environment</i>
2	1975	<i>Through Paediatrics to Psycho-analysis</i>
3	1987	<i>The spontaneous gesture: selected letters</i>
4	1988	<i>Human Nature</i>
5	1990	<i>Home is where we start from</i>
6	1992	<i>The child, the family and the outside world</i>
7	1997	<i>Thinking about children</i>
8	2005	<i>Playing and Reality</i>
9	2011	<i>Deprivation and delinquency</i>
10	2018	<i>Psycho-Analytic Explorations</i>

Fonte: Livros digitalizados disponíveis para consulta

⁹⁷ A expressão “relações de objeto” está sendo utilizada neste capítulo para designar as relações com o objeto objetivamente percebido.

⁹⁸ Estes são os anos em que as obras consultadas foram publicadas. A maioria dos livros é uma coletânea de artigos, palestras e comunicações radiofônicas do autor. Como forma de obter uma análise mais fidedigna à ordem cronológica optou-se por utilizar o ano de publicação de cada comunicação. As exceções são os livros 4, 6 e 8, que foram analisados, em termos cronológicos, pelo ano da primeira publicação da obra.

⁹⁹ Há sobreposição de artigos que aparecem em mais de uma obra.

Os termos foram encontrados a partir da função “busca” das versões digitalizadas dos livros e não via índice remissivo, propiciando a descoberta de categorias e temas para além dos já catalogados.

Assim, para uma análise geral sobre os comentários de Winnicott em relação ao tema-conceito, foram buscados os seguintes termos nas obras consultadas: *woman*¹⁰⁰, *female*, *female sexuality*, *pure female element* e *female identity* (ou *female self*¹⁰¹ ou *girl self*). Como análise adicional, o termo *identity* também foi incorporado nas análises por se mostrar relacionado diretamente ao termo *pure female element*.

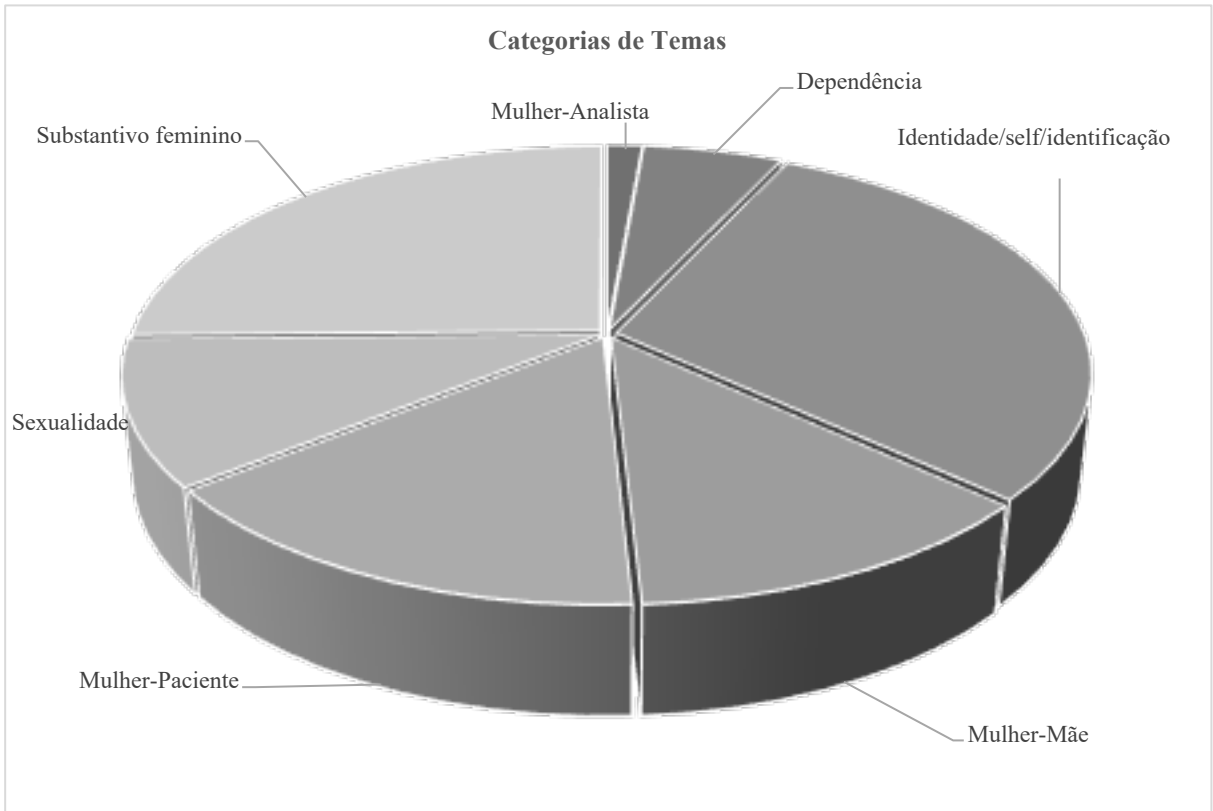
Os termos *woman* e *female*, pela própria abrangência de significados, foram os que trouxeram mais referências e comentários do autor. Na sequência, os termos *pure female element* e *female identity*, de significados mais específicos, foram analisados separadamente por aparecerem de forma destacada, trazendo contribuições próprias de Winnicott à teoria psicanalítica. Já o termo *female sexuality* não se mostrou de relevância na obra, quando comparado aos outros termos específicos.

Foram encontradas 376 (trezentos e setenta e seis) referências do autor e estas foram classificadas em 18 (dezoito) temas e, por sua vez, em 7 (sete) categorias, conforme segue:

¹⁰⁰ Os termos serão citados em inglês para que o leitor tenha acesso às expressões tais como foram buscadas na obra e mencionadas pelo próprio autor na língua original.

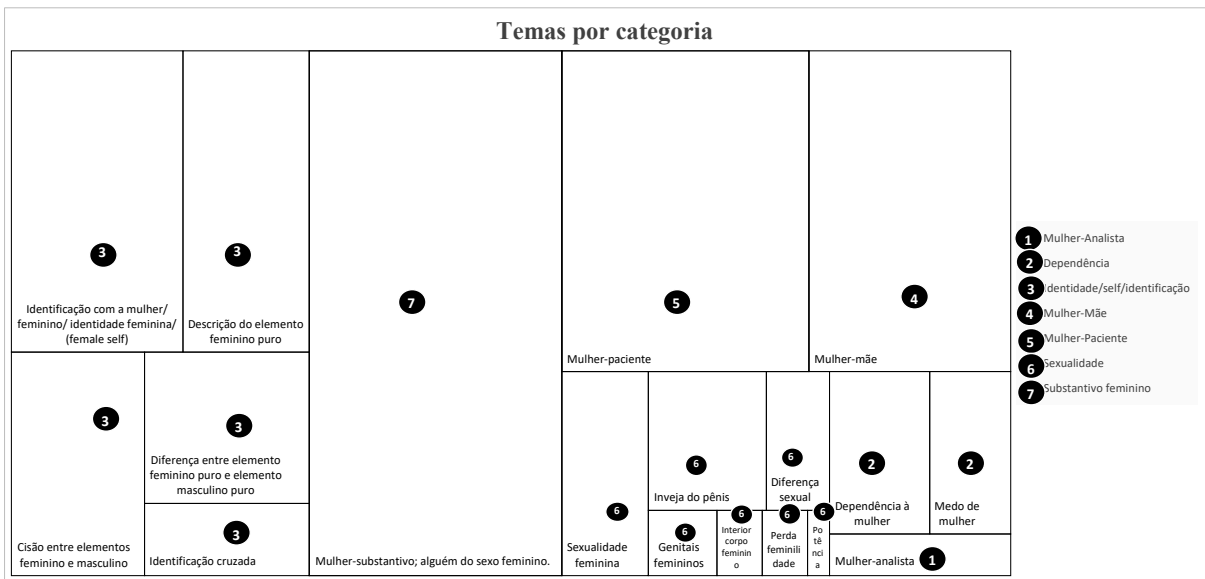
¹⁰¹ Para esta análise, preferimos manter o termo *self*, sem traduzi-lo para eu, conforme sugere a tradução comum, por ter um sentido específico na obra do autor. Verifica-se, em algumas passagens dos textos de Winnicott, que há certa confusão entre os termos *self* e ego, cujo sentido se diferencia do conceito de ego proposto pela metapsicologia freudiana. Para mais aprofundamento sobre o tema, recomenda-se a leitura do texto “Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott”, de Fulgencio (2014), publicado em *Estilos da Clínica*.

Gráfico 1 - Categorias de temas



Fonte: Análise de dados das obras consultadas.

Gráfico 2 - Temas hierarquizados conforme incidência



Fonte: Análise de dados das obras consultadas.

Ainda que esta não seja uma análise quantitativa de informações, optou-se por organizá-las em gráficos como forma de guiar os leitores à compreensão da análise.

Nota-se, assim, que a contribuição mais significativa do autor ao tema do feminino e da mulher é “identidade/ *self*/ identificação”, em que se encontram os temas: descrição do elemento feminino puro, diferença entre elemento feminino puro e elemento masculino puro, cisão entre elementos feminino e masculino, identificação com a mulher/ feminino/ identidade feminina/ (*female self*) e identificação cruzada.

Adicionalmente, as categorias “mulher-mãe” e “dependência”, juntas, mostram-se também significativas, destacando a importância da função materna na obra do autor. No tema dependência, Winnicott traz contribuições específicas sobre como a relação inicial com a mãe é um fator de incômodo a todos os indivíduos, podendo levar ao medo da mulher. Nesse contexto, a palavra mulher é sinônimo de dependência.

Já a categoria denominada substantivo feminino, que aparece com alta incidência, é de pouca contribuição específica, aparecendo na obra apenas para referir-se a alguém do sexo feminino, sem relevância teórico-clínica sobre o tema estudado.

Nota-se que os temas amplamente discutidos por Freud e seus primeiros interlocutores em relação à mulher e ao feminino, que se encontram na categoria sexualidade (diferença sexual, inveja do pênis, interior do corpo feminino, genitais femininos e sexualidade feminina), são de menor incidência na obra de Winnicott, quando comparados aos conceitos de maior destaque.

A seguir, os termos serão analisados histórica e criticamente.

1 Análise histórico-crítica¹⁰²

Os textos analisados estão compreendidos entre 1931 até 1988, incluindo publicações póstumas (após 1971).

Para uma melhor compreensão, a análise foi dividida em quatro partes: de 1930 a 1939; de 1940 a 1949; de 1950 a 1959; e a partir de 1960. Essa divisão foi realizada com o intuito de identificar momentos distintos da produção do autor, permitindo a verificação de períodos de mais contribuições sobre o tema-conceito.

¹⁰² Todas as citações diretas deste capítulo contêm tradução nossa.

De maneira geral, verificou-se que, conforme a passagem de um período para outro, houve uma crescente preocupação do autor com o tema, de forma que o primeiro período é o de menor produção e o último, o de maior produção, o que parece estar diretamente relacionado à entrada do autor ao campo psicanalítico e às crescentes contribuições que foram desenvolvidas ao longo de seu percurso como psicanalista.

1.1 Período 1(1930-1939): tornando-se psicanalista

Esse é o período inicial das produções de Winnicott e compreende o momento de sua entrada no campo psicanalítico. Dessa forma, sua contribuição ainda é incipiente e seus comentários sobre o tema referem-se, em sua maioria, a pacientes mulheres ou a citações gerais sobre a mulher, sem nenhuma contribuição específica para o campo de análise.

1.2 Período 2 (1940-1949): olhando para a mãe

Nesse período, ainda de poucas produções sobre o tema, já aparece o interesse do autor pela mulher a partir da função materna¹⁰³, com destaque para o biênio 1948 e 1949.

Os médicos dificultam muito o início do bom desempenho das mães nessa função, uma das mais importantes que devem desempenhar. Frequentemente, é muito difícil para uma mulher, ao se preparar para ter um bebê, ter certeza de que poderá chegar a um acordo com seu filho após o nascimento, do seu próprio jeito, que é o jeito do bebê. [grifos nossos] (Winnicott, 1958a, p. 164)¹⁰⁴

O núcleo conceitual da identificação da mãe com o bebê e do objeto subjetivo já está apontado nessa citação, bem como o destaque da maternidade como uma das funções mais importantes desempenhadas por uma mulher, segundo o autor.

¹⁰³ Buscou-se as palavras *female* e *woman*, e não *mother*. Esta última é certamente de grande incidência na obra do autor, mas não é o tema específico deste trabalho. Nas análises, a função materna será analisada a partir dos desenvolvimentos do autor sobre o feminino e a mulher, e não por ela mesma.

¹⁰⁴ Doctors have made it very difficult for mothers to start off well in this function, one of the most important they have to perform. It is often very difficult for a woman, when preparing to have a baby, to be sure that she will be allowed to come to terms with her infant after birth in her own way, which is the infant's way.

1.3 Período 3 (1950-1959): a mãe do lar comum e a identificação com o feminino

O triênio de 1957 a 1959 é o mais importante deste período em que o foco passa a ser ressaltar a função materna como relacionada diretamente à mulher. Destaca-se aqui o livro *The child, the family and the outside world*, que contém todas as contribuições sobre a função materna no período analisado e reúne uma série de transmissões de rádio feitas pelo autor, direcionadas às mães.

Os temas apresentados destacam a importância da função materna para o desenvolvimento emocional, enfatizando aspectos que se tornariam conceitos importantes na obra do autor: a maternidade como “enriquecimento” de experiências para homens e mulheres; a introdução da realidade externa a partir da mãe e da capacidade “fornecida” ao bebê de ter a ilusão de ter criado o que precisava no mundo; as condições essenciais para que a mulher exerça o papel de mãe (mudanças na vida da mulher a partir do momento que decide ser mãe); o papel social da família, sendo o berço do tecido social; e a distinção entre os papéis exercidos por homens e mulheres no lar e na sociedade, nesse contexto específico.

Sobre a função materna, já aparecem como base as ideias por trás dos conceitos de mãe suficientemente boa e a preocupação materna primária:

Não é essa *contribuição da mãe devotada* não reconhecida, precisamente porque é imensa? Se essa contribuição for aceita, segue-se que todo homem ou mulher é saudável, todo homem ou mulher que tem a sensação de ser uma pessoa no mundo, e para quem o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz está em dívida *infinita com uma mulher*. Na época em que, quando criança (homem ou mulher), essa pessoa nada sabia sobre dependência, havia dependência absoluta. [grifos nossos] (Winnicott, 1957o, p. 153)¹⁰⁵

Mil vezes antes do desmame, um bebê pode receber uma *introdução particular à realidade externa por uma mulher, a mãe*. Mil vezes existiu a sensação de que o que era desejado foi criado e foi encontrado o que estava lá. A partir disso, desenvolve-se a crença de que o mundo pode conter o que é desejado e necessário, com o resultado de que o bebê tem esperança de que haja uma relação viva entre a realidade interna e a realidade externa, entre a criatividade primária inata e o mundo em geral que é compartilhado com todos. [grifos nossos] (Winnicott, 1947b, p. 90)¹⁰⁶

¹⁰⁵ Is not this contribution of the devoted mother unrecognized precisely because it is immense? If this contribution is accepted, it follows that every man or woman who is sane, every man or woman who has the feeling of being a person in the world, and for whom the world means something, every happy person, is in infinite debt to a woman. At the time when as an infant (male or female) this person knew nothing about dependence, there was absolute dependence.

¹⁰⁶ A thousand times before weaning a baby may be given just this particular introduction to external reality by one woman, the mother. A thousand times the feeling has existed that what was wanted was created, and was

O bebê fica triste às vezes, como na hora do desmame, porque as circunstâncias fizeram a raiva surgir e estragar algo que era bom. Nos sonhos do bebê, os seios não são mais bons, foram odiados e agora são considerados ruins, até perigosos. É por isso que há um lugar para a mulher má nos contos de fadas que dá maçãs envenenadas. Para o bebê recém-desmamado, é a mãe realmente boa cujos seios ficaram ruins e, portanto, deve haver tempo para a recuperação e o reajuste. Mas *uma boa mãe comum* não se esquiva nem mesmo disso. Frequentemente, nas vinte e quatro horas, ela tem que ser a mãe ruim por alguns minutos e se acostuma com isso. Com o tempo, ela é vista como a boa mãe novamente. Por fim, a criança cresce e passa a conhecê-la como ela realmente é, *nem ideal nem feiticeira*. [grifos nossos] (Winnicott, 1947b, p. 84)¹⁰⁷

Em relação aos papéis sociais de homens e mulheres, destacam-se as declarações de Winnicott sobre a importância da função materna como atribuição da mulher, além do papel do ambiente estendido, do qual o pai faria parte:

E então havia momentos especiais em que você fazia coisas definidas, alimentando, dando banho, trocando papel umedecido e acariciando. Às vezes, a urina escorria pelo seu avental ou entrava direto e ensopava você, se você mesmo tivesse deixado escapar e não se importasse. *Na verdade, por essas coisas, você poderia saber que era uma mulher e uma mãe devotada comum*. [grifos nossos] (Winnicott, 1957n, p. 16)¹⁰⁸

A vida de uma mulher muda de várias maneiras quando ela concebe um filho. Até este ponto ela pode ter sido uma pessoa de interesses amplos, talvez nos negócios, ou uma política afiada, ou uma jogadora de tênis entusiasta, ou alguém que sempre esteve pronto para uma dança ou um "fazer". Ela pode ter tido a tendência de desprezar a vida relativamente restrita de amigos que tiveram um filho, fazendo comentários rudes sobre sua semelhança com vegetais. Ela pode ter se sentido repelida por detalhes técnicos como lavar e arejar guardanapos. *Se ela se interessou por crianças, pode-se dizer que seu*

found to be there. From this develops a belief that the world can contain what is wanted and needed, with the result that the baby has hope that there is a live relationship between inner reality and external reality, between innate primary creativity and the world at large which is shared by all.

¹⁰⁷ The baby is sad at times like the weaning-time because circumstances have made anger come and spoil something that was good. In the baby's dreams the breasts are no longer good, they have been hated, and so now they are felt to be bad, even dangerous. That is why there is a place for the wicked woman in the fairy stories who gives poisoned apples. For the newly-weaned infant it is the really good mother whose breasts have become bad, and so there has to be time allowed for recovery and readjustment. But an ordinary good mother does not shirk even this. Often in the twenty-four hours she has to be the bad mother for a few minutes, and she gets used to this. In time she is seen as the good mother again. Eventually the child grows up and gets to know her just as she really is, neither ideal nor indeed a witch.

¹⁰⁸ And then there were special times when you did definite things, feeding, bathing, changing napkins, and cuddling. Sometimes the urine trickled down your apron or went right through and soaked you aa if you yourself had let slip, and you didn't mind. In fact, by these things, you could have known that you were a woman, and an ordinary devoted mother.

interesse foi mais sentimental do que prático. Mas, mais cedo ou mais tarde, ela mesma engravida. [grifos nossos] (Winnicott, 1945a, p. 19)¹⁰⁹

Então, aqui está você com todos os seus ovos em uma cesta. O que você vai fazer a respeito? Bem, divirta-se! Desfrute por ser considerada importante. *Desfrute por deixar as outras pessoas cuidarem do mundo enquanto você produz um novo membro para ele.* Desfrute de ser transformada e quase apaixonada por si mesma - o bebê é quase parte de você. *Aproveite a maneira como seu homem se sente responsável pelo seu bem-estar e pelo seu bebê.* Divirta-se descobrindo coisas novas sobre você. Desfrute de ter mais direito do que nunca para fazer apenas o que você acha que é bom. Desfrute de ser irritada com o bebê quando os choros e gritos impedem a aceitação do leite com o qual você deseja ser generosa. *Desfrute de todos os tipos de sentimentos femininos que você nem consegue começar a explicar a um homem. Em particular, sei que você vai gostar dos sinais que vão surgindo aos poucos de que o bebê é uma pessoa e de que você é reconhecida como pessoa pelo bebê.* [grifos nossos] (Winnicott, 1945a, p. 26)¹¹⁰

A segunda coisa, como eu disse, é que o pai é necessário para dar apoio moral à mãe, para ser o respaldo de sua autoridade, para ser o ser humano que defende a lei e a ordem que a mãe planta na vida do filho. Ele não precisa estar lá o tempo todo para fazer isso, mas tem que aparecer com frequência suficiente para que a criança sinta que ela é real e viva. *Grande parte da organização da vida de uma criança deve ser feita pela mãe, e as crianças gostam de sentir que a mãe pode cuidar da casa quando o pai não está realmente nela.* Na verdade, toda mulher deve ser capaz de falar e agir com autoridade; *mas se ela tem que ser a coisa toda, e tem que fornecer todo o elemento forte ou estrito na vida de seus filhos, bem como o amor, ela carrega um grande fardo de fato. Além disso, é muito mais fácil para os filhos poderem ter dois pais; pode-se sentir que um dos pais continua amando enquanto o outro é odiado, e isso por si só tem uma influência estabilizadora.* Às vezes, você vê uma criança batendo ou chutando a mãe e sente que, se o marido a estivesse apoiando, a criança provavelmente iria querer chutá-la e, muito provavelmente, nem tentaria. *De vez em quando, a criança vai odiar alguém, e*

¹⁰⁹ A woman's life changes in many ways when she conceives a child. Up to this point she may have been a person of wide interests, perhaps in business, or a keen politician, or an enthusiastic tennis player, or one who has always been ready for a dance or a "do". She may have tended to despise the relatively restricted lives of friends who have had a child, making rude remarks about their resemblance to vegetables. She may have been actually repelled by such technical details as the washing and airing of napkins. If she has been interested in children, her interest can be said to have been sentimental rather than practical. But sooner or later she herself becomes pregnant.

¹¹⁰ So here you are with all your eggs in one basket. What are you going to do about it? Well, enjoy yourself! Enjoy being thought important. Enjoy letting other people look after the world while you are producing a new one of its members. Enjoy being turned-in and almost in love with yourself, the baby is so nearly part of you. Enjoy the way in which your man feels responsible for the welfare of you and your baby. Enjoy finding out new things about yourself. Enjoy having more right than you have ever had before to do just what you feel is good. Enjoy being annoyed with the baby when cries and yells prevent acceptance of the milk that you long to be generous with. Enjoy all sorts of womanly feelings that you cannot even start to explain to a man. Particularly, I know you will enjoy the signs that gradually appear that the baby is a person, and that you are recognized as a person by the baby.

se o pai não estiver lá para lhe dizer por onde começar, ela odiará sua mãe, e isso o deixará confuso, porque é sua mãe que ele ama mais profundamente. [grifos nossos] (Winnicott, 1945i, p. 115)¹¹¹

Felizmente, as pessoas que estão apaixonadas muitas vezes acham possível deixar seus "acordos" se sobreporem até certo ponto, por um tempo, então isso está certo por um tempo; e uma saída para a dificuldade é concordar, talvez sem que nada seja dito de fato, que *a mulher dirige a casa à sua maneira, enquanto o homem faz o que quer no trabalho. Todo mundo sabe que a casa do inglês é o castelo de sua esposa. E em sua casa o homem gosta de ver sua esposa no comando, identificada com o lar. Infelizmente, muitas vezes o homem não tem nada em seu trabalho que corresponda à independência de sua esposa em sua própria casa.* Muito raramente um homem se sente identificado com seu trabalho, e esse estado de coisas tem piorado à medida que os artesãos e pequenos lojistas, e os homens pequenos geralmente tendem a ficar sobrecarregados. *Falar sobre mulheres que não querem ser donas de casa me parece ignorar uma coisa, que em nenhum outro lugar a não ser em sua própria casa há uma mulher no comando.* Só em sua própria casa ela é livre, se tiver coragem, de se expandir, de se encontrar por inteiro. A grande questão é que ela realmente deve conseguir um apartamento ou uma casa quando se casar, de modo que possa mover os cotovelos sem esbarrar nos parentes próximos e sem machucar a própria mãe. [grifos nossos] (Winnicott, 1945f, p. 120)¹¹²

Em uma família comum, um homem e uma mulher, marido e mulher, assumem a responsabilidade conjunta por seus filhos. Nascerem bebês, a mãe (apoiada pelo pai) acompanha cada filho, estudando a

¹¹¹ The second thing, as I have said, is that father is needed to give mother moral support, to be the backing for her authority, to be the human being who stands for the law and order which mother plants in the life of the child. He does not have to be there all the time to do this, but he has to turn up often enough for the child to feel that he is real and alive. Much of the arranging of a child's life must be done by mother, and children like to feel that mother can manage the home when father is not actually in it. Indeed, every woman has to be able to speak and act with authority; but if she has to be the whole thing, and has to provide the whole of the strong or strict element in her children's lives as well as the love, she carries a big burden indeed. Besides, it is much easier for the children to be able to have two parents; one parent can be felt to remain loving while the other is being hated, and this in itself has a stabilizing influence. Sometimes you see a child hitting or kicking his mother, and you feel that if her husband were backing her up the child would probably want to kick him, and very likely would not try it on at all. Every now and again the child is going to hate someone, and if father is not there to tell him where to get off, he will hate his mother, and this will make him confused, because it is his mother that he loves most fundamentally.

¹¹² Fortunately, people who are in love do often find it possible to let their 'accords' overlap to some extent, for a while, so that is all right for a bit; and one way out of the difficulty is for it to be agreed, perhaps without anything being actually said, that the wife runs the home her way while the man has his own way at work. Everyone knows that the Englishman's home is his wife's castle. And in his home a man likes to see his wife in charge, identified with the home. Alas, all too often the man has nothing in his work corresponding to his wife's independence in her own home. Too seldom does a man feel identified with his job, and this state of affairs has been getting worse as craftsmen, and small shopkeepers, and small men generally have been tending to become swamped out. Talk about women not wanting to be housewives seems to me to ignore one thing, that nowhere else but in her own home is a woman in such command. Only in her own home is she free, if she has the courage, to spread herself, to find her whole self. The great thing is that she should really be able to get a flat or a house when she marries, so that she can move her elbows without brushing up against her near relations, and without bruising her own mother.

personalidade de cada um, enfrentando o problema pessoal de cada um, pois ele *afeta a sociedade em sua menor unidade, a família e o lar*. [grifos nossos] (Winnicott, 1946b, p. 227)¹¹³

Nesse período, também aparecem os primeiros escritos clínicos de Winnicott sobre a identificação com o feminino observada em um paciente homem (caso B.), que apresentava uma cisão entre os elementos feminino e masculino puros. O termo *female self* é utilizado pelo autor ao se referir à parte feminina da personalidade de B., foco da análise do paciente naquele momento:

A partir daí, ele continuou de forma lenta e clara ao longo da linha iniciada na semana passada. *O tema que se desenvolveu foi a exploração de seu self feminino*. Ele sempre soube muito sobre o elemento homossexual e já havia relatado muitas *fantasias compulsivas sobre ser mulher*. Aqui, no entanto, ele chegou a um novo aspecto desse problema e que parecia produtivo. Ele produziu algum tipo de ideia da qual não havia saída, nenhuma possibilidade de alterar algo. (...) *Na minha interpretação acabei por dizer que se ele fosse um bebê sendo tratado por uma mãe da maneira como reconstruímos na semana passada, não havia absolutamente nenhuma saída para ele, nenhuma alternativa qualquer, exceto explorar todas as partículas em si mesmo de ser mulher e querer sê-lo*. Qualquer coisa na forma de um protesto neste estágio inicial teria sido completamente fútil. [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, p. 183)¹¹⁴

Dei-lhe uma hora inteira para a exploração desses fenômenos, e um dos lugares a que ele chegou foi uma declaração de algo muito difícil em seu relacionamento com sua esposa. *Quando se casou com ela, ele não tinha ideia de que descobriria que ela tem uma perversão que corresponde exatamente ao que poderia facilmente se tornar uma perversão nele mesmo. Ela acha muito excitante sexualmente se ele mostra qualquer manifestação de seu self feminino*, como por exemplo comer demais nas férias para ficar com a barriga grande. [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, p. 184)¹¹⁵

¹¹³ In an ordinary family, a man and woman, husband and wife, take joint responsibility for their children. Babies are born, mother (supported by father) brings each child along, studying the personality of each, coping with each one's personal problem as it affects society in its smallest unit, the family and the home.

¹¹⁴ From there he continued slowly and clearly along the line initiated last week. The theme that developed was one of his exploitation of his female self. He had always known a good deal about the homosexual element and he had previously reported a great deal of compulsive fantasy about being a woman. Here, however, he came to a new aspect of this problem and one which seemed as if it might be productive. He produced some kind of idea in which there was no way out, no possibility of altering something. (...) In my interpretation eventually I said that if he were an infant being dealt with by a mother in the way that we reconstructed last week there was absolutely no way out for him, no alternative whatever, except for him to exploit every particle in himself of being female and wanting to be so. Anything in the way of a protest in this early stage would have been completely futile.

¹¹⁵ I allowed him the whole hour for the exploration of these phenomena, and one of the places he arrived at was a statement of something very difficult in his relationship to his wife. He had no idea when he married her that he would find that she has a perversion which exactly corresponds with what could so easily become a perversion in himself. She finds it sexually highly exciting if he shows any manifestation of his female self, as for instance overeating on holiday to get a big tummy.

Na segunda das três sessões desta semana, *o paciente voltou rapidamente à análise e a essa coisa nova, a capacidade de considerar seu self feminino*. Ele demorou para chegar aos detalhes e eu fiz algumas interpretações, lembrando-o da alternativa, que era absolutamente negativa, no sentido de não haver qualquer possibilidade de ele lidar com ela. *A alternativa significa a eliminação de sua mãe em um estágio muito precoce da infância e ele não é capaz de fazer isso, exceto magicamente, o que é inútil*. Por um momento, o paciente tentou me seguir, mas *então disse que essa nova posição em relação ao seu self feminino era tremendamente importante para ele e que precisava de tempo para estar lá e descobrir o que havia ali*. Coisas bastante sutis apareceram, como por exemplo, ele se viu sem tocar o peito, pensando "Oh, ele vai pensar que estou brincando com meu seio." *Era óbvio que havia um grau extremo de experiência de si mesmo como mulher e que ele nunca se permitira chegar a essa posição antes*. Muitas vezes ele sentiu que deveria reorganizar suas defesas ou resistências e que deveria sair dessa curiosa posição. *Às vezes, ele reclamava de sua ex-analista, uma mulher, que não fora capaz de encontrar nele essa coisa que agora se considerava tão importante*. Não que fosse realmente inconsciente. [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, p. 184)¹¹⁶

Isso tinha a ver com a atitude de sua esposa e, portanto, de sua mãe, *em relação às manifestações do self feminino*. Permiti que essa ideia desaparecesse e, ao examinar a situação, descobri que poderia entrar com uma interpretação de brincadeira. Fui ajudado pelo material, como por exemplo o sigilo sobre esse aspecto dele. *Permiti-me dizer a interpretação que tinha em mente, que o perigo do ponto de vista dele era que sua esposa (ou sua mãe) zombasse dele em relação a esse self feminino* [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, p. 185)¹¹⁷

A hora toda foi uma confusão e nenhuma interpretação minha servia. O paciente estava exasperado. O que acabou fazendo bem foi minha interpretação de que a análise continuou em seu relacionamento com sua esposa, mas aqui agora, seja lá o que possa ter sido em outras ocasiões, *ele estava resolvendo sua exasperação com sua mãe e sua absoluta desesperança em lidar com ela exceto por esse método*

¹¹⁶ In the second session of the three during this week the patient quickly got back to the analysis and to this new thing, an ability to consider his female self. He was rather slow at getting at the details and I made some interpretation reminding him of the alternative which was an absolute negative in a sense of there being no possibility whatever of his dealing with it. The alternative means the elimination of his mother at a very early infantile stage and he is not capable of doing this except magically which is of no use. Just for a moment the patient tried to follow me but he then said that this new position he was in in regard to his female self was tremendously important to him and he needed time to be in it and to discover what there is to be found there. Quite subtle things turned up, as for instance, he found himself not touching his chest, thinking "Oh he'll think I am fiddling with my breast." It was obvious that there was an extreme degree of the experiencing of himself as a female and that he had never allowed himself to get to this position before. Quite often he felt he must reorganise his defences or resistances and that he must get out of this curious position. At times he railed against his former analyst, a woman, who had not been able to meet this thing in him which was now found to be so important. It was not that it was really unconscious.

¹¹⁷ It had to do with the attitude of his wife, and therefore of his mother, in regard to his female self-manifestations. I allowed this idea to disappear and then on examining the situation I found that I could come in with an interpretation of mockery. I was helped by the material, as for instance the secrecy about this aspect of himself. I allowed myself to say the interpretation that was in my mind, which was that the danger from his point of view was that his wife (or his mother) would mock him in regard to this female self.

com o qual ele agora quase perdera o contato, mas que fora tão importante na semana anterior, a plena exploração de seu self feminino. [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, pp. 185-186)¹¹⁸

1.4 Período 4 (A partir de 1960): a identidade como base para a vida instintual

Esse é o período de maior produção do autor sobre o tema, momento em que descreve com maiores detalhes suas concepções acerca do início da vida e as bases da natureza humana, aglutinadas nas noções de elemento feminino puro e elemento masculino puro. Há também, a partir do livro *Natureza Humana*, a apresentação de um panorama geral sobre a sexualidade feminina.

Nos anos 60, destacam-se as produções de 1964 e 1966.

Em 1964, a maior contribuição é para o tema da dependência à mulher com ênfase nas possibilidades de identificação com o seio, colocada como aspecto identitário nuclear nas relações em que homens e mulheres estabelecem com a mãe a partir dos cuidados iniciais. A ideia de que o lar comum é a base da sociedade, discutida anteriormente na década de 50, é retomada nesse período. Esse tema é abordado tanto para ressaltar as diferenças identitárias e sexuais que se estabelecem entre mulheres e homens, a partir da integração dos elementos feminino e masculino puros, quanto para criticar posições feministas que se fixam na inveja do pênis e não reconhecem as diferenças sexuais, não alcançando a identificação cruzada com os homens.

Agora quero pular para a consideração de um aspecto desse assunto amplo que às vezes é negligenciado. *Há uma diferença entre homens e mulheres que é mais importante do que ser o emissor ou o receptor na alimentação ou no sexo. É o seguinte: não há como contornar o fato de que cada homem e mulher saiu de uma mulher.* São feitas tentativas para sair dessa situação difícil. Existe todo o assunto da couvade¹¹⁹, e no mito do arlequim original, há um homem que dá à luz bebês. E a ideia de nascer da cabeça é frequentemente encontrada, e é certamente fácil pular da palavra "concepção" para o

¹¹⁸ The whole hour was a muddle and no interpretation of mine was of any use. The patient was exasperated. What eventually did do some good was my interpreting that the analysis has continued in his relationship to his wife but here now, whatever it may have been at other times, he was working out his exasperation with his mother and his absolute hopelessness about dealing with her except by this method which he had now almost lost touch with but which had been so important last week, the full exploitation of his female self.

¹¹⁹ Couvade é um termo cunhado pelo antropólogo E. B. Tylor, em 1865, que se refere a um costume em algumas culturas de que, quando uma criança nasce, o pai vai para a cama como se estivesse se convalescendo do parto.

conceito de "conceber de". Uma criança tem sorte se for concebida e ser o resultado de uma concepção física. [grifos nossos] (Winnicott, 1986g, p. 228)¹²⁰

Ora, é realmente muito difícil para um homem ou mulher chegar a uma verdadeira aceitação desse fato da dependência absoluta e então relativa, na medida em que se aplica a um homem ou a uma mulher real. Por isso, existe um fenômeno separado que podemos chamar de MULHER que domina toda a cena e afeta todos os nossos argumentos, *a MULHER é a mãe não reconhecida das primeiras etapas da vida de cada homem e mulher*. [grifos nossos] (Winnicott, 1986g, p. 229)¹²¹

O homem não pode fazer o que a mulher pode fazer, este ser inserido na raça, sem violar toda a sua natureza. Isso pode acontecer na doença. Eu conheço um homem (paciente) que muito cedo se identificou com a mulher, na verdade com o seio. Sua potência era uma função do seio. Não havia homens em sua vida, apenas ele mesmo "ligado" às mulheres e castrado até mesmo por seu próprio funcionamento físico masculino. Mas ele nunca foi uma pessoa satisfeita de forma alguma, e se esforçou muito, procurando tratamento durante anos, para alcançar sua unidade masculina e conseguir sua separação da mulher. Tendo encontrado seu eu masculino único, ele tornou-se capaz de se relacionar de uma nova maneira com outros homens únicos - isto é, ter amigos homens. [grifos nossos] (Winnicott, 1986g, p. 230)^{122 123}

Na verdade (se você sabe o que quero dizer com "na verdade"), homens e mulheres têm suas próprias formas. É muito conveniente quando um menino deseja, em geral, ser um homem, e quando uma menina, em geral, deseja ser uma mulher. No entanto, isso nem sempre é o que se encontra. E se levarmos em consideração os sentimentos mais profundos e o inconsciente, pode-se facilmente encontrar um homem durão ansiando por ser uma garota, e uma garota que está tendo uma vida sexual incrível na adolescência, mas o tempo todo com inveja dos homens. Na verdade, todo grau de

¹²⁰ I now want to jump into a consideration of an aspect of this wide subject which is sometimes neglected. There is a difference between men and women which is more important than being at the sending or the receiving end in feeding or in sex. It is this: there is no getting round the fact that each man and woman came out of a woman. Attempts are made to get out of this awkward predicament. There is the whole subject of couvade, and in the original harlequin myth there is a man who gives birth to babies. And the idea of being born out of the head is often found, and it is certainly easy to jump from the word 'conception' to the concept of 'conceiving of. A child is lucky if 'conceived of as well as being the result of physical conception.

¹²¹ Now it is very difficult indeed for a man or woman to reach to a true acceptance of this fact of absolute and then relative dependence in so far as it applies to the actual man or woman. For this reason, there is a separated-out phenomenon that we can call WOMAN which dominates the whole scene, and affects all our arguments, WOMAN is the unacknowledged mother of the first stages of the life of every man and woman.

¹²² Man cannot do this that woman can do, this being merged in with the race, without violating the whole of his nature. It can happen in illness. I know of a man (a patient) who very early identified himself with woman, indeed with the breast. His potency was a breast function. There were no males in his life, only himself 'in' with women and emasculated even by his own male physical functioning. But he was never in any way a contented person, and he took tremendous trouble, pursuing treatment for years, to reach his male oneness, and to achieve his separation from woman. Having found his unique male self, he became able to relate in a new way to other unique males - that is, to have male friends.

¹²³ Nesta citação, Winnicott não faz menção direta, mas parece estar se referindo ao caso B.

identificação cruzada pode ser esperado, e os problemas vêm principalmente da maneira como essas coisas estranhas podem ser realmente escondidas no inconsciente reprimido. Os problemas piores vêm do modo como, nas pessoas esquizoides, uma divisão da personalidade pode separar os elementos masculino e feminino, ou pode separar o funcionamento total do funcionamento parcial. [grifos nossos] (Winnicott, 1986g, p. 219)¹²⁴

Talvez a pior parte, sociologicamente falando, seja o lado masculino dessa ilusão em massa, porque faz os homens enfatizarem o aspecto "castrado" da personalidade feminina, e isso cria uma crença na inferioridade feminina que enfurece as mulheres. No entanto, não se esqueça (se houver feministas presentes) que a inveja dos homens pelas mulheres é incalculavelmente maior, ou seja, a inveja do homem pela capacidade total da mulher, das quais mais em breve. (...) Aqui está uma raiz do feminismo. Não posso contribuir dizendo se há muito mais no feminismo, e se a lógica pode ser trazida ao lado de muito do que o feminismo faz e diz. A raiz disso está na ilusão generalizada, nas meninas e também nos homens, de que existe um pênis feminino, e na fixação especial de certas mulheres e homens no nível fálico, isto é, no estágio anterior à obtenção da genitalidade plena. [grifos nossos] (Winnicott, 1986g, p. 223)¹²⁵

Em 1966, a ênfase está em descrever de maneira detalhada o conceito de elemento feminino puro, diferenciando-o do que seria o elemento masculino puro. Este último amplamente discutido pelas teorias psicanalíticas, segundo a visão do autor. As noções de elemento feminino puro e masculino puro surgem por uma necessidade clínica de Winnicott, em busca por uma explicação sobre um tipo de dissociação específica, que se caracterizava por uma cisão entre *genuinamente ser e apresentar-se como se fosse*, a partir do fazer. O autor relaciona esses dois conceitos ao feminino e ao masculino, respectivamente, e, assim, fornece uma camada anterior à bissexualidade descrita por Freud.

¹²⁴ Actually (if you know what I mean by 'actually'), men and women have their own shapes. It is very convenient when a boy wants, on the whole, to be a man, and when a girl, on the whole, wants to be a woman. However, this is by no means always what one finds. And if one takes into consideration the deeper feelings and the unconscious, one may easily find a tough male hankering after being a girl, and a girl who is having a terrific bed-life in adolescence all the time envious of males. In fact, every degree of cross-identification can be expected, and troubles come mainly from the way in which these awkward things can be truly hidden in the repressed unconscious. Worse troubles come from the way in which, in schizoid persons, a splitting of the personality may separate the male and female elements, or may separate whole-functioning from part-functioning.

¹²⁵ Perhaps the worst part, sociologically speaking, is the male side of this mass delusion, because it makes men emphasize the 'castrated' aspect of the female personality, and this makes for a belief in female inferiority that infuriates females. However, do not forget (if there are feminists present) that male envy of women is incalculably greater, that is, man's envy of woman's full capacity, of which more anon. (...) Here is a root of feminism. I cannot help it if there is much else in feminism, and if logic can be brought in on the side of much that feminism does and says. The root of it lies in the generalized delusion, in girls and also in men, that there is a female penis, and in the special fixation of certain women and men at the phallic level, that is, at the stage before the attainment of full genitality.

Houve, neste caso, uma dissociação que estava a ponto de se romper. *A defesa da dissociação estava dando lugar a uma aceitação da bissexualidade como uma qualidade da unidade ou self total. Percebi que estava lidando com o que poderia ser chamado de elemento feminino puro. A princípio, fiquei surpreso que só pudesse chegar lá olhando para o material apresentado por um paciente do sexo masculino.* [grifos nossos] (Winnicott, 1971va p. 173)¹²⁶

Ao desenvolver o conceito de elemento feminino puro, Winnicott explicita sua contribuição para a psicanálise e faz uma linha divisória entre as teorias que se baseiam nas relações de objeto e nas pulsões desde o início, que partiriam do elemento masculino puro (fazer), e a suas proposições sobre a experiência de ser, como a base para a identidade, a partir do elemento feminino puro (ser). A saúde apontaria para a integração entre ser e fazer e, então, poder ser ativo e passivo em relação ao objeto:

Os psicanalistas talvez tenham dado atenção especial a esse elemento masculino ou aspecto pulsional da relação de objeto, mas negligenciaram a identidade sujeito-objeto para a qual estou chamando a atenção aqui, que está na base da capacidade de ser. O elemento masculino faz enquanto o elemento feminino (em homens e mulheres) é. Aqui estariam aqueles homens do mito grego que tentavam ser como a deusa suprema. Aqui também está uma maneira de expressar a inveja profundamente arraigada de um homem pelas mulheres cujo elemento feminino os homens consideram óbvio, às vezes por engano. *Parece que a frustração pertence à busca de satisfação. A experiência de ser pertence a outra coisa, não à frustração, mas à mutilação. Desejo estudar este detalhe específico.* [grifos nossos] (Winnicott, 1971g, p. 109)¹²⁷

Eu gostaria de dizer que o elemento que estou chamando de “masculino” transita em termos de relacionamento ativo ou passivo, cada um apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa ideia que falamos de pulsão na relação do bebê com o seio e com a alimentação e, posteriormente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e com impulsos e satisfações subsidiárias. Minha sugestão é que, ao contrário, o elemento feminino puro se relaciona ao seio (ou à

¹²⁶ There was in this case a dissociation that was on the point of breaking down. The dissociation defence was giving way to an acceptance of bisexuality as a quality of the unit or total self. I saw that I was dealing with what could be called a pure female element. At first it surprised me that I could reach this only by looking at the material presented by a male patient.

¹²⁷ Psychoanalysts have perhaps given special attention to this male element or drive aspect of object-relating, and yet have neglected the subject-object identity to which I am drawing attention here, which is at the basis of the capacity to be. The male element does while the female element (in males and females) is. Here would come in those males in Greek myth who tried to be at one with the supreme goddess. Here also is a way of stating a male person's very deep-seated envy of women whose female element men take for granted, sometimes in error. It seems that frustration belongs to satisfaction-seeking. To the experience of being belongs something else, not frustration, but maiming. I wish to study this specific detail.

mãe) no sentido de o bebê se tornar o seio (ou mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito. Não consigo ver nenhum impulso instintivo nisso. [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, pp. 176-177)¹²⁸

Assim, em uma longa descrição, Winnicott sumariza a ideia geral dos conceitos e separa o joio do trigo entre as teses de bissexualidade (sua e de Freud), bem como sua concepção sobre o início da vida versus a de Klein, esclarecendo e reforçando sua posição sobre a vida instintual:

*Essas considerações me têm envolvido, então, em uma curiosa declaração sobre os elementos masculinos e femininos puros do menino ou menina. Cheguei a uma posição em que digo que a relação objetal em termos desse elemento feminino puro não tem nada a ver com pulsão (ou instinto). Relacionar-se com o objeto apoiado pelo impulso do instinto pertence ao elemento masculino da personalidade não contaminado pelo elemento feminino. Esta linha de argumentação envolve-me em grandes dificuldades e, no entanto, parece que, em consideração aos estágios iniciais do desenvolvimento emocional do indivíduo, é necessário separar (não os meninos das meninas, mas) o elemento menino não contaminado do elemento menina não contaminado. A afirmação clássica a respeito de encontrar e usar do erotismo oral, do sadismo oral, dos estágios anais, etc., surge a partir da consideração da existência do elemento masculino puro. Os estudos de identificação baseados na introjeção ou na incorporação são estudos da experiência dos elementos masculinos e femininos já misturados. O estudo do elemento feminino puro nos leva a outro lugar. O estudo do elemento feminino puro destilado, não contaminado, nos leva ao SER, e isso forma a única base para a autodescoberta e um sentido de existência (e depois para a capacidade de desenvolver um interior, de ser um recipiente, de ter a capacidade de usar os mecanismos de projeção e introjeção e relacionar-se com o mundo em termos de introjeção e projeção). Correndo o risco de ser repetitivo, desejo reafirmar: quando o elemento-menina no menino, ou na bebê-menina ou no paciente, encontra o seio, é o *self* que foi encontrado. Se perguntarmos, o que a bebê-menina faz com o seio? A resposta deve ser que esse elemento feminino é o seio e compartilha as qualidades do seio e da mãe, e é desejável. Com o passar do tempo, desejável significa comestível e isso significa que o bebê está em perigo por ser desejável ou, em uma linguagem mais sofisticada, excitável. *Excitável implica: passível de fazer o elemento masculino de alguém fazer algo. Desta forma, o pênis de um homem pode ser um elemento feminino excitante, gerando atividade do elemento masculino na menina.* Mas (deve ficar claro) nenhuma garota ou mulher é assim; na saúde, há uma quantidade variável de elemento feminino em uma garota e em um garoto. Além disso, elementos de fator hereditário entram em cena, de modo que seja facilmente possível encontrar um menino com um elemento feminino mais forte do que a garota que está ao lado*

¹²⁸ I wish to say that the element that I am calling "male" does traffic in terms of active relating or passive being related to, each being backed by instinct. It is in the development of this idea that we speak of instinct drive in the baby's relation to the breast and to feeding, and subsequently in relation to all the experiences involving the main erotogenic zones, and to subsidiary drives and satisfactions. My suggestion is that, by contrast, the pure female element relates to the breast (or to the mother) in the sense of the baby becoming the breast (or mother), in the sense that the object is the subject. I can see no instinct drive in this.

dele, que pode ter menos potencial de elemento feminino puro. [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, p. 180)¹²⁹

Na última parte das considerações, o autor não deixa claro a que ele se refere em termos de hereditariedade, já que suas colocações levam às relações estabelecidas com o ambiente como a base para os conceitos apresentados. Como os elementos femininos e masculinos seriam transmitidos via hereditariedade? Sua via de raciocínio parece nos levar à ideia de que a referida hereditariedade se dá pela transmissão geracional ambiente-bebê, via cuidados iniciais.

Ainda sobre o tema da transmissão geracional de cuidados, após as considerações sobre o elemento feminino puro, Winnicott revê suas proposições anteriores que destacavam o papel da mulher nessa função, a partir da linhagem formada pela bebê-menina, a mãe da bebê e a avó. Agora, o que se destaca é a transmissão do elemento feminino puro, em homens e mulheres:

No crescimento do bebê humano, à medida que o ego começa a se organizar, isso que estou chamando de relação objetal do elemento feminino puro estabelece o que talvez seja a mais simples de todas as experiências, *a experiência de ser. Aqui se encontra uma verdadeira continuidade de gerações, que é transmitida de uma geração a outra, por meio do elemento feminino do homem e da mulher e dos bebês dos sexos masculino e feminino. Acho que isso já foi dito antes, mas sempre em termos de mulheres e*

¹²⁹ These considerations have involved me then in a curious statement about the pure male and the pure female aspects of the infant boy or girl. I have arrived at a position in which I say that object-relating in terms of this pure female element has nothing to do with drive (or instinct). Object-relating backed by instinct drive belongs to the male element in the personality uncontaminated by the female element. This line of argument involves me in great difficulties, and yet it seems as if in a statement of the initial stages of the emotional development of the individual it is necessary to separate out (not boys from girls but) the uncontaminated boy element from the uncontaminated girl element. The classical statement in regard to finding, using, oral erotism, oral sadism, anal stages, etc., arises out of a consideration of the life of the pure male element. Studies of identification based on introjection or on incorporation are studies of the experience of the already mixed male and female elements. Study of the pure female element leads us elsewhere. The study of the pure distilled uncontaminated female element leads us to B E I N G, and this forms the only basis for self-discovery and a sense of existing (and then on to the capacity to develop an inside, to be a container, to have a capacity to use the mechanisms of projection and introjection and to relate to the world in terms of introjection and projection). At risk of being repetitious I wish to restate: when the girl element in the boy or girl baby or patient finds the breast it is the self that has been found. If the question is asked, what does the girl baby do with the breast? the answer must be that this girl element is the breast and shares the qualities of breast and mother and is desirable. In the course of time, desirable means edible and this means that the infant is in danger because of being desirable, or, in more sophisticated language, exciting. Exciting implies: liable to make someone's male element do something. In this way a man's penis may be an exciting female element generating male-element activity in the girl. But (it must be made clear) no girl or woman is like this; in health, there is a variable amount of girl element in a girl, and in a boy. Also, hereditary-factor elements enter in, so that it would easily be possible to find a boy with a stronger girl element than the girl standing next to him, who may have less pure-female-element potential.

meninas, o que confunde a questão. É uma questão de elementos femininos em homens e mulheres. [grifos nossos] (Winnicott, 1971g, p. 108)¹³⁰

Nesse sentido, as ideias de mãe suficientemente boa e de preocupação materna primária se apresentam como o fundamento para a transmissão do elemento feminino puro. No sentido contrário, os cuidados que chegam apressadamente como objeto que faz (elemento masculino puro) criam uma inveja do seio e um vínculo tantalizante:

Não é possível afirmar o que estou chamando aqui de relação do elemento feminino com o seio sem o conceito de mãe suficientemente boa e não suficientemente boa. (Tal observação é ainda mais verdadeira nesta área do que em uma área comparável, coberta pelos termos: fenômenos transicionais e objetos transicionais. O objeto transicional representa a capacidade da mãe de apresentar o mundo de tal maneira que o bebê não saiba a princípio que o objeto não é criado por ele. Em um contexto imediato, podemos admitir a total importância do significado (do termo) adaptação, a mãe dando ao bebê a oportunidade de sentir que o seio é o bebê, ou então não fazendo isso. O seio aqui é um símbolo não de fazer, mas de ser.) [grifos nossos] (Winnicott, 1971g, p. 109)¹³¹

A mãe que é capaz de fazer essa coisa tão sutil a que me refiro não produz um filho cujo eu "puramente feminino" inveja o seio, pois para essa criança o seio é o self e o self é o seio. Inveja é um termo que pode se tornar aplicável na experiência de uma falha tentadora do seio como algo que É. (Winnicott, [grifos nossos] (Winnicott, 1971g, p. 110)¹³²

Em relação ao caso B., paciente que levou Winnicott a desenvolver os conceitos de elemento feminino puro e masculino puro, verifica-se que há sobreposição entre textos já publicados em 1966 no livro *Psychoanalytic Explorations* e partes de capítulos que se encontram no livro *Playing and Reality*, publicado em 1971, e que estão inseridos na temática

¹³⁰ In the growth of the human baby, as the ego begins to organize, this that I am calling the object-relating of the pure female element establishes what is perhaps the simplest of all experiences, the experience of being. Here one finds a true continuity of generations, being which is passed on from one generation to another, via the female element of men and women and of male and female infants. I think this has been said before, but always in terms of women and girls, which confuses the issue. It is a matter of the female elements in both males and females.

¹³¹ It is not possible to state what I am calling here the female element's relation to the breast without the concept of the good-enough and the not-good-enough mother. (Such an observation is even more true in this area than it is in the comparable area covered by the terms transitional phenomena and transitional objects. The transitional object represents the mother's ability to present the world in such a way that the infant does not at first have to know that the object is not created by the infant. In our immediate context we may allow a total significance to the meaning of adaptation, the mother either giving the infant the opportunity to feel that the breast is the infant, or else not doing so. The breast here is a symbol not of doing but of being.)

¹³² The mother who is able to do this very subtle thing that I am referring to does not produce a child whose 'pure female' self is envious of the breast, since for this child the breast is the self and the self is the breast. Envy is a term that might become applicable in the experience of a tantalizing failure of the breast as something that IS.

da criatividade e suas origens, bem como da identificação cruzada. No livro *Playing and Reality*, também é retomado o caso de uma paciente mulher que sofreria, como B., de uma dissociação entre esses elementos.

O elemento feminino puro cindido encontrou uma unidade primária em mim como analista, e isso deu ao homem a sensação de ter começado a viver. Fui afetado por esse detalhe, como aparecerá em minha aplicação à teoria do que descobri neste caso. [grifos nossos] (Winnicott, 1971g, p. 103)¹³³

É interessante que *a existência desse elemento feminino cindido na verdade impede a prática homossexual*. No caso do meu paciente, ele sempre fugiu dos avanços homossexuais no momento crítico porque (como ele veio para ver e me dizer) *colocar a homossexualidade em prática estabeleceria sua masculinidade a qual (a partir da cisão do elemento feminino do eu) ele nunca queria saber com certeza*. (Normalmente, onde a bissexualidade é um fato, as ideias homossexuais não entram em conflito dessa forma em grande parte porque o fator anal (que é uma questão secundária) não atingiu a supremacia sobre a felação, e na fantasia de uma união de felação a questão do sexo biológico da pessoa não é significativo.) [grifos nossos] (Winnicott, 1971g, p. 103)¹³⁴

Em nossa teoria, é necessário permitir tanto um elemento masculino quanto um feminino em meninos e homens e em meninas e mulheres. Esses elementos podem estar cindidos uns dos outros em alto grau. Essa ideia requer de nós um estudo dos efeitos clínicos desse tipo de dissociação e um exame dos próprios elementos masculinos e femininos destilados. Fiz algumas observações sobre o primeiro desses dois, os efeitos clínicos; agora desejo examinar o que estou chamando de elementos masculinos e femininos destilados (não pessoas masculinas e femininas). [grifos nossos] (Winnicott, 1971g, p. 106)¹³⁵

Eu tenho olhado para os elementos masculinos e femininos artificialmente dissecados, e descobri que, por enquanto, *eu associo o impulso relacionado aos objetos (também a voz passiva deste) com o elemento masculino, enquanto eu acho que a característica do elemento feminino, no contexto da*

¹³³ The pure female split-off element found a primary unity with me as analyst, and this gave the man a feeling of having started to live. I have been affected by this detail, as will appear in my application to theory of what I have found in this case.

¹³⁴ It is interesting that the existence of this split-off female element actually prevents homosexual practice. In the case of my patient, he always fled from homosexual advances at the critical moment because (as he came to see and to tell me) putting homosexuality into practice would establish his maleness which (from the split-off female element self) he never wanted to know for certain. (In the normal, where bissexuality is a fact, homosexual ideas do not conflict in this way largely because the anal factor (which is a secondary matter) has not attained supremacy over fellatio, and in the fantasy of a fellatio union the matter of the person's biological sex is not significant.)

¹³⁵ In our theory it is necessary to allow for both a male and a female element in boys and men and girls and women. These elements may be split off from each other to a high degree. This idea requires of us both a study of the clinical effects of this type of dissociation and an examination of the distilled male and female elements themselves. I have made some observations on the first of these two, the clinical effects; now I wish to examine what I am calling the distilled male and female elements (not male and female persons).

relação de objeto, é a identidade, dando à criança a base para ser e, mais tarde, uma base para um senso de self. Mas acho que é aqui, na dependência absoluta da provisão materna, daquela qualidade especial pela qual a mãe encontra ou deixa de encontrar o funcionamento mais antigo do elemento feminino, que podemos buscar o fundamento para a experiência do ser. Eu escrevi: "Portanto, não há sentido em fazer uso da palavra 'id' para fenômenos que não são abrangidos e catalogados e experimentados e eventualmente interpretados pelo funcionamento do ego" [grifos nossos] (Winnicott, 1971g, p. 114)¹³⁶

Ela agora era capaz de sentir seu dilema em termos de divórcio ou separação entre seu self feminino e o elemento masculino cindido, e emergindo disso surgiu uma nova visão de seu pai e sua mãe, a mesma que deu a eles uma relação interpessoal calorosa e cuidadosa, como pessoas casadas e como pais. Num momento extremo de recuperação de boas lembranças, a paciente sentiu mais uma vez seu rosto contra o lenço de sua mãe, carregando consigo a ideia de um estado de estar imersa na mãe e ligando-se, pelo menos teoricamente, ao estado primário, antes da separação do objeto do sujeito, ou antes do estabelecimento do objeto como objetivamente percebido e verdadeiramente separado ou externo. [grifos nossos] (Winnicott, 1971l, p. 183)¹³⁷

A partir daqui minha paciente passou a outros assuntos de importância vital que não dizem respeito a esse assunto específico das identificações cruzadas, mas que têm a ver com a *natureza implacável da luta entre seu self feminino e seu elemento masculino cindido*. [grifos nossos] (Winnicott, 1971l, p. 182)¹³⁸

Finalmente, em 1988, com a publicação de *Natureza Humana*, tem-se acesso às principais ideias do autor em relação à sexualidade feminina, em que apresenta sua posição sobre as questões já levantadas por Freud e seus interlocutores acerca da inveja do pênis, apontando para um caminho específico para meninas e para mulheres em busca da diferenciação sexual.

¹³⁶ I have looked at the artificially dissected male and female elements, and I have found that, for the time being, I associate impulse related to objects (also the passive voice of this) with the male element, whereas I find that the characteristic of the female element in the context of object-relating is identity, giving the child the basis for being, and then, later on, a basis for a sense of self. But I find that it is here, in the absolute dependence on maternal provision of that special quality by which the mother meets or fails to meet the earliest functioning of the female element, that we may seek the foundation for the experience of being. I wrote: "There is thus no sense in making use of the word 'id' for phenomena that are not covered and catalogued and experienced and eventually interpreted by ego functioning" (Winnicott, 1962).

¹³⁷ She was now able to feel her dilemma in terms of the divorce or separation between her woman self and the split-off male element, and emerging out of this came a new view of her father and mother, one that gave them a warm and devoted interrelationship as married persons and as parents. In an extreme a state of being merged in with mother and linking, at any rate theoretically, with the primary state before the separation of object from subject or before the establishment of the object as objectively perceived and truly separate or external.

¹³⁸ From here my patient went on to other vitally important matters which do not concern this specific subject of cross-identifications but which have to do with the implacable nature of the struggle between her woman self and her split-off male element.

A inveja do pênis como um impulso poderoso em meninas e mulheres não pode ser ignorada, mas, apesar disso, há sem dúvida uma sexualidade feminina básica e uma fantasia que começa desde muito cedo na infância. A vagina provavelmente se torna ativa e excitável em associação com a alimentação durante a infância e com as experiências anais, e o verdadeiro funcionamento genital feminino tende a ser escondido, se não realmente secreto. [grifos nossos] (Winnicott, 1988, p. 46)¹³⁹

O estudo da psicose mostra que é impossível ignorar a inveja do pênis e a fantasia do "homem castrado" ao falar sobre a menina em desenvolvimento. Mas, *algumas décadas atrás*, a partir de um estudo da literatura, *podia ter sido pensado que a teoria psicanalítica não tinha lugar para qualquer outro tipo de afirmação sobre a genitalidade feminina do que aquela cuja mulher é um homem castrado. O fato é que o tipo de afirmação que estamos apresentando nesta seção, sobre o crescimento progressivo do Id, é mais adequada para a descrição do elemento masculino do que do feminino. A função feminina e a fantasia têm muito mais origem nas raízes pré-genitais, e talvez haja mais espaço para o agrupamento de meninas individuais na categoria mulher do que para o agrupamento de meninos na categoria homem. Além disso, para a descrição da sexualidade feminina é necessário estar familiarizado com a fantasia, em desenvolvimento na criança, sobre o interior de si mesma e da mãe, e isso pertence a outro modo de apresentação, que será experimentado sob o título de "a posição depressiva no desenvolvimento emocional".* Por essas razões, qualquer declaração da sexualidade feminina aqui deve ser menos completa como uma descrição das meninas, do que uma declaração da sexualidade masculina pode ser como uma descrição dos meninos. [grifos nossos] (Winnicott, 1988, p. 47)¹⁴⁰

2 Análises complementares: será que é tudo sobre a minha mãe?

A análise histórico-crítica dos comentários de Winnicott sobre a mulher e o feminino, como já descrito anteriormente, levou-nos ao caminho da identidade feminina e do elemento

¹³⁹ Penis envy as a powerful drive in girls and women cannot be ignored, but in spite of this there is undoubtedly a basic female sexuality and fantasy which starts from very early in infancy. The vagina probably becomes active and excitable in association with feeding during infancy and with anal experiences, and the true female genital functioning tends to be hidden, if not actually secret.

¹⁴⁰ The study of psycho-neurosis shows that it is impossible to bypass penis envy and the "castrated male" fantasy in a statement of the developing girl child. But a couple of decades ago from a study of the literature it might have been thought that psycho-analytic theory had no place for any other kind of statement of female genitality than that of the female as a castrated male. The fact is that the kind of statement of the progression of Id growth that is being attempted in this section is more suitable for the description of the male than of the female element. The female function and fantasy draw much more heavily on pregenital roots, and there is perhaps more room for a merging of individual girl children into the category woman than there is for a merging of boys into the category man. Moreover, for a description of female sexuality it is necessary to be familiar with the child's developing fantasy about the inside both of herself and of the mother, and this belongs to another mode of presentation, one which will be attempted under the heading of "the depressive position in emotional development". For these reasons any statement of female sexuality here must be less complete as a description of girls than a statement here of male sexuality can be as a description of boys.

feminino puro. Nesse percurso, o tema da identidade se sobressaiu e se mostrou como aspecto nuclear das contribuições do autor à psicanálise.

Dessa forma, nosso olhar se ateu a esse aspecto na análise das informações e constatou-se que o termo *identity* está presente em todas as obras analisadas neste trabalho, com ênfase em *establishing a personal identity/ establishment of a personal identity*, bem como no que seria seu contraponto, definido como *loss of personal identity*, nas palavras do próprio autor. Verificou-se a presença do tema desde os anos 40 até as últimas publicações de Winnicott, com destaque para os anos 60, em que os desenvolvimentos teórico-clínicos sobre o elemento feminino puro se tornam marcantes nas publicações do autor.

O brincar, baseado na aceitação de símbolos, tem possibilidades infinitas. Ele permite que a criança experimente tudo o que pode ser encontrado em sua realidade psíquica interior e pessoal, que é a *base do crescente senso de identidade*. Aí [realidade psíquica interior e pessoal], haverá agressão assim como amor. [grifos nossos] (Winnicott, 1989xh, p. 83)¹⁴¹

A maturidade pode ser descrita como o crescimento do individual em relação à sociedade, adequada à idade da criança, resultando eventualmente na *capacidade do indivíduo de se identificar com a sociedade sem um grande sacrifício do impulso individual*. Naturalmente, a maturidade não leva todos nós à cidadania mundial. Talvez sempre tenhamos alguns Gilbert Murrays¹⁴² entre nós, alguns não reconhecidos, mas, no geral, *aceitamos como madura a capacidade de um indivíduo se identificar com um subgrupo* - uma nação, uma raça, um partido político, uma ideologia, uma religião ou uma minoria perseguida (*sem perda de identidade pessoal*). [grifos nossos] (Winnicott, 1996g, p. 54)¹⁴³

Deve-se notar que estou me referindo a uma idade em que o ensino verbal não se aplica. Nem Freud nem a psicanálise foram necessários para dizer às mães e pais como fornecer essas condições. Essas condições começam com um alto grau de adaptação por parte da mãe às necessidades do bebê e, gradualmente, tornam-se uma série de falhas de adaptação; essas falhas são novamente uma espécie de adaptação, pois estão relacionadas à *necessidade crescente da criança de conhecer a realidade e de*

¹⁴¹ Play, based as it is on the acceptance of symbols, has infinite possibility in it. It enables the child to experience whatever is to be found in his or her personal inner psychic reality, which is the basis of the growing sense of identity. There will be aggression there as well as love.

¹⁴² Intelectual britânico erudito, que desenvolveu estudos em diversos campos do conhecimento.

¹⁴³ Maturity can be described as the growth of the individual in relation to society appropriate to the age of the child, and resulting eventually in the individual's capacity to identify with society without too great a sacrifice of individual impulse. Naturally, maturity does not lead us all to world citizenship. Perhaps we always have a few Gilbert Murrays in our midst, some unrecognized, but, on the whole, we accept as mature the capacity of an individual to identify (without loss of personal identity) with a sub-group--a nation, a race, a political party, an ideology, a religion, or a persecuted minority.

conseguir a separação e de estabelecer uma identidade pessoal. [grifos nossos] (Winnicott, 1963d, pp. 95-96)¹⁴⁴

Junto com isso está o *sense de identidade pessoal* que é essencial para todo ser humano, e que só pode se tornar realidade em cada caso individual por causa de uma mãe suficientemente boa e da variedade dos [tipos de] sustentação, [fornecidas] pela provisão ambiental nos estágios de imaturidade. O processo de amadurecimento por si só não pode levar o indivíduo a se tornar um indivíduo. [grifos nossos] (Winnicott, 1986f, pp. 95-96)¹⁴⁵

Diretamente relacionado à identidade está o tema dos cuidados iniciais. Também foi possível verificar nesta análise que o termo *mother* é de fato muito presente na obra do autor, porém o termo *environment* é também de importância.

Na sequência, verificou-se que o termo *good-enough mother* aparece com maior ênfase nos textos do livro *Through Paediatrics to Psycho-analysis* e outras expressões mais ligadas à qualidade e condições da maternagem (e não especificamente à mãe) se mostram presentes em todas as obras. São elas: *good-enough mothering, good-enough holding; good-enough environment; good-enough environmental provision; good-enough maternal care; mother's ego supportive; good-enough provision; good-enough child care; good-enough experiences; good-enough beginning; mother's good enough adaptation; good enough parental or maternal care; good-enough care; good enough infant care; good-enough adaptation; good-enough emotional environment; good enough environmental adaptation; good-enough environmental help; good-enough conditions.*

Dessa forma, não se trata apenas da mãe por si mesma, mas da maternagem e dos cuidados ambientais, com foco na provisão, no apoio, na adaptação e nas condições gerais oferecidas ao bebê, que sempre incluem no mínimo duas pessoas (além do bebê).

A relação original de dois corpos é a do bebê e a mãe ou substituta da mãe, antes que qualquer propriedade da mãe tenha sido separada. [grifos nossos] (Winnicott, 1965b, p. 28)¹⁴⁶

¹⁴⁴ It will be noted that I am referring to an age at which verbal teaching does not apply. Neither Freud nor psycho-analysis was needed to tell mothers and parents how to provide these conditions. These conditions start with a high degree of adaptation on the part of the mother to the infant's needs, and gradually become a series of failures of adaptation; these failures are again a kind of adaptation because they are related to the growing need of the child for meeting reality and for achieving separation and for the establishment of a personal identity.

¹⁴⁵ Along with this is the sense of personal identity which is essential for every human being, and which can only become fact in each individual case because of good-enough mothering and environmental provision of the holding variety at the stages of immaturity. The maturational process alone cannot take the individual through to his or her becoming an individual.

¹⁴⁶ The original two-body relationship is that of the infant and the mother or mother-substitute, before any property of the mother has been sorted out.

Embora saibamos que a doença psiconeurótica não é causada pelos pais, também sabemos que *a saúde mental da criança não pode ser estabelecida sem cuidados parentais ou maternos suficientemente bons*. Também sabemos que uma experiência ambiental corretiva não cura diretamente o paciente mais do que um ambiente ruim causa diretamente a estrutura da doença. [grifos nossos] (Winnicott, 1965b, p. 251)¹⁴⁷

O pai vem indiretamente como marido e diretamente como substituto da mãe. [grifos nossos] (Winnicott, 1965b, p. 273)¹⁴⁸

Não há possibilidade alguma de um bebê passar do princípio do prazer ao princípio de realidade ou seguir em frente, além da identificação primária (ver Freud, 1923), a menos que haja uma mãe suficientemente boa. *A "mãe" suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que faz adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação ativa que diminui gradualmente, de acordo com a capacidade crescente do bebê de explicar a falha de adaptação e tolerar os resultados de frustração*. [grifos nossos] (Winnicott, 1971a, p. 13)¹⁴⁹

3 Considerações finais

Os comentários de Winnicott sobre a mulher e o feminino apontaram para a importância do tema da identidade na obra do autor, que pôde destrinchar a complexa composição do mundo imaturo do bebê, dependente das relações iniciais com o ambiente.

O ambiente e suas características são a rede à qual o bebê se funde em amálgama, identificando-se e separando-se. O embalo do colo é palco para a dança da vida e o elemento feminino puro é a possibilidade de continuar em constante experiência, apenas sendo e se apresentando.

À medida que os termos foram analisados e as categorias e os temas foram classificados, fomos ao encontro da estrutura que se formou na obra de Winnicott em torno do

¹⁴⁷ While we know that psycho-neurotic illness is not caused by parents, we also know that the mental health of the child cannot become established without good-enough parental or maternal care. We also know that a corrective environmental experience does not directly cure the patient any more than a bad environment directly causes the illness structure.

¹⁴⁸ Father comes in indirectly as husband and directly as mother-substitute.

¹⁴⁹ There is no possibility whatever for an infant to proceed from the pleasure principle to the reality principle or towards and beyond primary identification (see Freud, 1923), unless there is a good-enough mother. The good-enough "mother" (not necessarily the infant's own mother) is one who makes active adaptation to the infant's needs, an active adaptation that gradually lessens, according to the infant's growing ability to account for failure of adaptation and to tolerate the results of frustration.

feminino, localizando-o no campo das relações subjetivas e desmembrando o cenário anterior às relações de objeto, quando o feminino e a mulher atingem outros significados.

Chegamos à conclusão que as referências de Winnicott à mulher e ao feminino nos levam mais ao seio que à mamada satisfatória; mais à dependência do que à vida instintual. Percebemos também que a inveja do pênis pode apontar para a inveja do seio.

Capítulo 6. Interpretação da construção da identidade feminina para Winnicott: perspectivas e lacunas deixadas pelo autor

“Em psicopatologia, alguns dos maiores bloqueios ao envolvimento instintual – ou pulsional – surgem quando o paciente = objeto se transforma violentamente em paciente confronta e é confrontado pelo objeto, envolvendo uma mudança de uma defesa confortável para uma posição de ansiedade de alto grau e uma consciência repentina de imaturidade. Eu não posso evitar isso, mas agora mesmo pareço ter abandonado a escada (elementos masculinos e femininos) pela qual subi até o lugar onde tive essa visão.”¹⁵⁰

(Winnicott, 1971va, p. 192)

“Eu estimo que nós temos o direito de dar livre curso a nossas suposições, desde que preservemos a frieza de nosso juízo e não tomemos os andaimes pelo edifício. E uma vez que, em nossa primeira abordagem de algo desconhecido, tudo de que precisamos é o auxílio de representações auxiliares, daremos preferência, inicialmente, às hipóteses de caráter mais tosco e mais concreto.”

(Freud, 1900a, p. 536)

Este capítulo apresenta um panorama geral das contribuições de Winnicott sobre o tema do feminino e da mulher e aponta para algumas intersecções com Freud e Klein, bem como para particularidades teórico-clínicas do próprio autor. A tese sobre a bissexualidade em Winnicott se refere à relação de amálgama entre bebê e ambiente em um período do desenvolvimento emocional anterior às descrições de Freud, nas quais a bissexualidade se dá a partir da mãe-objeto, e anterior à noção de mundo interno, proposta por Klein. Para tal enunciação, Winnicott colocou-se desde o início como um homem que olha para a transmissão geracional do elemento feminino presente no lar comum; especializou-se como psicanalista infantil e constatou, a partir de sua experiência clínica, os estados de imaturidade do bebê presentes em situações de ser confrontado e confrontar-se com o objeto. A identidade feminina, por um lado, se despontaria em tais estados de imaturidade, mostrando-se como a base identitária e do *self* para homens e mulheres. Por outro lado, se mostraria também como **efeito** do percurso singular de atingir **a experiência de ser mulher**. Essa discussão abre o campo psicanalítico

¹⁵⁰ In psychopathology some of the greatest blocks to instinctual— or drive— involvement come when patient = object violently changes into patient confronts and is confronted by object, involving a change from a cosy defence to a position of anxiety of high degree and a sudden awareness of immaturity. I cannot avoid it, but just at this stage I seem to have abandoned the ladder (male and female elements) by which I climbed to the place where I experienced this vision.

para o diálogo com as questões identitárias e sexuais e convocam o psicanalista do século XXI para novos desenvolvimentos.

Abram (1996) considera as noções de elemento feminino puro e elemento masculino puro construções metapsicológicas na obra de Winnicott. Fulgencio (2003), ao analisar a função da metapsicologia na obra de Freud, aponta para o andaime utilizado pelo autor para construir a edificação da teoria psicanalítica, diferenciando o uso de ideias abstratas, ficções teóricas e construções auxiliares, elementos que se colocariam de modos distintos para explicar a parte empírica e a parte especulativa de sua teoria.

Com base nisso, pode-se dizer que as noções de elemento feminino puro e elemento masculino puro funcionariam como construções auxiliares para resolver o problema específico de determinada dissociação do *self*, observada por Winnicott a partir de um caso clínico. Ao colocar essas noções no campo da metapsicologia, Abram as localiza na chave especulativa da descrição dos fenômenos, quando, na realidade, funcionam somente como construções teóricas auxiliares.

Conforme aponta Fulgencio (2003), a edificação freudiana é uma superestrutura especulativa em forma de andaime, complexa o suficiente para auxiliar a fundação da psicanálise e ser abandonada ao longo do tempo, à medida que a ciência psicanalítica se estabelece enquanto tal. Winnicott, nesse caso, estaria apenas utilizando uma escada, conforme suas próprias palavras, prontamente abandonada após a constatação de que tal dissociação estaria relacionada a um momento específico de confrontação com o objeto.

Apesar de Winnicott nos incitar ao abandono desse construção auxiliar, neste momento, ainda sob o auxílio da escada, subiremos ao topo para obter sua visão panorâmica e entender as contribuições de tal visão para o campo da identidade feminina.

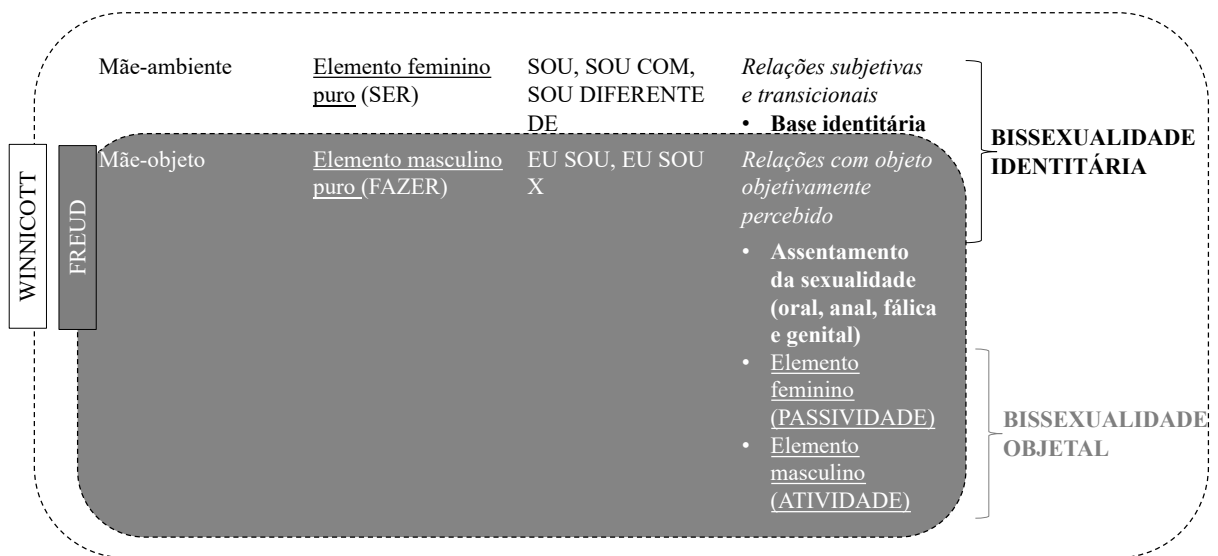
1 Apresentação geral da noção de identidade feminina

Retomando o que já foi discutido anteriormente, o tema da identidade foi ganhando destaque ao longo dos anos na obra de Winnicott, principalmente a partir de suas considerações a respeito do elemento feminino puro e do elemento masculino puro. Nesse sentido, a identidade, seja em homens ou mulheres, se forma a partir das relações com a mãe-ambiente, que fornece a possibilidade de ser, o elemento feminino puro. Quando a mãe se torna objeto, conservando as características de ambiente, a ambivalência na relação entra na esfera da vida instintual em que o elemento masculino puro é um aspecto complementar.

A identidade feminina, dessa forma, assumiria dois caminhos na obra do autor: um seria a parte feminina da personalidade de todas as pessoas, homens e mulheres, ligada ao ser; outro seria a identidade feminina que abarcaria, além do ser (elemento feminino puro) e do fazer (elemento masculino puro), que marca o início das relações de objeto (objetivamente percebido), o desenvolvimento psicosssexual específico das mulheres, que passaria pela a identificação com a mãe; a elaboração imaginativa da vagina; a inveja do pênis e as múltiplas identificações cruzadas com mulheres e homens para o estabelecimento da feminilidade, alcançando a experiência identitária de ser mulher.

Há assim uma diferença entre a bissexualidade identitária (elemento feminino puro e elemento masculino puro) e a bissexualidade objetal (elemento feminino passividade e elemento masculino atividade):

Gráfico 3 - Relações de objeto: contribuições de Winnicott aos desenvolvimentos de Freud



Fonte: Análises realizadas na pesquisa a partir das obras de Winnicott e Freud.

Partindo deste quadro geral, é preciso acompanhar os desenvolvimentos de Winnicott para identificar quais são as perspectivas e as lacunas deixadas por suas contribuições neste campo de análise.

2 Primeiro degrau: Winnicott, encara a maternidade e vê a mãe-ambiente

A ideia de colocar Winnicott (1957n) sobre a chave de “o homem que vê, ou o homem que encara a maternidade”¹⁵¹ é uma posição do próprio autor sobre si mesmo. Seu primeiro discurso dirigido às mães, transmitido pela BBC e posteriormente publicado no livro *A criança e o seu mundo*, é, sobretudo, de um homem que olha para uma mulher no papel de mãe.

Ao se colocar no lugar daquele que vê e encara a maternidade (a *man looks*) sob a responsabilidade de outra pessoa, Winnicott nos mostra dois caminhos: do homem e do pensador.

Na posição de um homem inglês burguês, com os pés fincados na Guerra Fria e com a experiência de duas Guerras Mundiais, Winnicott olha com distância a maternidade e nem cogita endereçar suas transmissões à paternidade, ou, melhor ainda, à parentalidade.

Por outro lado, na posição de analista, Winnicott foi o primeiro homem a se tornar psicanalista infantil com formação pela Sociedade de Psicanálise Britânica, em 1935, e essa identificação com a posição de quem cuida parece ter sido sua marca como analista. Dessa forma, sentiu na pele que um homem pode sim cuidar de uma pessoa.

Em um sentido oposto de Freud, que, ao falar de sua dificuldade em assumir o lugar da mãe na transferência, declarou não conseguir avançar nos desenvolvimentos teórico-clínicos sobre o feminino e a mulher, Winnicott não hesitou em ocupar esse lugar e foi essa posição um dos fatores que o colocou em lugares que outros homens psicanalistas não haviam ocupado.

Se, por um lado, Winnicott aparentemente parece ter reforçado a cadeia de significantes mulher-mãe-cuidado, por outro, lançou o conceito de ambiente que não é propriamente a mãe. O ambiente é uma soma e conta com a entrada de um terceiro, além das características físicas (cheiros, barulhos, texturas) dos objetos do entorno (animados e inanimados).

Segundo Roudinesco e Plon (1998) o freudismo clássico privilegia o pai na estrutura edipiana e o kleinismo, ao contrário, colocaria o polo materno em destaque na estrutura edípica, apontando para uma nova relação de objeto. Como vimos, Winnicott segue a tendência kleiniana que pende o olhar para a mãe, porém se ocupa de entender os detalhes da

¹⁵¹ A primeira transmissão radiofônica de Winnicott foi intitulada: “A man looks a motherhood”, segundo o livro *The child, the family and the outside world*.

maternagem enquanto cuidado, alcançando a noção de “ambiente que é com o bebê” e lançando novas possibilidades de relação com o objeto (subjéctiva e transicional), anteriores à apreensão objectiva da existência de um mundo não-eu, do qual o ambiente faria parte, e da possibilidade de uma relação entre três corpos que levaria ao complexo de Édipo.

Dessa forma, é o cuidado suficientemente bom e não a mãe sozinha que garante a possibilidade de um bom início. Nota-se que, como vimos, o cuidado é extensivo à entrada de um terceiro (aos olhos de um observador e não do bebê). O cuidador principal, por meio da preocupação materna primária, se ocupa de possibilitar que o bebê “seja com”, a partir de uma relação subjéctiva, e o outro cuidador se ocupa de garantir que todos os detalhes da vida objectiva estejam mantidos. Futuramente, estas duas características (subjéctivo/objectivo) poderão ser vivenciadas nas relações interpessoais.

Ora, há uma triangulação importante na ideia de cuidado para quem observa as condições do ambiente e para a própria possibilidade do bebê ser o seio - ele é porque alguém permite que o cuidador ou cuidadora principal também *seja*. A triangulação está lá como a estrutura fundante dos cuidados, ainda que somente ao longo do desenvolvimento emocional ela se torne complexa o suficiente para instituir a ideia, na criança, da possibilidade de estabelecer relações entre três corpos (três pessoas inteiras).¹⁵²

Apesar de Winnicott evitar apresentar o cenário constituinte de cuidados por essa via, observamos que suas considerações estão em diálogo constante com o amálgama ambiente-bebê.

3 Segundo degrau: o lar comum é o lugar do ambiente

Se os cuidados iniciais são o berço do tecido social, o lar comum é o lugar em que eles se tornam possíveis.

¹⁵² Loparic (2001b), com base na noção de paradigma proposta por Kuhn, defende a ideia de que Winnicott apresentou um novo paradigma na psicanálise ao introduzir como exemplar a ideia do bebê no colo da mãe, distanciando-se de Freud e do exemplar edípico. Não discutiremos aqui este tema de maneira aprofundada, mas o entendimento que fazemos da noção de ambiente estendido pretende mostrar que o colo da mãe é uma das partes do ambiente e, para que ele se apresente ao bebê de modo operativo, precisa da entrada de um terceiro (não necessariamente o pai). Ainda que estejamos de acordo com Loparic de que, para o bebê recém-nascido, o complexo edípico propõe uma dinâmica muito sofisticada para um bebê imaturo, entendemos que o ambiente de cuidados é uma soma, composta por no mínimo duas pessoas, incluindo a cuidadora ou cuidador principal. Winnicott nos lança sempre em um paradoxo a partir do qual é possível pensar seus desenvolvimentos pelo ponto de vista de um observador ou pelo ponto de vista do próprio bebê. No item 4 deste capítulo abordaremos melhor essa questão.

Quando Winnicott avança nos desenvolvimentos teórico-clínicos sobre a manutenção, o tema da dependência inicial aos cuidados ambientais ganha destaque e o lar comum torna-se o enquadre psicológico e social garantidor do contorno desses cuidados. Considera-se também social porque determina como os papéis desenvolvidos pelos cuidadores, constituintes da parentalidade, influenciam a possibilidade de oferecer um expediente de cuidados suficientes para que o bebê se desenvolva e contribua para a construção de uma sociedade democrática.

Se para Freud o complexo de Édipo como estrutura fundante é o berço da civilização, para Winnicott, o lar comum, pelas características dos cuidados oferecidos, é o berço do tecido social. A ideia de civilização nos remete à lei do pai, aquele que barra o incesto, garante a ordem e nos distancia da barbárie. Já a ideia de tecido social remete ao coletivo, à vida em colaboração mútua, e, segundo o autor, no lar comum, são os cuidados maternos apoiados pelo pai que garantem isso.

O temor de todos então recairia sobre a mulher da qual dependemos e não sobre o homem que nos barrou, e nasceria assim o medo da mulher, o medo da cuidadora principal do lar comum. Ora, o medo da mulher não nos colocaria novamente no colo da mãe ao invés de nos levar ao colo parental, oferecido em dupla a partir dos cuidados iniciais? Se existe cuidadora ou cuidador principal com a propriedade de oferecer cuidados suficientemente bons é porque o ambiente estendido foi operativo. Por outro lado, se os cuidados oferecidos não foram suficientemente bons é porque o ambiente como um todo falhou.

4 Terceiro degrau: desconstruindo a mãe, encontramos um ambiente real

Winnicott aponta que a integração entre os elementos feminino e masculino puros é a base da identidade, obtida por meio dos cuidados ambientais iniciais. Pode-se dizer que a dinâmica que se apresenta inicialmente é entre a mãe-ambiente e a mãe-objeto e não entre a mãe e o pai, configurando a trama edípica.

Por outro lado, a mãe (aqui representada como cuidadora principal) só pode oferecer a dialética ambiente-objeto quando amparada por um ambiente estendido. Podemos pensar esta ideia sob duas perspectivas: a primeira, do ponto de vista de um observador, diria que a mãe sozinha não se sustenta como cuidadora caso não seja amparada por um terceiro; a segunda, do ponto de vista do bebê, diria que é preciso que haja uma pessoa inteira que se oferte como

objeto subjetivo na cena dos cuidados, caso contrário, corre-se o risco de ser antecipada a relação com o objeto objetivamente percebido.

Dias Rosa (2011) faz uma extensa investigação sobre o papel do pai no processo de desenvolvimento emocional e na composição do ambiente, destacando, nas diversas etapas do desenvolvimento, como o pai pode contribuir ou atrapalhar, direta ou indiretamente, o campo dos cuidados suficientemente bons. Na fase de dependência absoluta, a autora aponta que o pai é parte constituinte do colo materno, auxiliando que a mãe se ocupe dos cuidados, de modo que sua ausência ou uma possível falha pode interferir indiretamente.

Dessa forma, não é porque há imaturidade por parte do bebê que uma interferência paterna (ou de um terceiro) de qualquer ordem não possa interferir na forma como o cuidador principal se implica no processo, chegando inclusive a prejudicar sua condição de preocupação materna primária. A própria ideia de cuidador ou cuidadora principal e cuidador substituto aponta para um outro que complementa e que está presente mesmo que indiretamente na transmissão de cuidados. O contrário também se aplica: uma boa maternagem não deve ser vista apenas como o heroísmo de uma mãe, mas como a conquista estendida de uma boa oferta de cuidados.

Para ilustrar este aspecto específico, compartilho abaixo o relato da médica Júlia Rocha, sobre o atendimento de uma mãe e as dificuldades enfrentadas nos cuidados iniciais de sua filha:

O PUERPÉRIO DE UMA FAVELADA

“Febre, dor de cabeça, espirro, nariz escorrendo. Acho que é gripe.”

Rayane balançava sua filha com a inquietação de suas pernas.

“Certo. Vou te examinar. Além disso, mais alguma coisa está te incomodando?”

“Não.”

“Ok. Posso segurar sua bebê pra você sentar na maca?”

“Pode.”

Tomei Alice nos braços. Era leve. Aterrorizantemente leve. Fingi que não estava apavorada com o peso daquele ser minúsculo adormecido no meu colo:

“Quantos dias?”

“1 mês já.”

Engoli seco. 30 dias. Não tinha 3 quilos.

Examinei a mãe. Chiava como se tivesse 12 gatos dentro do peito.

“Tem asma?”

“Bronquite.”

“Fuma?”

“Sim.”

Sim, senhores. Sim. Ela fuma. Ela fumou a gravidez inteira.

“Tentei parar, mas não deu. Infelizmente. Se eu te contar, doutora... minha vida não tá fácil, não.”

Reuni o que me restava de humanidade às 5:45 da tarde e apoiei minha mão sobre a mão dela.

“Eu sei que você tentou o máximo que você pode. Não se culpe, não. Eu sei que é difícil. Ainda mais quando a gente tá triste, angustiada.”

Rayane olhou pra mim, sorriu e chorou. Tudo no mesmo infinito instante.

“Você fuma?”

“Não.”

“Você é mãe?”

“Aham.”

“Sua filha ganhou peso?”

“Ganhou.”

“Me ajuda, então.”

Eu tive vontade de chorar.

“Doutora, esquece essa gripe. Me ajuda a dar mamá pra minha filha.”

Disse levantando a blusa e o sutian. Seus peitos cheios, ela, sua filha e eu. Mamilos invertidos, machucados pelas inúmeras tentativas de alimentar a cria.

“Mandaram eu colocar o bico de silicone. Não tá ajudando. Agora tá muito machucado. Choro de dor.”

“Quer tentar?”

Ela pegou a filha amorosamente e aconchegou-a, aproximando-a do peito. A criança faminta e magra abocanhou o bico para sugar. Outra lágrima.

“Pega assim, não, filha! Aí que dor. Aí, não aguento!”

“Posso colocar minha mão para ajustar a posição dela?”

“Pode.”

Calcei uma luva e reposicionei seu corpinho miúdo, sua cabeça e a boquinha. O rosto de Rayane serenou.

“Aliviou.”

“Quem está te ajudando em casa?”

“Ninguém. Minha mãe tá quase me enlouquecendo. Fala que minha filha tá magra, que ela vai ter um troço, que tenho que dar um mingau.”

“E você? O que você quer fazer?”

“Meu sonho é ela pegar o peito. Mas já estou desistindo. Muita dor.”

“Você percebeu que colocando ela desta forma o incômodo melhora?”

“Muito.”

“Você acha que consegue fazer assim na sua casa hoje à noite e amanhã procurar o banco de leite aqui da cidade?”

“Consigo.”

“Posso deixar um retorno marcado pra você em dois dias pra gente ver como vocês duas estão?”

“Pode.”

A lata de farinha já está comprada. O leite de vaca já está na geladeira aguardando sua vez de adoecer aquela criança. Rayane está lutando bravamente. Eu fiz o meu melhor, mas suspeito que tenha sido pouco. É difícil ajudar uma mulher atravessando um puerpério sem parceiro, sem apoio, sem qualquer proteção social e sem nenhum dinheiro. Eu, às vezes, sinto ódio de muita gente. Pessoas poderosas que, apesar dos seus poderes, permitem que essas coisas aconteçam. Não sei mais o que me cura dessa dor.

153

Na cena descrita por Júlia, a avó de Alice não garante que Rayane possa se sentir segura na cena dos cuidados e Júlia assume o papel de ambiente estendido na consulta médica. Há desconforto por parte de Rayane, que precisa de apoio para fazer o encaixe perfeito com Alice. Era uma questão de empatia e ajuste. Alice mamou e talvez, para ela, a experiência de ser sido ajustada ao seio tenha sido apreendida como algo bom que atendeu ao seu gesto de ir em direção ao seio. Mas a mão de Júlia foi fundamental para o composto da experiência - a mão de alguém que não é a mãe porque a mãe está em apuros. A experiência total de Alice contemplou o seio e o corpo de Rayane e a mão de Júlia. É essa a noção de ambiente que defendemos.

Como já colocado nos capítulos anteriores, uma faceta desta complexa rede de cuidados ambientais apontada por Winnicott (1988) é o que se refere à linhagem de mulheres. Winnicott apresenta a ideia de que todas as mulheres pertenceriam à tríade formada pela bebê-menina, a mãe e a avó, de forma que a arena de cuidados geracionais estaria sempre presente – quando a bebê-menina é cuidada pela mãe esta o faz a partir dos cuidados recebidos pela avó, colocando na cena as três gerações. Isso não aconteceria com os meninos, que sempre são cuidados como unos, já que, por sua condição, não poderiam ser perpetuadores de cuidados.

Assim, com essa posição, Winnicott congelaria a mulher no papel específico de transmissão dos cuidados, como se essa linhagem não pudesse nunca ser quebrada. Se considerarmos que o que importa na transmissão de cuidados é a existência de uma pessoa que assuma o lugar de cuidador ou cuidadora em potencial, haveria sentido essa linhagem de mulheres? Essa ideia não perpetua a diferença marcada entre os sexos?

Com o entendimento amplo da feminilidade na obra de Winnicott, percebemos que a linhagem de mulheres está mais a serviço da elaboração imaginativa do corpo feminino do que necessariamente como uma estaca que determinaria que a mãe biológica é a única responsável pelos cuidados iniciais. Isso porque a ideia de ter uma vagina, reter e livrar-se de

¹⁵³ Júlia é médica e colunista da UOL. Esse texto foi publicado em suas redes sociais.

um bebê e cuidar é parte importante da instituição da feminilidade e esse entendimento está diretamente relacionado à relação de intimidade com a mãe, bem como às fantasias relacionadas ao interior do seu corpo. E é nesse sentido que a diferença sexual se colocaria.

A linhagem de mulheres da cena descrita por Júlia foi garantida, momentaneamente, pela entrada da médica-mulher-mãe. Assegurar-se que Júlia era uma mulher que sabia na posição de mãe foi mais importante que a relação com a mulher que sabia na posição de médica. A parte médica estava apta a cuidar de sintomas respiratórios; a parte mãe, de complicações com o puerpério. Rayane encontrou em Júlia a referência que sua própria mãe não pôde dar. Esse manejo garantiu por ora um ambiente possível.

5 Quarto degrau: a inveja do seio é anterior à inveja do pênis

Quando Winnicott se aprofunda nas vicissitudes do cuidado ambiental e faz uma depuração de como esta condição parental se coloca como a base para a construção da identidade, percebe em alguns pacientes que há um determinado tipo de dissociação da personalidade que se caracteriza pela entrada abrupta de um seio afoito e invasivo que faz e não permite que o bebê seja o seio, levando à uma organização defensiva, caracterizada por um sentimento crescente de inautenticidade (*falso-self* patológico).

Nesse sentido, ainda que o bebê não apreenda a situação desse forma ainda, o seio que faz produz um efeito de submissão no bebê imaturo, que reage sem poder sentir o seio como sendo ele mesmo.

No contexto winnicottiano, a condição de ser o seio é diferente de se relacionar com ele a partir de um mundo interno, introjetando e projetando elementos do seio, na dialética da inveja e da gratidão ou da culpa e da reparação. Ser o seio é uma experiência subjetiva anterior aos contornos que delimitam o eu e o outro, para que estas fronteiras não sejam vividas abruptamente como rupturas, impedindo que certa autenticidade seja mantida pelo bebê.

A inveja do seio em Winnicott estaria assim colocada a partir do *falso-self*, que opera mimetizando e atendendo às características do seio invasivo – “Te invejo porque você é! Eu não sou e nunca alcanço a possibilidade de ser”. Nessa condição, o *falso-self* se coloca no lugar do eu real e é tratado e usado como tal, inculcando um sentimento de futilidade e desespero por parte do indivíduo, nos casos mais extremos.

Segundo Roudinesco e Plon (1998), na visão freudiana, a inveja foi tratada principalmente para referir-se à inveja do pênis e à sexualidade feminina, enquanto que, na visão kleiniana, foi utilizada para designar as relações de amor e ódio, a partir da teia de projeções e introjeções que o bebê deposita nas relações iniciais com a mãe. Nesse contexto, a inveja estaria para o ódio assim como a gratidão estaria para o amor e apresentaria um caráter intensamente destrutivo¹⁵⁴.

Conforme propôs Freud, sabemos que a inveja do pênis nos remeteria a um estágio mais avançado no desenvolvimento emocional, ligado à fase fálica. A inveja do pênis seria constituinte da sexualidade feminina e seria colocada como o núcleo do complexo de castração, condição feminina para adentrar à trama edípica.

Como vimos no capítulo 2, Abraham (1924), ao relacionar a organização libidinal aos respectivos objetos de amor, aponta para as outras castrações vividas, anteriores à noção de ter ou não o falo, relacionando o seio ao pênis. Na sua visão, a primeira importante castração vivida pelo bebê é o desmame, que apontaria para uma dinâmica psíquica similar à castração fálica, porém vivida na fase oral. Na sequência, Klein (1927) dá ênfase à identificação primária do bebê com a mãe e aponta para os diversos ataques feitos ao corpo da mãe nos estágios iniciais, que fornecem a base para o superego arcaico e instituem a dinâmica da culpa e da reparação.

Desse forma, a inveja freudiana relaciona-se à fase fálica e ao complexo de Édipo, e a inveja kleiniana, ao mecanismo de introjeção e projeção presentes nas relações edípicas arcaicas em que o seio e o pênis são análogos. Em Winnicott, a inveja do seio é consequência da dissociação do *self*, da cisão entre o elemento feminino puro e o masculino puro, e se relaciona ao estabelecimento das bases da identidade, condição anterior à dinâmica edípica (freudiana e kleiniana¹⁵⁵).

¹⁵⁴ A questão da inveja em Freud e Klein é certamente um tema complexo e mereceria um aprofundamento. No entanto, o objetivo aqui é apresentá-la de maneira geral e introdutória na obra desses autores para que se possa diferenciá-la da proposição de Winnicott.

¹⁵⁵ Winnicott reconhece a importância do complexo de Édipo tal como descrito por Freud e o incorpora diretamente em sua teoria do desenvolvimento emocional, ainda que verifique a importância das etapas iniciais do desenvolvimento para que a trama edípica ocorra. Porém, em relação ao complexo de Édipo arcaico proposto por Klein, Winnicott afirma não ver sentido em antecipar a dinâmica edípica para períodos tão iniciais do desenvolvimento, em que não há a possibilidade do estabelecimento de relações de objeto (objetivamente percebido) entre três pessoas inteiras.

6 O topo da escada de Winnicott: o analista que cuida

Este tipo particular de inveja do seio apontado por Winnicott nos leva a condições anteriores à satisfação instintual, que exigem observação e manejo clínico de outra envergadura.

O caso B. foi um marco em direção a um avanço teórico-clínico de Winnicott, quando o analista pôde identificar um tipo específico de dissociação do *self*, originária da cisão entre o elemento feminino puro e o elemento masculino puro. A identificação com a mãe como objeto objetivamente percebido provocou um sistema de defesas no paciente que ressaltou a potência do seio e as posições de passividade e atividade de modo que o *modus operandi* passa a ser o da reação, na área da excitabilidade. Localiza-se, assim, no campo do falso-*self*. Vamos entender como.

De maneira geral, nos homens, essa falsa potência se ligaria ao desenvolvimento psicosssexual masculino, porém a partir da identificação com o aspecto masculino da mãe. Nas mulheres, a identificação com o elemento masculino da mãe acarretaria em um distanciamento da feminilidade. Haveria, assim, como no caso dos meninos, a mesma dinâmica de uma falsa sexualidade, porém com consequências distintas, já que sabemos que o caminho da sexualidade feminina é diferente do caminho da sexualidade masculina, apontando para a complexa gama de identificações e elaborações que precisam ocorrer a partir da relação de intimidade e de proximidade com o corpo da mãe.

Winnicott se dispôs a falar com a parte cindida de B., seu *self* feminino, e passou a estabelecer uma comunicação particular com esse aspecto de sua personalidade. Isso significa que, para além de reconhecer que um paciente esquizoide, por exemplo, não existe como pessoa inteira, é preciso também dar voz a outros aspectos dissociados de sua personalidade, que se ligaram à relação de excitabilidade com a mãe, em uma espécie de vida instintual vazia, apenas de fachada.

Nesse cenário, a problemática trazida por B. colocou Winnicott na condição do analista que dialoga com a parte cindida, o *self* feminino, que precisa encontrar formas de ser, para então se relacionar com o elemento masculino do objeto que faz e B. poder, assim, desejar e ser desejado como uma pessoa inteira. O manejo de Winnicott se atentou ao reconhecimento do *self* feminino.

A dificuldade de Winnicott para encontrar um conceito adequado para apresentar o que estava sendo vivido em sua clínica parece ter sido em virtude da constatação de que esse aspecto do *self* que se mostra cindido acentua a existência de uma sexualidade que parece se

manifestar a partir de elementos homossexuais. Quando Winnicott diz que é preciso dissecar ou destilar os elementos femininos e masculinos é para separar os aspectos da personalidade que se mostram misturados, ao longo do desenvolvimento emocional, e dão a impressão de homossexualidade latente, quando cindidos. Porém, como essa dissociação aponta para aspectos anteriores às fases pré-edípicas, não seria possível falar de homossexualidade e tratar a questão como tal. Em termos de acompanhamento do caso, primeiro trata-se da cisão, para depois seguir para outras questões que se apresentem a partir ou conectadas a esse ponto.

Esses elementos, quando integrados na personalidade, dão uma espécie de cola para a vivência da identidade e para a possibilidade posterior de dizer: “Eu sou um homem Y” ou “Eu sou uma mulher X”. O paciente B. só poderia alcançar a possibilidade de ser homem reconhecendo primeiro que havia uma parte de sua personalidade que queria ser como o elemento masculino da mãe.

É preciso dizer que com esse tipo de análise não temos a pretensão de determinar parâmetros normativos entre as diversas possibilidades e orientações que levam uma pessoa a dizer que se sente uma mulher transexual, um homem heterossexual e as inúmeras combinações possíveis.

Porém, para além da normatividade, estamos apontando para questões identitárias que se apresentam na clínica e se mostram como um entrave para a vivência da sexualidade plena – no sentido de ser vivida como real e autêntica pela pessoa. Nos deparamos então com outra problemática ligada à sexualidade, diferente da proposta por Freud. A que nos remete às bases da identidade e se relaciona ao senso de si.

7 Subindo mais um degrau, com nossa própria escada: Winnicott no século XXI

Nos apropriamos da visão de Winnicott e abrimos uma fenda que nos transporta da segunda metade do século XX para o século XXI; do caso B. para os casos atuais atendidos em consultório.

Adentrando a passagem do tempo e fazendo Winnicott usar os nossos sapatos, cito duas situações:

- 1) Um homem transexual não operado (sem mudança de sexo) pariu seu terceiro filho, fruto de uma relação com um homem homossexual. Há um útero que traz um colorido diferente na relação entre dois homens, sem a presença de uma mulher no sentido estrito senso. Será que aquele que pariu assumirá os cuidados?

- 2) Um casal de mulheres lésbicas, ao decidirem ter filho, decidem entre elas quem entraria mais com a barriga e quem entraria mais com os cuidados, e concretizam a gravidez a partir do sêmen de um doador. Entre elas, foi necessário encontrar um certo equilíbrio narcísico; porque esta situação revela que, mesmo entre corpos dotados de útero, há de se fazer um acordo parental entre *quem é, faz o que e como faz* para que os cuidados estruturais sejam implementados. Nesta configuração, por ora, não existe homem, apenas sêmen.

Quando há oferta de sêmen no mercado do banco de esperma, de útero nas prateleiras que oferecem barriga de aluguel, e oferta de mudança de sexo que promete o encontro identitário, é sinal de que a contribuição anatômica se radicalizou e voltamos às discussões iniciais da psicanálise e ao início do século XX: A anatomia é o destino?

Por um lado, vimos que a apropriação de características físicas e anatômicas e o seu respectivo referencial simbólico são importantes para o estabelecimento do desenvolvimento psicosssexual tal qual descrito por Freud, que se preocupou em distinguir o objeto sexual, o alvo da pulsão e a libido.

Porém, quando adentramos a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott e apontamos para o processo de construção da identidade, iluminamos um aspecto das relações de objeto que distinguem o ser do fazer, trazendo em seu bojo as questões relativas à apropriação do corpo e sua anatomia a partir da elaboração imaginativa, incutindo sentido nas experiências do eu.

Podemos verificar que as construções teórico-clínicas de Winnicott oferecem caminhos para se pensar a existência de maneira destilada ou dissecada, isolando as diversas partes que compõem a identidade (incluindo a identidade sexual), que vão além do sexo (homem e mulher) e do gênero (masculino e feminino).

O entendimento das partes “puras” da identidade nos permite pensar que precisamos ser metaforizados pelos embalos do ambiente. E talvez o ambiente do século XXI se configure de formas distintas ao do lar comum de Winnicott. A dupla mãe-bebê que visitava o pediatra dos anos 50, 60 e 70 é substituída, em parte, pelo casal parental do século XXI e as diversas possibilidades discutidas hoje para a composição do ambiente de cuidados. Para ser uma psicanalista ou um psicanalista do século XXI é preciso também impregnar a teoria da visão contemporânea e incluir os diversos tipos de pacientes acometidos pelas questões identitárias e sexuais do nosso tempo.

Pelo percurso realizado até aqui nos perguntamos: É possível vislumbrar um caminho de pertinência da teoria de Winnicott, com aplicabilidade atual, libertando a MULHER da

condição de mãe para além do que quer a cultura? Podemos substituir a MULHER pela dependência dos cuidados iniciais ou pela ideia de existir um adulto afetivamente responsável? Quais serão as implicações identitárias e sexuais para as crianças geradas pelo casal 1, citado anteriormente: o útero do pai transexual entrará na conta da feminilidade? Os hormônios transformadores do aparato biológico serão representativos de que tipo de corpo? E no casal 2? A ausência de pênis trará alguma implicação?

Winnicott é um autor difícil de ser compreendido por não fornecer um sistema teórico organizado. O que apresentamos até aqui é fruto de muitas elaborações próprias deste trabalho, correndo o risco de incorrer em interpretações pessoais sobre sua obra.

Avesso ao dogmatismo e um grande incentivador da expressão pessoal, Winnicott sugeriu, em conversas com Melanie Klein, que apreciava a possibilidade de uma nova linguagem ser utilizada para explicar os fenômenos em psicanálise, reconhecendo a dificuldade que se colocava nas discussões da Sociedade Britânica, quando parecia existir uma determinação em seguir a linguagem kleiniana:

Pessoalmente, acho que é muito importante que seu trabalho seja reafirmado por pessoas que façam descobertas à sua própria maneira e que apresentem o que descobrem em sua própria linguagem. É deste modo que a linguagem será mantida viva. Se você estipular que no futuro apenas a sua linguagem será usada para expressar as descobertas de outra pessoa, então a linguagem se torna uma linguagem morta, como já se tornou na Sociedade... Estou preocupado com essa estrutura, que poderia ser chamada kleiniana, que acredito ser o real perigo para a difusão do seu trabalho. Suas ideias sobreviverão na medida em que forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais, dentro e fora do movimento psicanalítico... O perigo é... que o círculo desenvolva um sistema baseado na defesa da posição conquistada pelo trabalhador original, neste caso você mesma... Você é a única que pode destruir essa linguagem chamada doutrina kleiniana e kleinismo, e tudo isso com um objetivo construtivo. Se você não a destruir, então este fenômeno artificialmente integrado tem de ser atacado destrutivamente. *Isto convida ao ataque e, como tentei assinalar, a infeliz sentença da sra. Riviere, apesar da introdução excelente, coloca a questão em termos que podem ser citados por pessoas que não são necessariamente os inimigos de suas ideias, mas são inimigos de sistemas.* [grifos nossos] (1987b, p. XXI).¹⁵⁶

Constatou-se, após percorrer os conceitos fundamentais propostos por Winnicott, que sua forma de falar sobre a MULHER, a mãe, a mulher e o feminino apontam para uma linguagem própria, influenciada por um caráter político representativo de sua época.

¹⁵⁶ Os grifos referem-se a ajustes que foram realizados na versão traduzida consultada. Percebemos que continham equívocos que foram corrigidos a partir da versão em inglês. (Winnicott, 1987b).

Dessa forma, conforme as questões colocadas aqui, sugere-se que a história da psicanálise siga seu curso e chegue ao momento contemporâneo, podendo se apropriar do sentido da fala de Winnicott e adequá-la, ao modo atual de ser-estar, para que a linguagem se mantenha viva e sobrevivendo. Seguiremos, então, os conselhos de Winnicott, instigados a fazer uma revisão de seus conceitos à luz do contemporâneo.

E assim, finalmente, após percorrer o caminho ao topo, já estamos aptos para abandonar os andaimes e as escadas. Olhamos à frente, contemplamos o horizonte e seguimos, gratos por termos tido esta visão.

8 Considerações finais

Do ponto de vista teórico-clínico, Winnicott acrescentou às relações de objeto e ao desenvolvimento psicosexual o componente identitário não instintual como impulso existencial, entrelaçado pelos diferentes modos de relação entre bebê e ambiente. Nesse percurso, sem negligenciar a vida instintual, apresentou um caminho especificamente feminino na construção da experiência de ser mulher, que vai desde a integração dos elementos feminino e masculino puros como pré-condição para o estabelecimento da identidade até a importância das etapas pré-edípicas na elaboração imaginativa da vagina, de forma que, no seu entendimento, a sexualidade feminina não é redutível ao complexo de Édipo e à inveja do pênis.

Esssas contribuições ampliaram a clínica psicanalítica e, assim, a experiência promovida pelo analista ao paciente no *setting* passa a ser a de ambiente cuidador em tempo real, promovendo experiências de dependência em diversos graus e a integração de elementos cindidos da personalidade, para além dos casos tipicamente ligados à triangulação edípica, mas sem deixar de considerá-los.

Ao formular os conceitos de elemento feminino puro e elemento masculino puro, Winnicott está preocupado com o fenômeno clínico e, por mais que reconheça a confusão gerada por eles, entende que subiu alguns degraus no entendimento de estágios anteriores às relações de objeto (objetivamente percebido), em que a imaturidade da natureza humana ao nascer é tamanha que confrontar e ser confrontado por elementos não-eu é causador de ansiedades intensas. Essas, por sua vez, aparecem na clínica quando o paciente não pôde atingir um estágio de maturidade que o permitisse se apropriar da satisfação instintual e tão pouco das posições de passividade e atividade presentes nas relações interpessoais. Nesses

casos, há de se incorporar à clínica do *fazer* a clínica do *ser*; à clínica das relações de objeto (objetivamente percebido) a clínica dos objetos subjetivos e transicionais; à clínica do elemento masculino puro a clínica do elemento feminino puro.

O autor, ao se aprofundar nos conceitos de elemento feminino puro e elemento masculino puro e reconhecer que a base da identidade é o elemento feminino transgeracional presente em homens e mulheres, abre a possibilidade para pensarmos que: a experiência de ser mulher se faz suficiente em si, assim como a paternidade não é o principal destino dos homens; todas as pessoas podem seguir em transmissão do elemento feminino puro, de geração para geração, sem que seja necessariamente uma mulher, já que o foco é na provisão ambiental e não nas determinações biológicas.

Do ponto de vista sócio-cultural, Winnicott apresenta a ideia de lar comum e da mãe de classe média britânica, apta na maioria das vezes (segundo sua visão pessoal) para exercer a maternagem e assim assegurar que o tecido democrático se estabeleça. Essa posição nos leva a algumas indagações: “Estaria nas mãos das mulheres a responsabilidade para estruturar uma nação? Como implementar um sistema democrático via cuidado materno em países marcados pelo colonialismo e pela desigualdade social?”.

Com isso, há um dilema colocado na teoria de Winnicott que permanece até os dias atuais: em uma direção, o autor aponta a maternidade como uma função social que as mulheres comuns deveriam exercer para manter o tecido social democrático; e, em outra direção, como uma questão individual de cada mulher, dependendo de suas condições para isso e de seu desejo.

O puerpério de uma favelada nos mostrou como o conceito de ambiente é fundamental, mostrando-se como uma oferta psicológica, social e política contra a perpetuação da culpa entre as mulheres que não podem oferecer devoção aos seus filhos, principalmente as marginalizadas.

Adicionalmente, reconhecer que o ambiente é formado por no mínimo duas pessoas responsabiliza um terceiro que entraria como parte integrante da parentalidade. Em um sentido amplo, pensando na ideia do lar comum como a base para o tecido social, pode-se pensar no Estado como um ambiente estendido, responsável por oferecer condições para que o lar comum saudável se estabeleça.

Desta forma, finalmente, com os desenvolvimentos sobre a identidade feminina aqui apresentados, podemos concluir que ao tratar o tema da identidade pela ótica do elemento feminino puro, Winnicott nos mostra que há aspectos da constituição do *self* que devem ser considerados nas discussões atuais sobre sexualidade e gênero. Esses aspectos se ocupam de

entender como o senso de si mesmo interfere na vivência da sexualidade e seus efeitos no psique-soma, seja no campo da feminilidade, da masculinidade ou mesmo de discussões como as trazidas pela teoria *queer*, que defendem a pluralidade e o gênero não binário, mas que ainda assim, colocam como devir a busca de uma vivência singular e pessoal da sexualidade¹⁵⁷.

Portanto, esperamos que este trabalho não tenha delimitado fronteiras rígidas entre o feminino e o masculino, a mulher e o homem e que possa servir de inspiração para pensar diferentes formas de existência, híbridas, não normativas e por diversas vezes complexas para serem compreendidas por apenas um referencial teórico.

¹⁵⁷ Para um entendimento mais aprofundado sobre o tema, recomenda-se a leitura introdutória do livro de Sara Salih: *Judith Butler e a Teoria Queer*, traduzido por Guacira Lopes Louro.

Referências¹⁵⁸

- Abram, J. (1996). *The Language of Winnicott. A dictionary of Winnicott's Use of Words*. London, United Kingdom: Karnac Books. New Jersey: Jason Aronson Inc, 2007.
- Abram, J. (2008). Donald Woods Winnicott (1896–1971): A brief introduction. *The International Journal of Psychoanalysis*, 89(6), 1189-1217.
- Abraham, K. (1922): Manifestations of the female castration complex. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 51-75). London: Karnac, 2015.
- Abraham, K. (1924): Origins and growth of object love. *Female Sexuality the early psychoanalytic controversies* (pp. 76-92). London: Karnac, 2015.
- Amorim, P. M., & Belo, F. R. R. (2017). A monogamia na obra de Freud. *Cadernos de Psicanálise* (CPRJ), 39 (36 jan/jun), 199-219. Recuperado de: http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/40/118
- Andrade, C. D. (2001). Campo de flores. *Antologia poética*.
- Andrade, R. de O. (2017): A face feminina da Psicanálise. *Revista Pesquisa FAPESP*. ed. 254. Recuperado de: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2017/04/19/a-face-feminina-da-psicanalise/>.
- Alexander, S., & Taylor, B. (Eds.). (2012). *History and Psyche: Culture, Psychoanalysis, and the Past*. New York: Palgrave Macmillan.
- Appignanesi, L., Forrester, J., de Castro, N. V., & de Sousa Silva, S. M. (2010). *As mulheres de Freud*. Rio de Janeiro: Record.
- B.B.C. *Archive 4: From Donald Winnicott to the Naughty Step*. Recuperado de: <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/b01s7v7b>
- Bonaparte, M. (1934): Passivity, masochism and femininity. In *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 266-274). London: Karnac, 2015.
- Birman, J. (2016): *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Caldwell, L., & Robinson, H. T. (2019). The Enduring Significance of Donald W. Winnicott: General Introduction to the Collected Works (p. 1-26). *Twelve Essays on Winnicott. Theoretical Developments and Clinical Innovations*. London, United Kingdom: Oxford University Press.
- Ceccarelli, P. R. (org.) (1999). *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta.

¹⁵⁸ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association.

- Cintra, E. M. de U. & Figueiredo, L. C. (2003): *Melanie Klein: Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- Cintra, E. M. de U. & Figueiredo, L. C. (2008): *Melanie Klein* (Folha explica).
- Cintra, E. M. de U. & Ribeiro, M. R. (2019): *Melanie Klein na psicanálise contemporânea teoria, clínica e cultura*. São Paulo: Zagodoni.
- Corbain, A. (1999): Gritos e cochichos. *História da Vida Privada* (pp. 563-611).
- Deutsch, H. (1924): The psychology of women in relation to the functions of reproduction. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 93-106). London: Karnac, 2015.
- Deutsch, H. (1929): The significance of masochism in the mental life of women. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 183-194). London: Karnac, 2015.
- Deutsch, H. (1932): On female sexuality. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp 220-240). London: Karnac, 2015.
- Dias, E. O. (2012): *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. 2ª Edição. São Paulo, SP: DWW Editorial.
- Dias, F. C. (2015). O conceito de saúde nos estágios primitivos da teoria do processo de amadurecimento de Winnicott: a dependência absoluta. *Winnicott ePrints. Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana*, 10(2).
- Dias, F. C. (2018). Objeto subjetivo e a clínica das psicoses. *Jornal de Psicanálise*, 51(95), 105-118.
- Dias, F. C. & Fulgencio, L. (2020). Mulher, o mal necessário da psicanálise. *Percurso*, Ano XXXII, n. 64, 125-130.
- Dias, F. C. (Produtora), & Marques, M. S. (Diretor). (2020). *Análise histórico-crítica dos comentários de Winnicott sobre a mulher* [Vídeo publicado no Youtube]. São Paulo. Recuperado de: https://youtu.be/YgdRPb_c5JU
- Fenichel, O. (1931): The pregenital antecedents of the Oedipus complex. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 195-219). London: Karnac, 2015.
- Freud, S. (1900a). The Interpretation of Dreams In: *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Tradução de James Strachey et al. London: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1905d): *Three Essays on the Theory of Sexuality*. (trad. James Strachey). London: Imago Publishing Co., 1949.
- Freud, S. (1905d): Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Freud, S. (1924d): A dissolução do complexo de Édipo. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 100-106). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1925j): Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 143-153). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1931b): Sexualidade feminina. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 134-149). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1933a): Feminilidade. Conferência 23. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 74-91). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Fontane, T. (1894). Effi Briest. *Sämtliche Werke*. 2: 173-174.
- Fulgencio, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud, *Natureza Humana*, v. 5, n. 1, janeiro-julho 2003, 127-164.
- Fulgencio, L. (2014). Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. *Estilos da Clínica*, 19(1), 183-198.
- Fulgencio, L. (2016). *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodoni.
- Fulgencio, L. (2020). *Psicanálise do Ser*. A Teoria Winnicottiana do Desenvolvimento Emocional como uma Psicologia de Base Fenomenológica. São Paulo: EDUSP-FAPESP.
- Gay, P. (1989). A mulher, o continente negro. *Freud: uma vida para o nosso tempo* (pp. 454-474). São Paulo: Companhia das Letras.
- Gay, P. (1995). *O cultivo do ódio: a experiência burguesa, da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia das Letras.
- Grigg, R.; Hecq, D. & Smith, C. (1999). *Female sexuality: the early psychoanalytic controversies*. London: Karnac, 2015.
- Horney, K. (1925): The fight from womanhood: the masculinity complex in women, as viewed by men and women. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 107-121). London: Karnac, 2015.
- Horney, K. (1932): The dread of women observations on a specific difference in the dread felt by men and women respectively for the opposite sex. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 241-252). London: Karnac, 2015.
- Horney, K. (1933): The dencontroial of the vagina: a contribution to the problem of the genital anxieties specific to women. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 253-265). London: Karnac, 2015.
- Hunt, L. (1999). Revolução Francesa e vida privada. *História da vida privada*. 4: 21-52.

- IBGE. *Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica*, n38. Recuperado de: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf
- IPEA, UNIFEM. *Retrato das desigualdades*. Brasília 2ª Edição, 2006. Recuperado de: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/segundaedicao.pdf>
- Jemstedt, A. (2019). Being, Creativity, and Potencial Spacce, 1969-1971 (pp. 165-177). *Twelve Essays on Winnicott. Theoretical Developments and Clinical Innovations*. London, United Kingdom: Oxford University Press, 2019.
- Jones, E. (1927): The early development of female sexuality. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 133-145). London: Karnac, 2015.
- Jones, E. (1935): Early female sexuality. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 275-285). London: Karnac, 2015.
- Kabesh, A. T. (2019). *Twelve Essays on Winnicott. Theoretical Developments and Clinical Innovations*. London, United Kingdom: Oxford University Press, 2019.
- Kant, I. (1781). *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.
- Kanter, J. (2000). The untold story of Clare and Donald Winnicott: *How social work influenced modern psychoanalysis*. *Clinical Social Work Journal*, 28(3), pp. 245-261. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1005179617180>
- Klein, M. (1927): Early stages of Oedipus conflict. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 146-158). London: Karnac, 2015.
- Khan, M. M. R. Introduction. In *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis* (pp. XI- XXXIX). New York: Basic Books INC. Publishers, 1975.
- Lampl-de Groot, J. (1928): The evolution of the Oedipus complex in women *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 159-171). London: Karnac, 2015.
- Laubender, C. (2019). From the bomb to Apollo 13: Bowlby and the Cold War. *The psychologist*. Vol. 32, pp. 76-79. Recuperado de: <https://thepsychologist.bps.org.uk/volume-32/july-2019/bomb-apollo-13-bowlby-and-cold-war>
- Leites, E. (1987). *A consciência puritana e a sexualidade moderna*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Lejarraga, A. L. (2015). *Sexualidade infantil e intimidade: diálogos winnicottianos*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Lienhard, F. (1901). *Neue Ideale nebst Vorherrschaft Berlins*. 1913: 16.

- Loparic, Z. (1995a). Winnicott e Heidegger: afinidades. *Boletim de novidades*, n. 69, 53-60.
- Loparic, Z. (1997a). Winnicott: uma psicanálise não edipiana. *Percurso*, 9(17), 41-47. Reeditado em 1997: *Revista de Psicanálise da SPPA*, 4(2), 375-387.
- Loparic, Z. (1998). Psicanálise: uma leitura heideggeriana. *Veritas*, 43(1), 25-41.
- Loparic, Z. (1999b). Heidegger and Winnicott. *Natureza humana*, 1(1), 103-135.
- Loparic, Z. (2001b). Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, 11(2), 7-58.
- Loparic, Z. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Natureza humana*, 7(2), 311-358.
- Loparic, Z. (2006). De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. In: *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo: DWW editorial, 2011.
- Moraes, A. A. D. R. E. (2008). Winnicott e o Middle Group: a diferença que faz diferença. *Natureza humana*, 10 (1), 73-104. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v10n1/v10n1a04.pdf>
- Morais, F. D. C. (1999). *A evolução da modernidade na filosofia e na literatura: A literatura vitoriana como tradução moralizante no ensino de uma época*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Müller, J. (1925): A contribution to the problem of libidinal development of the genital phase in girls. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 124-128). London: Karnac, 2015.
- Müller, C. (1926): The genesis of the feminine super-ego *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 129-132). London: Karnac, 2015.
- Ophuijsen, J. H. van. (1917): Contributions to the masculinity complex in women. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 19-29). London: Karnac, 2015.
- Perrot, M., D. Bottmann, et al. (1999). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Person, E. & Ovesey, L. (1999). Teorias psicanalíticas da identidade de gênero. *Diferenças sexuais*, (pp. 121-150).
- Puerpério de uma favelada* [Texto publicado no Facebook]. Recuperado de: <https://www.facebook.com/juliapamed/posts/1906363086187340>
- Reeves, C. (2019). “Two makes one, then one makes two”: Early Emotional Development, 1939-1945 (pp. 45-62). *Twelve Essays on Winnicott. Theoretical Developments and Clinical Innovations*. London, United Kingdom: Oxford University Press, 2019.

- Ribeiro, P. de C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Editora Escuta.
- Ribeiro, M. F. R. (2011). *De mãe em filha. A transmissão da feminilidade*. 1 ed. v1. São Paulo: Editora Escuta.
- Riviere, J. (1929): Womanliness as a masquerade. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 172-182). London: Karnac, 2015.
- Rosa, C. D. (2011). *As falhas paternas em Winnicott*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora
- Safra, G. (2009). Os registros do masculino e feminino na constituição do self. *Jornal de psicanálise*, 42(76), 77-89. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v42n76/v42n76a06.pdf>
- Salih, S. (2019). *Judith Butler e a Teoria Queer*. (1a ed., G. Lopes Louro, trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- Santana, L. W. A. & E. C. Senko (2016). Perspectivas da era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. *Revista Diálogos Mediterrânicos* (10): 189-215. Recuperado de: <http://www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/209/216>
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Companhia Editora Nacional.
- Segal, H. (1983). *As ideias de Melanie Klein*. Cultrix.
- Spelman, M. B. (2013a). *The Evolution of Winnicott's Thinking: Examining the Growth of Psychoanalytic Thought Over Three Generations*. London, United Kingdom: Karnac Books.
- Spelman, M. B. (2013b). *Winnicott's Babies and Winnicott's Patients: Psychoanalysis as Transitional Space*. London, United Kingdom: Karnac Books.
- Stärcke, A. (1920): The castration complex. *Female Sexuality: the early psychoanalytic controversies* (pp. 30-50). London: Karnac, 2015.
- Veloso, C. (1977). Tigresa [Letra de música]. In *Bicho*. Recuperada de: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44781/>
- Wallace, W. R. (1865). *The hand that rocks the cradle is the hand that rules the world*. Poet's Corner.
- Winnicott, D. W. (1942a). Child department consultations. *International Journal of Psycho-Analysis*, 23, (pp. 139-146). Recuperado de: <https://www.pep-web.org/document.php?id=ijp.023.0139a>

- Winnicott, D. W. (1945a). Getting to know your baby. In *The child, the family and the outside world* (pp. 19-24). New York: Perseus Publishing, 1992.
- Winnicott, D. W. (1945f). Their Standards and Yours. In *The child, the family and the outside world* (pp. 119-123). New York: Perseus Publishing, 1992.
- Winnicott, D. W. (1945g). O pensar e o inconsciente. In *Tudo começa em casa* (pp. 133-134). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1945i). What About Father? In *The child, the family and the outside world* (pp. 113-118). New York: Perseus Publishing, 1992.
- Winnicott, D. W. (1946b). Aspects of Juvenile Delinquency. In *The child, the family and the outside world* (pp. 227-231). New York: Perseus Publishing, 1992.
- Winnicott, D. W. (1947b). Further Thoughts on Babies as Persons. In *The child, the family and the outside world* (pp. 85-92). New York: Perseus Publishing, 1992.
- Winnicott, D. W. (1950a). Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”. In *Tudo começa em casa* (pp. 189-204). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1956a). Clinical varieties of transference. In *Through Pediatrics to Psychoanalysis* (pp. 295-299). New York: Basic Books, INC.
- Winnicott, D. W. (1957n). A Man Looks at Motherhood. In *The child, the family and the outside world* (pp. 15-18). New York: Perseus Publishing, 1992.
- Winnicott, D. W. (1957o). The mother’s contribution to society. In *Home is where we start from: Essays by a psychoanalyst* (pp. 151-157). New York and London: WW Norton & Company, 1990.
- Winnicott, D. W. (1957o). A contribuição da mãe para a sociedade. In *Tudo começa em casa* (pp. 97-100). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1958a). *Through paediatrics to psycho-analysis*. New York: Basic Books, INC. Publishers, 1975.
- Winnicott, D. W. (1963b). The development of the capacity for concern. *Bull Menninger Clin.*, 1963, 27. In 1965b (73-82), 1984a (100 -105).
- Winnicott, D. W. (1963d). Morals and Education. In *The Maturation Process and the Facilitating Environment* (pp. 95-96). London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1965.
- Winnicott, D. W. (1965b). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London: Hogarth, 1965.
- Winnicott, D. W. (1965m). Ego distortion in terms of true and false self. In *The Maturation Processes and the Facilitating Environment* (pp.140-152). London: Hogarth, 1965

- Winnicott, D. W. (1971a). *Playing and Reality*. London and New York: Routledge, 2005.
- Winnicott, D. W. (1971f). O conceito de indivíduo saudável In *Tudo começa em casa* (pp. 17-30) (2a. ed). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1971g). Creativity and its origins. In *Playing and Reality* (pp. 87-114). London and New York: Routledge, 2005.
- Winnicott, D. W. (1971i). Interrelating apart from instinctual drive and in terms of cross-identifications. In *Playing and Reality* (pp. 160-185). London and New York: Routledge, 2005.
- Winnicott, D. W. (1971va). On the Split-off Male and Female Elements. In *Psycho-analytic Explorations* (pp. 168-192). New York: Routledge, 2018.
- Winnicott, D. W. (1983a). A preocupação materna primária. In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Winnicott, D. W. (1984a). *Deprivation and Delinquency*. London and New York: Routledge, 2005.
- Winnicott, D. W. (1984g) Assistência Residencial como terapia In *Privacão e delinquência* (pp. 249-258). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1984e). A liberdade In *Tudo começa em casa* (pp. 181-188). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1986a). *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Winnicott, D. W. (1986b). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1986c). Os muros de Berlim In: *Tudo começa em casa* (pp. 175-179). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1986f). Cure. In *Home is where we start from* (pp. 138-149). London: Karnac Books. 1996.
- Winnicott, D. W. (1986g). This feminism. In *Home is where we start from* (pp. 230-245). New York and London: WW Norton & Company, 1990.
- Winnicott, D. W. (1986g). Este feminismo In: *Tudo começa em casa* (pp. 143-151). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1986j). O lugar da monarquia In: *Tudo começa em casa* (pp. 205-211). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1986l). Discussão dos objetivos da guerra In: *Tudo começa em casa* (pp. 165-173). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1987b). *The spontaneous gesture: selected letters*. London: Harvard University Press, 1987.

- Winnicott, D. W. (1987b). *O gesto espontâneo*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990.
- Winnicott, D. W. (1988). *Human Nature*. London and New York: Routledge, 1988.
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990.
- Winnicott, D. W. (1989a). *Psycho-analytic Explorations*. New York: Routledge, 2018.
- Winnicott, D. W. (1989f). D.W.W. on D.W.W [1967]. [CW 8:1:2}
- Winnicott, D. W. (1989vk). The psychology of madness: A contribution from psycho-analysis. In *Psycho-analytic Explorations* (pp. 119-129). Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Winnicott, D. W. (1989xh). Aggression and its roots. In *Deprivation and Delinquency* (pp. 73-85). London and New York: Routledge, 2011.
- Winnicott, D. W. (1996a). *Thinking about children*. London: Karnac Books, 1996.
- Winnicott, D. W. (1996g). A clinical approach to family problems: the family. In *Thinking about children* (pp. 54-56). London: Karnac Books, 1996.
- Worthington, A. (2011) *Female homosexuality: psychoanalysis and queer theory*. PhD thesis, Middlesex University. Recuperado de: <http://eprints.mdx.ac.uk/7222/>